

Grupo pró-armas atua em gabinete de senadores

Maiores grupo armamentista do país, o Proarmas tem atuado no Congresso escrevendo propostas e até despachando do gabinete de parlamentares. Presidente da entidade, o advogado Marcos Pollon transita pelo Senado e tem atuado pela alteração da legislação de controle de armas, sob a justificativa de dar segurança jurídica a caçadores e colecionadores de armas. **Cotidiano B1**

Doria diz que deixa política e anuncia volta a setor privado

Política A9

Senado aprova texto para limitar ICMS sobre combustíveis

O Senado aprovou o projeto de lei que fixa teto de 17% ou 18% para alíquota de ICMS sobre combustíveis, energia, telecomunicações e transportes, itens tornados essenciais pela proposta, em vitória do presidente Jair Bolsonaro (PL) contra governadores. Porque foi alterado, o texto volta à Câmara. **Mercado A11**

Blogueiro e chef trocam acusações na Justiça

O blogueiro de gastronomia Júlio Bernardo processa por danos morais a chef Bel Coelho, que por sua vez o acusa de perseguição e misoginia. **Domício C1**

S. Herculano-Houzel: Jovens mal pagos, doutorandos são a ciência do Brasil

Folha Corrida B5

Equilíbrio B5: Estresse psicológico é gatilho para ataques cardíacos fatais, sugere novo estudo

Esporte B7: Entidade que regula o futebol fixa permissão de 5 substituições, criada na pandemia

Ilustrada C1: Disco duplo póstumo de Wilson das Neves fica pronto depois de anos de preparação

EDITORIAIS A2

Defesa e ataque
Sobre investida da pasta contra a Justiça Eleitoral.
O viável contra armas
A respeito de entendimento bipartidário nos EUA.



Roberto Cavallari/Folhapress

SP REGISTRA 0,7°C, E SEMANA SEGUE FRIA

Morador de rua se cobre no largo São Bento, centro; termômetros marcaram 0,7°C às 7h de segunda (13) em Marsilac, extremo-sul, e frio intenso deve ir até quinta (16). **Cotidiano B2**

Investigação vê pesca ilegal por trás de sumiço no AM

Hipótese foi reforçada por descoberta de pertences de Bruno Pereira e Dom Phillips; número de suspeitos cresce

Integrantes da Polícia Federal e da Polícia Civil afirmam que novas evidências reforçam a hipótese de o desaparecimento do indigenista Bruno Pereira e do jornalista britânico Dom Phillips estar relacionado a atividades ilegais de pesca e caça no Vale do Javari (AM). Informam Vinicius Sassine e Pedro Ladeira. O número de suspeitos foi ampliado.

Os investigadores em campo no Amazonas falaram sob condição de anonimato. As chances de encontrar com vida Pereira e Phillips, que desapareceram no dia 5 de junho durante viagem profissional, são exiguas; tampouco foram achados seus corpos até a conclusão desta edição. O trabalho ocorre sob sigilo, e nenhum novo nome foi revelado.

Por ora, apenas Amarildo Oliveira teve prisão temporária decretada no caso. A família diz que ele é inocente. Policiais apuram o financiamento da pesca e da caça ilegais pelo narcotráfico na tríplice fronteira do Brasil com a Colômbia e o Peru. O presidente Jair Bolsonaro afirmou ontem haver indícios de que "fizeram maldade" com os dois. **Política A4 e A5**



Indígenas em Atalaia do Norte (AM) protestam em defesa de seu território e por Bruno Pereira e Dom Phillips. **Pedro Ladeira/Folhapress**

Altamira (PA) lidera no Brasil emissão de gases-estufa

Estudo do Observatório do Clima mostra que o município paraense de Altamira foi o maior emissor do país de gases responsáveis pelo efeito estufa em 2019. A principal explicação apontada é o desmatamento. Só Rio de Janeiro e São Paulo estão fora da Amazônia entre as dez cidades com maior emissão. **Ambiente B6**

ONGs relatam política anti-indigenista da Funai

Sob a gestão Jair Bolsonaro (PL), a fundação não demarca territórios e persegue servidores e lideranças indígenas, afirmam entidades em relatório. **Política A6**

Michael França: Esquerda lembra direita para eleger mulheres e negros

Quando olhamos para o desequilíbrio racial e de gênero dos deputados eleitos em 2018 no Brasil, percebemos que o desempenho da esquerda foi equivalente ao da direita. Olhar para a distribuição dos recursos da campanha ajuda a ilustrar o mecanismo desigual dos bastidores do jogo político. **Mercado A21**

Fachin responde a ministro da Defesa e pede diálogo

O presidente do TSE, Edson Fachin, respondeu à cobrança de Paulo Sérgio Nogueira sobre as eleições em que ele diz que as Forças Armadas "não se sentem devidamente prestigiadas", e evitou ampliar crise com os militares. Fachin pediu diálogo e não repetiu argumento de que eleição é assunto civil. **Política A7**

ATMOSFERA
São Paulo hoje
19°
10°
6h 12h 18h 24h

semináriosfolha

WEBINAR **Saúde dos olhos**

Um assunto tão importante merece toda visibilidade

HOJE
15h

Assista ao vivo em
folha.com/saudedosoelhos

Saiba mais na página B3

Allergan
uma empresa Abbott

FOLHA
DE SÃO PAULO

opinião

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartzman,
Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano,
Patrícia Blanco, Patrícia Campos Meili, Persio Arida, Ronaldo Lemos,
Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (secretário)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral (finanças,
planejamento e novas negócios), Marcelo Benz (comercial), Anderson Demian
(mercado leitor e estratégias digitais) e Everton Fonseca (tecnologia)

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Defesa e ataque

Fachin evita embate após pasta dar nova mostra preocupante de alinhamento a Bolsonaro

Capitão reformado que deixou o Exército devido ao comportamento indisciplinado, Jair Bolsonaro (PL) sempre procurou associar-se ao estamento fardado, ora em busca de legitimidade, ora como instrumento de intimidação. Ao longo de seu embate com as instituições, que chegou ao paroxismo no Sete de Setembro passado e está colocado como uma variável central da eleição de outubro, o presidente sempre buscou usar as Forças Armadas em seu favor. Bolsonaro azeitou seu esforço com benesses, como cargos e reformas previdenciária e de carreira próprias. Porém houve atritos, como na crise que derrubou toda a cúpula militar e também o ministro da Defesa, em março de 2021. Já o titular seguinte da pasta, general Walter Braga Netto, adaptou-se tão bem que hoje é o favorito a ocupar a vaga de vice na chapa presidencial de Bolsonaro. Ele foi substituído pelo ex-comandante do Exército Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira, que agora reforça a recorrente carga bolsonarista contra o sistema eleitoral. O Tribunal Superior Eleitoral tentou desarmar o presidente da República ao chamar no ano passado os militares para participar de uma comissão sobre a transparência do pleito deste 2022. O ministro Oliveira retirou o Exército, representado na comissão por um general, do embate — e

avocou a si a interlocução. Àquela altura, o estrago estava feito: 88 perguntas haviam sido enviadas pelos fardados, boa parte delas em tom conspiratório descabido. O TSE tentou dar o assunto por encerrado, tendo acatado uma dezena de sugestões dos militares. Não deu certo: na sexta (10), a Defesa retornou o ataque com um ofício à corte elivado de insinuações sobre os rumos da eleição e com uma reclamação de desprestígio. “Até o momento, não houve a discussão técnica mencionada, não por parte das Forças Armadas, mas pelo TSE ter sinalizado que não pretende aprofundar a discussão”, dizia o texto tortuoso. A pasta não fala por toda a caserna, mas o ruído de lá emanado não deixa de causar desconforto. O ministério se rebaba ao servir de linha auxiliar da estratégia bolsonarista de espalhar suspeitas sobre as urnas eletrônicas, mesmo sem diapor de uma mísera evidência. O presidente do TSE, ministro Edson Fachin, preferiu contemporizar. Evitou o embate com as Forças Armadas, que tratou como uma das entidades habilitadas a acompanhar as eleições, e enalteceu o “diálogo interinstitucional”. O mesmo equilíbrio é esperado de Oliveira, ocupante de um posto fundamental da administração pública que não deveria estar envolvido na aventura do chefe que teme a derrota em outubro.

O viável contra armas

Acordo bipartidário oferece esperança de maior controle sobre o acesso aos produtos nos EUA

Na esteira da comoção causada pelos mais recentes morticínios nos Estados Unidos, um grupo de senadores democratas e republicanos anunciou um raro acordo bipartidário para restringir, ao menos parcialmente, o permissivo comércio de armas naquele país. Trata-se de passo significativo num tema que está entre os mais divisivos da sociedade americana. Em geral, os conservadores de lá veem nas armas um símbolo de autonomia individual, consagrado pela segunda emenda da Constituição. Qualquer tentativa de restringir esse direito é entendido como ingerência indevida do Estado na vida privada e uma violação de garantias fundamentais. Já as forças mais à esquerda defendem o aumento das restrições aos produtos. Seu principal e mais persuasivo argumento são as repetidas matanças de civis, crianças em particular, cometidas por atiradores que, sem maiores dificuldades, adquirem até rifles de assalto. A população apresenta-se dividida, com pequena maioria (52% na mais recente pesquisa Gallup) favorável a ampliar os controles, embora outros levantamentos tenham registrado percentuais mais elevados após os últimos ataques. No Congresso, onde o lobby ar-

mamentista tem presença forte, a cizânia partidária vem bloqueando há décadas qualquer avanço maior em torno da questão. Daí a importância do acordo consagrado no domingo (11). Assinada por dez senadores de cada legenda, a proposta é um caminho do meio entre as ambições democratas e as restrições republicanas. Dentre as medidas, o mais relevante talvez seja a que aumenta o rigor na verificação de antecedentes de menores de 21 anos, incluindo pela primeira vez registros de saúde mental e comportamento. O plano prevê ainda incentivos federais para que os estados promulguem as chamadas leis de bandeira vermelha, destinadas a retirar armas de fogo de pessoas consideradas uma ameaça a si mesmas ou a outros, além de ações de combate ao comércio ilegal. As intenções ainda precisam ser concretizadas em legislação, e discordâncias acerca de alguns detalhes podem atravancar o processo — para nada dizer da oposição de grupos pró-armas e de parlamentares refratários a mudanças. A despeito dos obstáculos, o acordo é visto como a melhor oportunidade em décadas para sustar o armamentismo no país. Cumpre fazer o possível, não aguardar o ideal.

Banca do Antifir
Telegram: <https://t.me/bancadoantfir>
Issuub: <http://issuub.com/user/book/1712>
Issuub: <http://issuub.com/user/book/41404>



Um presidente deplorável

Hélio Schwartzman

Ao que tudo indica, Bruno Pereira e Dom Phillips foram mesmo assassinados. Suas mortes são mais uma mácula que o Brasil coletivamente terá de carregar, ao lado das de Chico Mendes, Dorothy Stang e tantos outros. Mas será que dá para apontar o dedo para Jair Bolsonaro e responsabilizá-lo por essa tragédia? No plano das causas proximais, que são as que importam para o direito, o presidente é obviamente inocente. Até onde sabemos, Bolsonaro não mandou matar a dupla nem tem vínculos diretos com pessoas ou grupos que possam estar envolvidos no crime. Um dos problemas da região é a virtual ausência de Estado, o que torna difícil para o poder público prevenir homicídios. Mendes foi morto sob a gestão de José Sarney; Stang, quando Lula estava no comando. Bolsonaro, porém, sai mais abalrado do episódio do que seus antecessores. Para início de conversa, ele patrocinou uma política para a Amazônia que deu força a garimpeiros ilegais, madeireiros, grileiros e ou-

tros grupos que impõem seus interesses na marra, sem levar em conta direitos de terceiros. O assassinato é um caso extremo dessa lógica. Mas Bolsonaro também perde por não ter a menor noção de como comportar-se à frente do principal cargo político do país. Presidentes têm dupla função. Precisam ser capazes de montar um governo que funcione e também de liderar o povo, dando exemplos e se posicionando do lado moralmente correto diante das grandes questões. Isso significa que o presidente, por mais que flerte com o populismo, tem de seguir certos roteiros pré-estabelecidos. Numa pandemia, ele deve ser o primeiro a vacinar-se. Se ocorre um desastre natural, ele deve visitar a área afetada e mostrar sua solidariedade. Se um cidadão se vê envolvido num evento com potencial de tragédia, o presidente não pode em nenhum momento tentar culpar a vítima. Bolsonaro é ruim na parte do governo e deplorável no papel de bússola moral.

helio@uol.com.br

Quem matou Bruno e Dom?

Cristina Serra

No momento em que escrevo, esvalta-se a esperança de que o indígena Bruno Pereira e o jornalista Dom Phillips sejam encontrados com vida. A família do cidadão britânico teria recebido o aviso de que dois corpos foram localizados num dos pontos de busca do Vale do Javari, na imensidão da floresta amazônica, que eles tanto amaram. Quem os matou? Bruno e Dom foram mortos por todos os que incentivam o crime contra os povos indígenas, suas terras, a floresta, suas águas, bichos e plantas. Por aqueles que enfraqueceram os órgãos de fiscalização nos últimos anos, tirando-lhes verba e equipamentos, perseguindo e coagindo os servidores públicos. Como fizeram com Bruno, afastado da Coordenação Geral de Índios Isolados e Recém Contatados, em 2019. Bruno e Dom foram assassinados pelos que reduziram à míngua a presença do Estado na região, deixando o caminho livre para traficantes de drogas, madeireiros, garimpeiros, desmatadores, pescadores e caçadores que atizam atrelados à orga-

nizações criminosas. Foram assassinados pelo vazio deixado nas nossas fronteiras pelas Forças Armadas, muito mais ocupadas em atrapalhar as eleições. Também são assassinos todos os que ignoraram os apelos por segurança feitos pelos indígenas do Vale do Javari; aqueles que, no comando de órgãos públicos, poderiam ter tomado alguma providência e mantiveram-se inertes. Os indígenas mandaram ofícios em abril e maio para Polícia Federal, Força Nacional de Segurança e Funai. Os algarzes de Bruno e Dom são também os que atacam o jornalismo e agredem jornalistas. A Amazônia sempre foi um pedaço abandonado do Brasil, é verdade. Mas nunca, como agora, o crime encontrou condições tão favoráveis para agir impunemente e com total desenvoltura. Com seu discurso de ódio contra os indígenas e contra quem os defende, Bolsonaro funciona como anabolizante das milícias da floresta. Ele e todos os que o sustentam no poder têm as mãos manchadas com o sangue de Bruno e Dom.

Liberdade fardada

Alvaro Costa e Silva

O que diz o ministro da Defesa, tão preocupado com as urnas eletrônicas, sobre a nova tentativa de golpe programada para Sete de Setembro — a 26 dias das eleições? Paulo Sérgio Nogueira sente-se prestigiado a participar de ataques aos ministros do STF e TSE? O general mandará às ruas tanques fumacentos? Comandará a retirada de oxigênio da população para manter a liberdade fardada? Havendo golpe para invalidar a votação desfavorável a Bolsonaro, será um movimento militar. O presidente se transformará num mito banal. Um ditador de mentira (tudo a ver, para quem sempre viveu mentindo), que poderá ser descartado a qualquer momento. Para a eventualidade, haverá um vice-presidente que é general, óbvio. Na chapa que concorre com as bênçãos do centrão e as mãos manchadas com o sangue de Dom Phillips e Bruno Pereira, o escolhido é Walter Braga Netto, que deixou o cargo de ministro da Defesa. A articulação golpista abrange um plano com a presença de militares

Naufrágio geral

Preto Zezé

Presidente Nacional da Cufa, escritor e membro da Frente Nacional Antirracista

Quando pequeno, dona Fátima, minha mãe, me levava ao supermercado. Era um momento de muita angústia — embora disfarçasse bem com uma falsa alegria —, que meus desejos de tomar um iogurte, comer um hambúrguer ou uma simples pizza que eu via somente na TV alimentavam, com a esperança de um carrinho de compras que voltasse para casa com esses desejos de consumo realizados. Ao chegar ao caixa, se iniciava a primeira etapa da angústia, que era torcer para que a pouca grana conseguisse levar o básico; a segunda, mais dolorosa, era contar as compras e torcer para que elas ultrapassassem a terceira lista, o que nunca ocorria. A fome é mais que uma dor física. Eu já senti, já vivi, não li em lugar algum. Ela corrompe toda a crença numa ideia de coletividade, de possibilidade de pertencer a algo que minimamente consideremos sociedade. Infelizmente, chegamos aos dias de hoje com 33 milhões de pessoas que nem sequer poderão contar as compras do carrinho, vidas humanas, patriotas, que não sabem o que terão no almoço, na janta ou no café para dar aos seus filhos. Queríamos um mundo ideal, mas, infelizmente, iremos lançar a terceira etapa do programa Mães da Favela, que nos últimos dois anos, com apoio de 150 empresas, arrecadou R\$ 870 milhões, atendendo a 16 milhões de pessoas. A Cufa (Central Única das Favelas) criou o Mães da Favela no início da pandemia e o dividiu em duas fases. Além de grandes empresas e da sociedade civil, envolvemos clubes de futebol, escolas de samba e grandes artistas, pois acreditamos que o combate à fome é uma luta e um dever social de todos. Agora estamos, mais uma vez, arregaçando as mangas com esses números assustadores de tantas pessoas passando fome, com o intuito de atenuar o sofrimento desses brasileiros, como fizemos em 2020 e em 2021, sendo reconhecidos por isso internacionalmente. Ações realmente patrióticas são não deixar nenhum irmão ou irmã passar fome e quebrar de vez esse ciclo de violência do projeto político chamado fome. Pois não podemos, com tanta riqueza, aceitar essa situação calamitosa como acidente. A fome é um projeto político e violento. Vemos a tecnologia avançando, homens ricos pensando em colonizar outros planetas, o desperdício de alimentos sendo oito vezes o tamanho da fome. É preciso urgentemente agir por todas as frentes necessária para enfrentar esse fogo que não queima as elites. Sabemos que o naufrágio é geral, mas o afogamento é seletivo. Não podemos deixar nossos pares sem bolas. Mãos à obra. Mulheres e crianças primeiro!

TENDÊNCIAS/DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com essa natureza não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Não desisti do Brasil

Os eleitores não são culpados pelo dilema no qual o país se encontra

João Doria

Empresário, ex-governador de São Paulo (jan 2007 a março) e ex-prefeito de São Paulo (jan 2007 a abril 2010) pelo PSDB

Eu não desisti do Brasil. Ao contrário, tenho convicção do potencial que temos para superar nossos problemas históricos. Tenho orgulho de uma vida pública íntegra, com resultados expressivos para o povo de São Paulo. Tanto na capital quanto no estado, com o apoio de uma equipe competente, nós crescemos, geramos milhões de empregos e entregamos obras consideradas impossíveis, como a despoluição do rio Pinheiros. Com competência e seriedade provei que é possível governar para todos, resolver os mais graves desafios e deixar um legado emblemático de realizações. Não economizei esforços e fui até a China estabelecer uma parceria com um dos maiores laboratórios do mundo para comprar a vacina que salvou milhões de brasileiros. Foram 124 milhões de imunizantes contra a Covid-19. Salvamos vidas e a nossa economia.

Diante desse legado, tenho recebido inúmeras manifestações de apoio de pessoas lamentando minha saída da corrida presidencial. Diversos analistas afirmam que, sem uma candidatura forte, a chance de a eleição terminar no primeiro turno aumenta significativamente. Estamos diante do dilema de dar um passo para trás com alguém que não teve pulso para combater a corrupção ou manter um governo que é comprovadamente ineficiente em todas as suas áreas de atuação. Um verdadeiro desgoverno, que se sustentou pelo ódio, por uma máquina de destruição de reputações, pelas fake news e que hoje contesta sua própria rejeição pública. Não há dúvidas de que se o presidente estivesse em primeiro lugar nas pesquisas não haveria nenhuma contestação às urnas eletrônicas, por exemplo.

O que ele e seus seguidores comemoram é a própria realidade. O brasileiro não é culpado pelo dilema no qual se encontra. Não foram os brasileiros que permitiram desvios de dinheiro público. Tampouco foram os brasileiros que escolheram negar a ciência, a vacina e negligenciaram o atendimento às vítimas da Covid. Não se pode culpar o eleitor pelos erros dos seus governantes. O eleitor achou que estaria escolhendo o melhor caminho. Foi traído pelos últimos governos populistas. E os mais pobres é que estão pagando o preço mais alto desta crise. Não há dúvida de que precisaremos de mais tempo para que o pêndulo político deixe de variar da esquerda para a direita, da direita para a esquerda,

para depois parar no centro, que é o caminho do equilíbrio.

Desde que decidi deixar de ser candidato à Presidência da República tenho me colocado à disposição para colaborar com reflexões para o nosso país. Estou certo de que colocar o Brasil no rumo certo é uma tarefa possível, uma questão de competência e compromisso com valores que superam diferenças ideológicas. A solução para o Brasil está longe dos radicalismos. Penso que, em breve, estaremos maduros para priorizar políticas públicas sociais que corrijam desigualdades, gerando empregos, renda e riqueza para os brasileiros. Também tenho maturidade com um compromisso liberal, que tire das costas do Estado empresas e instituições que são ineficazes, desfeticárias ou mal geridas para entregá-las a uma gestão privada com o compromisso de fazê-las funcionar.

É possível crescer economicamente distribuindo renda e fazendo justiça social. Tornar o Estado mais eficiente nas áreas onde ele precisa ser eficiente. É possível, sim, um Estado que internacionalmente seja multilateral, que respeite o meio ambiente, que diminua desigualdades, que tenha sensibilidade pela cultura e pela ciência, mas que também tenha responsabilidade fiscal, que respeite os pilares que sustentam nossa economia. É possível, sim, trocar o populismo por eficiência. E sempre, absolutamente sempre, respeitando a liberdade e a democracia.

Estarei atento e pronto a colaborar para a construção de um país melhor, seja na iniciativa privada ou na vida pública. Meu propósito sempre foi e sempre será fazer o certo, fazer bem feito, com esmero e transparência. Alguns podem chamar isso de perfeccionismo, mas prefiro chamar de amor pelo Brasil.

[...]

Sem uma candidatura forte, a chance de a eleição terminar no primeiro turno aumenta significativamente. Estamos diante do dilema de dar um passo para trás com alguém que não teve pulso para combater a corrupção ou manter um governo que é comprovadamente ineficiente em todas as suas áreas de atuação

A ararinha-azul e o Estado

Salvação da espécie é exemplo eloquente de parceria com a iniciativa privada

José Olympio Pereira

Presidente da Fundação Sibel de São Paulo, é membro do Conselho da SOS Mata Atlântica e ornitólogo amador

Imortalizada pelo filme “Rio”, animação do diretor brasileiro Carlos Sakdianha, a ararinha-azul (ou *Cyanopsitta cyani*) é a menor das araras-azuis brasileiras. Seu habitat original é a caatinga nordestina.

A ararinha-azul foi considerada extinta na natureza desde 2000, quando um exemplar macho foi visto pela última vez. Sua extinção é atribuída à destruição de seu habitat e, principalmente, à captura pelo tráfico de animais silvestres, que a comercializa para colecionadores de aves ao redor do mundo.

Em 2012, o ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade) criou o Plano de Ação Nacional para a Conservação da Ararinha-Azul, que descreveu a espécie, seu bioma, seu histórico e estabeleceu um plano para recuperá-la na natureza. Na ocasião, existiam em cativeiro 79 exemplares, dos quais 60 estavam no Qatar, no Al Wabra Wildlife Preservation (AWWP), e 7 na Alemanha, na Associação para a Conservação de Papagaios Ameaçados (ACTP), em Berlim.

O AWWP era uma instituição privada, criada pelo sheik Saud Al Thani para reproduzir animais ameaçados de extinção. O sheik Saud adquiriu suas ararinhas de colecionadores de aves e montou uma equipe técnica de alto nível, obtendo grande sucesso na reprodução das aves. Em 2014, após a sua morte, a ACTP adquiriu as ararinhas da AWWP e contratou sua equipe, transferindo-a para Berlim.

A ACTP obteve enorme sucesso na reprodução das aves. Além de sua unidade em Berlim, ela engajou outros criadores na Europa e no Brasil, que receberam ararinhas e as reproduziram. Hoje estima-se que a população total de ararinhas-azuis esteja em torno de 300 exemplares. O aumento da população e sua diversidade genética nos dá esperança de que a espécie, embora ainda em

cativeiro, esteja salva da extinção.

Com o objetivo de reintroduzir as aves na natureza, a ACTP levantou recursos com parceiros na Europa, comprou grandes áreas em torno de Curuçá, no interior da Bahia, habitat original das ararinhas, e construiu ali um centro para reprodução e soltura das aves. Em 2020, trouxe para o Brasil 50 espécimes, que foram acomodadas no centro, onde parte da equipe técnica de Berlim também se instalou.

A soltura das aves será feita em etapas, no correr do tempo. A primeira foi no último sábado (11), quando oito aves foram liberadas para de novo voar no seu habitat natural. A experiência com este primeiro grupo gerará lições preciosas para as próximas solturas. O grande acontecimento que todos aguardam é a reprodução das ararinhas soltas na natureza.

O plano criado em 2012 não teria tido êxito sem o engajamento da ACTP, que ao longo desse processo esteve de braços dados com o ICMBio.

A história da salvação da ararinha-azul é, a meu ver, um exemplo eloquente de como a iniciativa privada pode trabalhar em parceria com o setor público —no caso, o ICMBio— para alcançar um objetivo comum. O Estado não tem a mesma capacidade e agilidade do setor privado para investir ou realizar. O trabalho conjunto dos setores público e privado é capaz de criar melhores condições para vencermos os desafios que se colocam para o Brasil.

[...]

A soltura das aves será feita em etapas, no correr do tempo. A primeira foi no último sábado (11), quando oito aves foram liberadas para de novo voar no seu habitat natural. A experiência com este primeiro grupo gerará lições preciosas para as próximas solturas. O grande acontecimento que todos aguardam é a reprodução das ararinhas soltas na natureza

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01203-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço



Charge de Iotti sobre a obsessão das Forças Armadas com a urna eletrônica

Preocupações

As Forças Armadas só se preocupam com as urnas eletrônicas.

Anna Tcherdantzev
(Florianópolis SC)

★

Se o Ministério da Defesa se acha no direito de questionar o Tribunal Superior Eleitoral sobre a higidez do nosso processo eleitoral, penso que o TSE também deve enviar uma lista de perguntas para o Ministério da Defesa questionando, por exemplo, a sua atuação para a proteção e a segurança da Amazônia, onde os resultados falam por si sós.

Alar Strum (São Paulo, SP)

★

Seria possível a Folha apurar e informar seus leitores se há algum país democrático, com instituições estáveis, no qual é permitido aos militares palpar sobre o processo eleitoral?

Mauro Bellus (São Paulo, SP)

★

“Militares silenciaram por 25 anos sobre urnas até terem 88 dúvidas sob Bolsonaro” (Política, 13/6). Lógica: se os militares estiverem corretos nas críticas atuais, por que então se omitiram por 25 anos? Vinte e cinco anos!! Terá sido falta de honrabilidade, esse termo que arrepiava quem gasta dinheiro público em Viagra e próteses penianas?

Nai Bemfim (Olimpia, SP)

★

É só desenterrar Castelo Branco, Médici e Geisel, três entendidos nesse troço de eleição.

Aleixo Lacorda
(Timóteo, MG)

★

Os membros da banda podre das Forças Armadas continuam a apoiar Bolsonaro, mas não representam a grande maioria dos militares que honram a pátria.

Maria Lygia de Toledo Barros
(São Paulo, SP)

Delação

“Delator da Odebrecht diz que foi pressionado para comprometer Lula na Lava Jato” Mônica Bergamo, 12/6). Esse filme é uma comédia financiada, dirigida e estrelada pelo PT. Não vejo a hora de assistir.

Marcia Barti Privato Arantes
(Franca, SP)

★

Só não via quem não queria. E eu acho que ainda vai aparecer mais coisa.

Vinícius Guimarães (São Paulo, SP)

★

O “sistema”, capitaneado pelo Supremo Tribunal Federal, uniu esforços para acabar com a Lava Jato. Praticamente todos os corruptos que foram presos estão soltos, e o principal deles, o Lula, teve até as condenações anuladas.

Jorge Rodrigues (Rio de Janeiro, RJ)

Help me please

“Bolsonaro pediu ajuda de Biden contra Lula, diz Bloomberg” (Toda Mídia, 12/6). Não duvido que tenha pedido mesmo. Só aceitou participar da cúpula porque viu nela alguma vantagem para si, não para o Brasil ou para os brasileiros.

Manoel Márcio Sanches
(São Paulo, SP)

Daqui a alguns anos, os dias atuais serão estudados como o momento em que o Brasil viveu em completo estado de anomia. Bolsonaro encontra-se com Biden, que ele não reconhece como presidente pois acha que as eleições foram roubadas. Ali diz que as eleições brasileiras são fraudadas e pede interferência a seu favor contra o oponente. Parece piada, mas é mais um acontecimento destes tempos irreais, que permitem a um sujeito desse nível chegar ao fim do mandato sem interdição.

Cláudio Gonçalves da Silva
(Rio de Janeiro, RJ)

★

Caso vivéssemos tempos normais e tivéssemos um governo minimamente decente e humano, a revolta e indignação pelo desaparecimento de Bruno Pereira e Dom Phillips seriam enormes. Mas se trata do governo da morte, no qual quase tudo parece anestesiado e normalizado. Que seja extirpado em outubro.

Paulo Sittler (São Paulo, SP)

Teste

“Fala de Fux sobre Lava Jato é criticada por petistas e vira munição para rivais de Lula” (Política, 12/6). Um teste para os desmemoriados do Brasil. Que golpista disse a frase “In Fux We Trust”?

Caetano Estelita Pessoa
(São Paulo, SP)

★

A fala do ministro Luiz Fux chega numa hora imprópria, em plena efervescência política. Agrada a quem? A resposta é óbvia.

Ruy Luís de Araújo Araújo
(São Paulo, SP)

Planos de saúde

Causa-me indignação a defesa que colonistas da Folha fazem da decisão do STJ que beneficiou os planos de saúde. Argumentam que o rol de atendimentos deveria mesmo ser limitado, afinal de contas a saúde é uma mercadoria. Mas vejamos o caso do autismo infantil. Nele, o Código de Defesa do Consumidor, o Estatuto da Criança e do Adolescente e o Estatuto da Pessoa com Deficiência foram mesopotamicamente ignorados pelos ministros da corte, que nem uma menção honrosa fizeram a tais diplomas legais.

Marcos Antônio da Silva
(Londrina, PR)

ERRAMOS

eramos@grupofolha.com.br

POLÍTICA (11 JUN., PÁG. A12) Diferentemente do afirmado em “Bolsonaro atraiu eleitor evangélico em 2018 com ‘urgência apocalíptica’”, o livro “A Religião do Bolsonarismo” foi publicado em 2021, não em 2011.

MERCADO (12 JUN., PÁG. A26) No texto “Se alguém pode falar em responsabilidade fiscal, esse alguém é o Lula”, por erro de edição, a frase “Quando Lula assumiu, o Brasil fazia superávits para controlar a dívida desde 1999” foi publicada com pontuação incorreta, o que comprometeu seu sentido (“Quando Lula assumiu o Brasil, fazia superávits para controlar a dívida desde 1999”).

política

PAINEL | Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

Pororoca

A oposição no Senado traça estratégias para manter Jair Bolsonaro (PL) sob pressão o máximo tempo possível em razão do desaparecimento do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Phillips na Amazônia. Randolfe Rodrigues (Rede-AP) solicitou a criação de uma Comissão Externa para o caso. As conclusões devem subsidiar o pedido da CPI da Violência na Amazônia. O episódio é visto como uma chance de cobrar o presidente por sua atuação na região e desgastá-lo no ano eleitoral.

CERCO Em outra frente, a Comissão de Direitos Humanos do Senado esteve em Roraima em maio, após denúncias de violência de garimpeiros ilegais contra o povo Yanomami. O relatório desta missão deve conter denúncia de atuação de organizações criminosas na região.

ARTILHARIA O ex-senador Magno Malta (PL-ES) fez críticas pesadas a ministros do STF durante palestra na Cpac Brasil, conferência conservadora realizada em Campinas (SP), no sábado (11). Ele atacou nominalmente Alexandre de Moraes, Edson Fachin, Rosa Weber e Luís Roberto Barroso. Destes, Barroso sofreu a crítica mais forte, acusado de agredir mulheres.

PODE-VR Ao lado do deputado Daniel Silveira (PTB-RJ), que foi preso por atacar a corte, Malta disse que os ministros "vendem a mãe para botar a toga nas costas". No final, sob aplausos, desafiou o tribunal. "Quer me matar? Me mate. Quer me prender? Me prendam. Mas eu não vou me calar".

EM BAIXA 1 O evento, organizado por Eduardo Bolsonaro (PL-SP), mostrou o desprestígio do ex-ministro Abraham Weintraub no entorno presidencial. Na primeira edição, em 2019, ele deu a palestra de encerramento e teve o nome gritado pela plateia. Na segunda, em 2021, enviou um vídeo direto dos EUA, onde morava.

EM BAIXA 2 Neste ano, sua presença não foi cogitada. O ex-ministro, que quer disputar o governo de SP, entrou para o rol dos "traíras", após criticar o governo por aliar-se ao centrão.

VIRA O DISCO O ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello (PL), que deve disputar mandato de deputado federal pelo Rio, ignorou a Covid-19 em sua fala à Cpac. Preferiu discorrer sobre seu trabalho no comando da Operação Acolhida, de auxílio a refugiados venezuelanos em Roraima, anterior à crítica da passagem pelo ministério.

CORDURA O PL, partido do presidente Jair Bolsonaro, descartou a maioria das inserções gravadas para serem veiculadas em junho. Bolsonaro gravou, ao todo, nove filmes a partir de uma conversa com jovens e mulheres numa capela em Brasília. Seis foram descartados, após consulta a grupos focais de eleitores.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

CUMPRASE A chefe do Ministério Público de SP orientou os promotores de Justiça do estado a reforçarem a atenção quanto à contratação de shows por prefeituras que não tiveram obediência aos critérios previstos em lei. Entre eles, está a necessidade de fazer licitação. A normativa foi publicada no Diário Oficial de sábado (11).

SETLIST Nas últimas semanas, têm-se acumulado notícias de contratação de shows sem licitação por prefeituras pelo país, inclusive de municípios com graves problemas de desenvolvimento social. A orientação é que se cheque se o artista é "consagrado pela crítica" e o preço é de mercado. Itens como pulcra, som e luz não podem ter dispensa de licitação.

ECUMÊNICO O União Brasil decidiu apoiar Alexandre Kalil (PSD) no governo de Minas Gerais. O acordo foi facilitado pelo fato de o PSD não ter candidato presidencial e estar prestes a liberar os estados a fazer acordo com quem quiserem para presidente.

DILÚVIO 1 O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) adiou a ida para Pernambuco em razão da tragédia por causa das fortes chuvas. No início de junho, a Grande Recife ainda tinha 71 mil desabrigados e já contabilizava 129 mortes.

DILÚVIO 2 Havia expectativa de que Lula fosse ao estado no giro que faz a partir de quinta (16) por Rio Grande do Norte, Alagoas e Sergipe. Mas a ida foi postergada para a primeira semana de julho, em respeito à situação no estado.

NADA DISSO O Ministério da Infraestrutura contesta a Prefeitura de Santos, que diz ter sido ignorada pelo governo federal no processo de privatização do porto da cidade. A pasta diz que "tem como princípio a ampla discussão com todos os atores envolvidos nos processos de concessão e desestatização no setor de infraestrutura de transportes".

SÉRIE B A segunda edição da Cebriv-Revista será lançada na quarta (15). Ela traz entrevista com o ex-ministro da Defesa Raul Jungmann, em que ele critica a postura do Brasil quanto aos EUA. "Perdemos importância e capacidade diplomática", diz. Haverá ainda um webinar sobre a rivalidade global China-EUA.



Indígenas fazem ato em homenagem a Bruno Pereira e Dom Phillips, em Atalaia do Norte Pedro Ladeira/Folhapress

Investigação reforça tese de crime ligado a pesca ilegal em sumiços no AM

Diligências ampliaram número de suspeitos no caso; Bolsonaro diz que há indícios de 'alguma maldade' contra indigenista e jornalista

Vinicius Sasilne e Pedro Ladeira

ATALAIA DO NORTE (AM) Investigadores que atuam no caso do desaparecimento do indigenista Bruno Pereira e do jornalista britânico Dom Phillips afirmaram, sob a condição de anonimato, que as novas evidências e provas do caso —em especial a localização de pertences submersos no rio Itaquai— reforçam a hipótese de que as atividades ilegais de pesca e a caça na região são o pano de fundo do sumiço dos dois.

Integrantes da Polícia Federal e da Polícia Civil no Amazonas também disseram, reservadamente, que as investigações ampliaram o número de suspeitos. Dessa forma, há outras pessoas investigadas além de Amarildo Oliveira, o Pelado, preso em Atalaia do Norte (AM) por possível participação no caso. A prisão decretada pela Justiça do Amazonas é temporária, de até 30 dias. A família de Pelado diz que ele é inocente.

As autoridades não forneceram os nomes dos novos suspeitos. A PF e a Polícia Civil vêm conduzindo as investigações, que correm sob sigilo. Pereira e Phillips desapareceram em 3 de junho, durante retorno a Atalaia pelo rio Itaquai e após passarem por comunidades ribeirinhas. Eles faziam um trabalho de campo na região do Vale do Javari, fora da terra indígena de mesmo nome.

Na Polícia Civil, o entendimento é que a localização dos pertences de Pereira e Phillips, amarrados num igapó —área de mata inundada por água, à margem do rio—, reforça a hipótese de que houve um crime. A motivação mais provável, dizem investigadores, é o constante conflito entre pescadores ilegais e lideranças que atuam em defesa do território indígena.

Policiais também investigam um suposto financiamento da atividade ilegal de pesca e caça pelo narcotráfico na região, um problema comum em praticamente toda a tripla fronteira do Brasil com Peru e Colômbia.

Se for confirmada a conexão com tráfico internacional de um eventual crime, o caso passará a ter natureza federal e será investigado somente pela Polícia Federal.

Pelado mora na comunidade de ribeirinha São Gabriel. Os pertences de Pereira e Phillips foram encontrados num ponto da margem do Itaquai próximo da comunidade.

A área está isolada desde sábado (11), depois que um indígena maioroma identificou alterações na vegetação da margem do rio, como se uma embarcação tivesse adentrado pela mata de forma abrupta.

No domingo (12), bombeiros mergulhadores encontraram uma mochila amarrada a uma árvore submersa, um indicativo de que houve intenção de ocultação. A mochila era de Phillips, segundo a PF.

“Querem acabar com nossos pirarucus e tracajás, e Bruno [Pereira] nos defendia. Bolsonaro tem raiva dos povos indígenas, e ele deveria ser presidente de todos os brasileiros”

Sandra Mayourano, cacique, em protesto em Atalaia do Norte contra o governo Bolsonaro e a favor de Bruno Pereira e Dom Phillips

Também foram achados roupas, calçados e um documento pessoal de Pereira. O material foi levado para perícia em Tabatinga.

Quando confirmou a descoberta dos pertences de Pereira e Phillips, a PF informou que as buscas ocorrem “especialmente na área onde foi encontrada uma outra embarcação”, aparentemente de propriedade de Pelado.

Oito dias após o desaparecimento, esses eram os elementos de prova mais evidentes. As buscas foram retomadas nesta segunda (13), mas não houve novas descobertas.

A região do desaparecimento é marcada por forte exploração ilegal do pirarucu e de tracajás, principalmente dentro da terra indígena.

Há relatos de tiros contra bases de fiscalização da Funai (Fundação Nacional do Índio) disparados por pescadores ilegais. O cenário de conflitos levou a um reforço da vigilância feita pelos próprios indígenas, a partir de uma iniciativa da Univaia (União dos Povos Indígenas do Vale do Javari). Pereira é servidor licenciado da Funai e prestava serviço à Univaia como um fomentador da vigilância indígena.

Investigadores consideram que os resultados de três perícias serão decisivos para o caso. A mais importante é a comparação do sangue colhido na canoa de Pelado com amostras de DNA das famílias de Pereira e Phillips.

Continua na pág. A5

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★ ★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Eliseu | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8060
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

| EDIÇÃO DIGITAL | Digital Ilimitado | Digital Premium |
|---------------------|-------------------|-----------------|
| DO 1º AO 3º MÊS | R\$ 1,50 | R\$ 1,90 |
| DO 4º AO 12º MÊS | R\$ 9,90 | R\$ 9,90 |
| A PARTIR DO 13º MÊS | R\$ 29,90 | R\$ 39,90 |

| EDIÇÃO IMPRESSA | Venda avulsa | | Assinatura semestral* |
|--------------------|--------------|-----------|-----------------------|
| | seg. a sáb. | dom. | Todos os dias |
| MG, PR, RJ, SP | R\$ 5 | R\$ 7 | R\$ 827,90 |
| DF, SC | R\$ 5,50 | R\$ 8 | R\$ 1.044,90 |
| ES, GO, MT, MS, RS | R\$ 6 | R\$ 8,50 | R\$ 1.318,90 |
| AL, BA, PE, SE | R\$ 9,25 | R\$ 11 | R\$ 1.420,90 |
| Outros estados | R\$ 10 | R\$ 11,50 | R\$ 1.764,90 |

*À vista com entrega domiciliar diária. Cargo tributário 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
353.872 exemplares (abril de 2022)



Continuação do pág. A4

Se o sangue não for de nenhum dos dois, a investigação pode ser arrastar mais, segundo os investigadores.

Também está pendente de perícia um "material orgânico aparentemente humano" recolhido no Itaquai e os objetos pessoais retirados do igapó. Os próprios investigadores não sabem quanto tempo isso pode levar.

Nesta segunda, no mesmo instante em que policiais federais saíram de Atalaia do Norte para mais um dia de busca no rio Itaquai, indígenas fizeram uma manifestação contra o governo Jair Bolsonaro (PL), contra as invasões à terra indígena e em defesa do trabalho feito por Pereira e Phillips.

Cerca de 300 indígenas participaram do protesto.

"Bruno lutou pelo Vale do Javari. Agora o Vale do Javari luta por Bruno, Dom e Márcio", dizia uma das principais faixas da manifestação. Márcio dos Santos era funcionário da Funai e foi executado na região em 2019. A suspeita é de que a morte teve relação com a atuação do funcionário contra invasões à terra indígena.

"Querem acabar com nossos pirarucus e tracajás, e Bruno nos defendia", disse a cacique Sandra Mayouruna, em sua língua, no palco na praça, ponto final da manifestação. "Bolsonaro tem raiva dos povos indígenas, e ele deveria ser presidente de todos os brasileiros."

O último destino visitado pelos dois foi a comunidade de São Rafael, vizinha de São Gabriel. Pereira queria se encontrar com o pescador Manoel Sabino da Costa, o Churrasco, tio de Pelado. Ele é o líder da comunidade, e a intenção de Pe-

reira era discutir formas de manejo sustentável do pirarucu, segundo Churrasco afirmou à Folha. O pescador foi ouvido como testemunha pela PF, pela Polícia Civil e pela PM.

Bolsonaro diz haver indícios de 'alguma maldade' no caso

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) afirmou nesta segunda-feira (13) ver indícios de que o indigenista Bruno Pereira, 41, e o jornalista britânico Dom Phillips, 57, tenham sido submetidos "a alguma maldade".

"Os indícios levam a crer que fizeram alguma maldade com eles, porque já foram encontrados boiando no rio visceras humanas que já estão em Brasília para fazer DNA", disse Bolsonaro em entrevista à CBN Recife.

"Pelo prazo, pelo tempo já temos hoje, oito dias, indo para o nono dia, que isso aconteceu. Vai ser muito difícil encontrá-los com vida. Peço a Deus que isso aconteça", completou.

O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), se solidarizou com as famílias de Pereira e Phillips. O parlamentar disse nesta segunda-feira (13) que o caso mostra um problema crônico relacionado ao crime organizado no Amazonas.

"Nós não queremos precipitar o que de fato aconteceu com o Bruno Pereira e com o Dom Phillips, mas, caso se confirme o fato de terem sido eventualmente assassinados, caso isso se confirme, é uma situação das mais graves do Brasil", avaliou.

Matheus Teixeira

Relatórios apontam ataques a tiros e omissão da Funai no Vale do Javari

Rosiane Carvalho

MANAUS A terra indígena do Vale do Javari, onde desapareceram o indigenista Bruno Pereira e o jornalista Dom Phillips, foi cenário de invasões de pescadores armados, ataques com tiros a indígenas, além da saída de pesca e caça ilegal.

As denúncias constam em seis ofícios entregues pela Univaja (União dos Povos Indígenas do Vale do Javari) entre fevereiro e maio deste ano ao Ministério Público Federal do Amazonas, Polícia Federal, Força Nacional de Segurança Pública e à Funai (Fundação Nacional do Índio).

Os documentos, disponibilizados pela Univaja à imprensa no sábado (11), relatam o crescente clima de tensão na equipe de vigilância da organização, composta por indígenas e não-indígenas.

Desde outubro de 2021, eles passaram a fazer a fiscalização da área por conta própria diante do que consideram omissão da Funai, órgão que tem uma base na região e deveria fiscalizar e evitar atos ilícitos nas terras indígenas.

Nos ofícios entregues em 12 de abril e 10 de maio deste ano, há o relato de pesca irregular dentro do Vale do Javari e próximo à aldeia de indígenas da etnia Korubo.

Essa proximidade de indígenas de recente contato teria ocorrido em março deste ano e envolve o nome de Amarildo da Costa de Oliveira, 41, o Pelado, até o momento único suspeito do desaparecimento do jornalista e do indigenista.

Nos ofícios, a Univaja atribui a ele a autoria de "diver-

sos atentados com arma de fogo contra a base da Funai entre 2018 e 2019". No mesmo ofício de 12 de abril, a Univaja informa à representação local da Funai sobre a troca de tiros entre a equipe de vigilância da entidade e pescadores. O episódio ocorreu há cerca de dois meses.

Na noite do dia 2 de abril, a equipe se deparou no rio Itaquai com três pescadores saindo da terra indígena com camisas no rosto e direcionou holofotes na direção deles.

"Os infratores reagiram atirando sete vezes com espingarda contra a equipe da EVU (Equipe de Vigilância da Univaja), que recuou ao ver eles entrando no igapó da margem esquerda do Itaquai", diz trecho do relato do ofício.

Os indígenas tentaram acionar a base de proteção da Funai e, segundo o ofício, não houve autorização para que equipes do órgão federal se deslocassem até o local.

Ainda segundo informações da Univaja, no dia 4 de abril, o coordenador da Operação Vale do Javari da Força Nacional de Segurança Pública, que não é identificado no documento, alegou que a base contava com apenas dois policiais e tinha "carência de equipamentos logísticos na embarcação à disposição da Funai, sobretudo holofotes".

Nos ofícios, há ainda informações de invasores que praticavam pesca ilegal na terra indígena passaram pelo território nos dias 15, 16 e 23 março e passaram pela frente da base de fiscalização da Funai sem serem abordados.

Ainda segundo os relatos da

Univaja, nos dias que se seguiram aos registros destas invasões, o mercado ilegal de comercialização de peixe ficava abastecido na sede do município de Atalaia do Norte.

No único registro de apreensão da pesca e caça irregular na terra indígena, segundo os ofícios, o veículo que foi usado para cometer o crime sumiu durante a madrugada na balsa da Prefeitura de Atalaia do Norte após ser deixado pela Polícia Civil no local.

A apreensão ocorreu no dia 23 de março e, segundo a Univaja, foram apreendidos 25 tracajás (uma espécie de cágado), duas tartarugas, 300 kg de carne de queixada salgada e 400 kg de carne de pirarucu salgado. Os animais foram devolvidos pelos policiais à terra indígena.

A Folha questionou o Ministério Público Federal, Polícia Federal e Funai sobre as denúncias da Univaja. Os dois últimos não responderam.

O MPF-AM informou que no "início do mês de junho" foi aberto um inquérito policial para apurar os crimes praticados por invasores, a partir das informações de invasões da Univaja. O caso está sob a responsabilidade da Polícia Federal e a investigação corre em sigilo. Também informou que abriu um procedimento administrativo interno para acompanhar o trabalho da Univaja na terra indígena.

A terra indígena Vale do Javari é a segunda maior demarcada do país, com 8,5 milhões de hectares e cerca 6,3 mil indígenas, incluindo a maior população de indígenas não contatados do mundo.

O MELHOR DA VIDA É AGORA



Royal Caribbean
INTERNATIONAL

Férias no maior navio do mundo,
só a Royal Caribbean tem!



CARIBE

Oasis of The Seas
20/11/2022

- Miami, EUA
- Costa Maya, México
- Roatán, Honduras
- Cozumel, México
- Perfect Day at CocoCay, Bahamas
- Miami, EUA

7 NOITES
A PARTIR DE
10x
R\$ 390*

Reserve já!

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS OU INFORMAÇÕES

☎ 11 4750-9311

*Entrada de R\$ 432. Preço total por hóspede R\$ 4332 com taxas incluídas em cabine interna. Sujeito a alteração no preço da reserva. Consulte termos e condições em royalcaribbean.com.br



R11
TRAVEL

política

Documento aponta esvaziamento da Funai, omissão e pauta anti-indígena

Dossiê, divulgado em meio aos desaparecimentos no AM, critica militarização e cargos vagos

Paulo Saldaña e João Gabriel

BRASÍLIA Sob o governo de Jair Bolsonaro (PL), a Funai (Fundação Nacional do Índio) tem implementado uma política anti-indigenista, marcada pela não demarcação de territórios, perseguição a servidores e lideranças indígenas, somada à militarização de cargos estratégicos e a esvaziamento de quadros da entidade.

Essas são algumas das conclusões de um dossiê de 173 páginas produzido pelo Inesc (Instituto de Estudos Socioeconômicos) e pela INA (Indigenistas Associados - Associação de Servidores da Funai). O documento aponta esvaziamento orçamentário, assédio institucional, alinhamento com a agenda ruralista e omissões na esfera judicial.

O trabalho foi divulgado em meio ao desaparecimento, na região do Vale do Javari (AM), do indigenista Bruno Araújo Pereira e do jornalista britânico Dom Phillips.

Para Fernando Vianna, presidente do INA, o caso de Pereira é sintomático.

"O Bruno tinha atuação muito incisiva, combativa, exercia esse caráter protetivo das terras indígenas. E ele foi tirado de onde estava, para falar um português claro, justamente por combater demais", diz.

"O caso é extremo, o mundo está vendo. No dossiê mostramos que outros servidores também sofreram outros tipos de perseguição", disse.

Procurada para comentar, a Funai não respondeu.

Bolsonaro diz desde a campanha de 2018 que, em seu mandato, não haveria demarcações de terras indígenas. Ele também declarou que daria uma "foiçada na Funai, mas uma foiçada no pescoço".

Não houve, de fato, nenhum avanço nas demarcações desde 2019. O dossiê ressalta ainda que não há meta para isso no planejamento estratégico para 2020-2023 —à exceção dos casos em que houve pressão do Ministério Público Federal. Mesmo na montagem de grupos de trabalho para atender a determinações da Justiça, a Funai tem atrasado processos e remanejando servidores como prática rotineira, acusa o documento.

"As alterações constantes na composição dos grupos de trabalho se relacionam a duas estratégias antidemocráticas: a de escolher politicamente seus membros, para garantir que os envolvidos estejam também comprometidos com 'nem 1 cm de terras indígenas' demarcadas; e a de engastar a Justiça", diz o documento.

Bolsonaro tentou repassar a fundação ao Ministério da Agricultura, o que foi barrado pelo do STF (Supremo Tribunal Federal). A nomeação para a presidência do órgão de Xavier, delegado da Polícia Federal, é apontada no documento como a forma de alinhar a Funai a interesses ruralistas.

A Funai nasceu em 1967. Mesmo criada durante a ditadura militar (1964-1985), a militarização atual é sem precedentes.

Hoje, só duas das 39 coordenações regionais são chefiadas por servidores de carreira. Nas demais chefias, 19 são coordenadas por oficiais das Forças Armadas, três por policiais militares e dois por policiais federais. Sua diretoria é formada por dois policiais e um militar, além do presidente.

Se cresceu a presença militar na Funai, há esvaziamento das equipes técnicas. O documento mostra que, em 2020, havia mais cargos vagos na autarquia (2.300) do que profissionais em atuação (2.071, sendo 1.717 efetivos).

Pontos-chaves sobre investigação de desaparecidos no AM

Bruno Pereira e Dom Phillips estão desaparecidos desde o dia 5



A Partida: Comunidade São Rafael, último local onde estiveram no domingo (5)

B Distância: cerca de 70 km

C Tempo estimado de chegada: 2h a 3h de barco

D Destino: Atalaia do Norte (AM)



Atalaia do Norte: cidade mais próxima da terra indígena Vale do Javari, sede da Univaja e local de chegada previsto de Pereira e Phillips

Tabatinga: cidade na triplíce fronteira (Brasil, Colômbia e Peru) e consumidora de pescado para consumo, exportação e ornamental. Também é região com grande fluxo de narcotráfico e contrabando



Comunidade da Cachoeira: comunidade onde vivem 15 famílias e ponto em que Pereira e Phillips teriam sido vistos pela última vez antes de desaparecerem

Área isolada pela PF: ponto onde mergulhadores encontraram mochila e objetos pessoais dos desaparecidos

São Gabriel: comunidade onde vive Pelado, suspeito de participação no desaparecimento

São Rafael: comunidade onde vive Churrasco, com quem Pereira tentou se encontrar antes de desaparecer

Lago do Javari: Onde fica a base de apoio dessas embarcações e casa usada pela Univaja

Base da Funai: que fica na entrada da Terra indígena



João Leal - 10 jun 2022/APP



Foto: Pedro Ludena - 11 jun 2022/Folhapress



Laila de Almeida - 10 jun 2022/Folhapress

Soma-se a isso um processo de intimidação de lideranças indígenas e de servidores. Xavier acionou a PF contra ao menos três lideranças.

"O mais gritante exemplo de intimidação, no entanto, é a prática do presidente da Funai de lavar denúncias à Polícia Federal, seu órgão de origem, solicitando a instauração de inquéritos criminais contra servidores", diz o dossiê.

Também afirma que, em vez de encampar estudos técnicos da equipe da fundação, ele "opta por fazer com eles o que faz com conhecidas lideranças indígenas: tenta criminalizá-los".

O texto cita caso de um servidor investigado ao atender solicitação da Procuradoria da Funai, ter defendido suspensão de sentença judicial que anulava a identificação e delimitação de uma terra indígena.

"Xavier não apenas discordou da proposta de contestar a sentença — aceitou, portanto, a anulação judicial da identificação da terra indígena — como determinou que a conduta do servidor fosse denunciada à Corregedoria e à Polícia Federal", cita o texto.

A expressão "demarcação de territórios indígenas" sumiu do planejamento do governo, resalta o trabalho. Nem um programa orçamentário específico direcionado aos povos indígenas apareceu no Plano Plurianual ou na Lei Orçamentária.

Segundo as organizações, há 620 processos de demarcações parados na etapa inicial. Além disso, são 127 territórios delimitados ou declarados, mas não homologados.

Servidores do órgão anunciam greve e cobram segurança

BRASÍLIA Servidores da Funai (Fundação Nacional do Índio) definiram nesta segunda (13) iniciar greve de 24 horas nesta terça (14). A categoria pede que o presidente da fundação se retratasse sobre as falas envolvendo o indigenista Bruno Pereira e o jornalista Dom Phillips até às 18h desta segunda, o que não ocorreu.

A decisão foi tomada em assembleia, em Brasília. Também querem a criação de uma força-tarefa interna na região onde Bruno e Dom desapareceram e o envio imediato da Força Nacional de Segurança.

Além da paralisação, haverá um ato em frente ao Ministério da Justiça a partir das 9h desta terça-feira.

Os servidores enviaram o fim ao presidente da fundação, Marcelo Augusto Xavier da Silva, cobrando retratação pela "difamação e pelas inverdades presentes em suas declarações públicas acerca do caso de desaparecimento de Bruno Pereira e Dom Phillips". A nota deveria ser publicada no site da Funai.

Pouco antes do prazo final, Silva divulgou nota dizendo que "diferente do que vem sendo propagado por veículos de imprensa, tem trabalhado intensamente nas buscas aos desaparecidos".

"A fundação apoia as buscas de forma incessante desde que foi informada do desaparecimento, sendo que quatro embarcações são empregadas nos trabalhos, com o envolvimento de 14 servidores. Os pertences das vítimas foram encontrados com auxílio dos servidores da Funai em campo", diz trecho da nota.

A declaração de Xavier que revoltou a categoria ocorreu na quarta (8), na Voz do Brasil —noticiário oficial do governo— e em nota oficial publicada na sexta (10) no site da Funai. Marcelo Augusto Xavier da Silva afirmou que Bruno e Dom deveriam ter pedido autorização do governo para entrar na terra indígena Vale do Javari. Bruno é servidor de carreira da Funai, mas estava de licença não remunerada. Ele colaborava com a Univaja (União dos Povos Indígenas do Vale do Javari).
Thaís Oliveira

Fachin responde ao ministro da Defesa e pede diálogo na eleição

Presidente do TSE evita ampliar crise com os militares e afirma que as Forças Armadas podem fiscalizar o pleito

Matheus Vargas
e César Feltoza

BRASÍLIA O presidente do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), Edson Fachin, respondeu nesta segunda-feira (13) à cobrança mais recente do ministro da Defesa, Paulo Sérgio Nogueira, sobre as eleições de 2022.

Ele citou o "necessário diálogo institucional" como meio para fortalecer a democracia, dias após o general dizer que as Forças Armadas se sentem desprestigiadas no debate sobre o sistema eletrônico de votação.

Em três páginas, evitou escalar a crise com os militares.

Fachin não repetiu que a eleição é assunto civil. Só disse que as Forças Armadas estão entre as entidades habilitadas para fiscalizar o pleito, conforme resolução da corte aprovada em dezembro de 2021.

Sem citar o presidente Jair Bolsonaro (PL), disse que há "erro" em fala de "alta autoridade da República" sobre não ser possível fazer apuração paralela de votos nas eleições, além da do TSE.

Mais tarde, Fachin rebateu declarações de Bolsonaro e disse que a contagem simultânea de votos nas eleições já é feita.

"A Justiça Eleitoral está pre-



O presidente do TSE, Edson Fachin. Pedro Ladeira - 13 mai 22/Folhapress

“

Aproveito o ensejo para revitalizar algumas informações sobre os atos de fiscalização e auditoria do sistema eletrônico de votação [...] reforçando, assim, o necessário diálogo interinstitucional em prol do fortalecimento da democracia brasileira

Edson Fachin presidente do TSE, em resposta ao Ministério da Defesa nesta segunda (13)

parada para conduzir a eleição de 2022 de forma limpa e transparente, tal como temos feito há 90 anos. Quem questiona demonstra motivação política ou desconhecimento técnico do assunto", disse Fachin.

Na última sexta (10), o ministro da Defesa rebateu análise do TSE que apontou erros de cálculos e confusões de conceitos ao rejeitar, em maio, sete propostas dos militares de mudanças nos procedimentos das eleições. Disse ainda que os militares "não se sentem devidamente prestigiados" na discussão com o TSE.

Além das Forças Armadas, podem atuar em auditoria das eleições os partidos políticos, federações, ONGs, a OAB, o Ministério Público, Congresso Nacional, STF, CGU, Polícia Federal, TCU, universidades entre outras entidades.

As entidades podem acompanhar a evolução dos sistemas eleitorais, além de todas as fases de votação, apuração e totalização dos votos nas urnas.

"Ao tempo em que agradeço a apresentação de contribuições ao aprimoramento do processo eleitoral por parte desse Ministério da Defesa, aproveito para revitalizar informações sobre os atos de fiscalização e auditoria do sistema eletrônico de votação", escreveu Fachin ao ministro.

"Reforçando, assim, o necessário diálogo interinstitucional em prol do fortalecimento da democracia brasileira", afirmou ainda.

Os militares só começaram a questionar o sistema eletrônico de votação no fim de 2021, no governo Bolsonaro, segundo dados da Defesa e do TSE obtidas via LAI (Lei de Acesso à Informação).

Patrocinada pela própria corte, a entrada das Forças Armadas no debate sobre as urnas eletrônicas deu munici-

para o presidente promover ataques ao processo eleitoral.

Desde o ano passado, os militares fizeram 88 questionamentos ao sistema, incluindo sugestões de mudanças nas regras do pleito.

Os militares sugerem, em um dos pontos, mudança na metodologia do teste de integridade das urnas, feito no dia das eleições. Mas o TSE respondeu que as Forças Armadas "confundem conceitos" na análise sobre este procedimento.

Na sexta (10), a Defesa reforçou suas propostas no momento em que Bolsonaro ampliou os questionamentos ao processo e faz insinuações golpistas.

Na reação mais forte ao discurso golpista de Bolsonaro e aos questionamentos das Forças Armadas, Fachin, disse em maio que a eleição é assunto civil e de "forças desarmadas".

Os militares passaram a integrar a CTE (Comissão de Transparência das Eleições) em 2021, a convite do então ministro do TSE, Luís Roberto Barroso.

"Eles [TSE] convidaram as Forças Armadas a participarem do processo eleitoral. Será que esqueceram que o chefe supremo das Forças Armadas se chama Bolsonaro?", disse o presidente no fim de abril, quando promoveu um evento oficial no Planalto com ataques ao STF (Supremo Tribunal Federal).

Na resposta enviada nesta segunda-feira à Defesa, Fachin ainda manifesta "elevada consideração" às Forças Armadas. "Renovo, no ensejo, os nossos respeitosos cumprimentos a Vossa Excelência, igualmente expressando nossa elevada consideração às Forças Armadas e a todas as instituições do Estado democrático de Direito no Brasil", escreveu o presidente do TSE na nota.

“

Até o momento, reitero, as Forças Armadas não se sentem devidamente prestigiadas por atenderem ao honroso convite do TSE para integrar a CTE [Comissão de Transparência das Eleições]

Paulo Sérgio Nogueira ministro da Defesa, em tréplica enviada ao TSE na sexta (10)

coleção **FOLHA GRANDES PINTORES**

APENAS
R\$ 22,90
CADA LIVRO*

30 livros de arte para ler, compreender e se inspirar

A genialidade e a beleza das pinceladas dos maiores artistas de todos os tempos estão reunidas na **Coleção Folha Grandes Pintores**. São 30 livros que revelam centenas de obras de arte de grandes nomes como Van Gogh, Monet, Leonardo da Vinci, Frida Kahlo e muitos outros em textos leves, de fácil compreensão e gostosos de ler. Não tem como não se apaixonar.

PRÓXIMO DOMINGO NAS BANCAS

Munch
o gênio que captou a expressão da alma

FRETE GRÁTIS*

PAGUE EM 12x até sem juros no cartão

Peça sua coleção completa
Ligue 11 3224 3090 (Grande São Paulo) ou 0800 775 8080 (demais localidades)
DE SEGUNDA A SÁBADO, EXCETO FÉRIADOS, DAS 8h ÀS 14h

folha.com.br/grandespintores

*DISPONÍVEL NAS BANCAS DE SP, RJ, MG, PE, SC E DE PARA DEMAIS ESTADOS. A VENDA SERÁ NA SITE OU TELEFONE. FRETE GRÁTIS VÁLIDO PARA OS ESTADOS DE SP, RJ, MG E PE. PARA OUTROS ESTADOS, CONSULTE FOLHA.COM.BR/GRANDESPINTORES. CONFIRME AS DADOS DE ENTREGA NO SITE. PARCELAMENTO VÁLIDO PARA TODOS OS TIPOS DE CARTÃO DE CREDITO.

Compre por aqui
ESCANEE O QR CODE

FOLHA
14 JUN 2022

Nem preservação nem soberania

Fica claro que Bolsonaro perdeu qualquer intenção de governar a Amazônia

Joel Pinheiro da Fonseca

Economista, mestre em filosofia pela USP

O desaparecimento de Dom Phillips e Bruno Pereira segue sem desfecho. Espero que sejam encontrados com vida mas, sinceramente, não é a hipótese mais provável. O caso encanara, para nós e para o mundo, o que os números já vinham mostrando: a Amazônia está entregue ao crime.

Nas discussões sobre a Amazônia é comum cair num dilema questionável entre preservação ambiental e soberania nacional. Bolsonaro e as Forças Armadas sempre bateu na

teia da soberania. Por trás do discurso, contudo, a realidade é que o governo optou por ficar sem nenhum dos dois.

Não é segredo para ninguém que a taxa de devastação aumenta continuamente, fato que vem sendo documentado por cientistas e por jornalistas como Dom Phillips. Quando o possível assassinato dele na área por grupos criminosos é citado pelo próprio presidente como uma inevitabilidade ("duas pessoas apenas num barco, numa região daquela, completamente selva-

gem, é uma aventura que não é recomendável que se faça. Tudo pode acontecer"), fica claro que ele também perdeu qualquer intenção de governar a região; ou seja, perdeu a soberania.

Perdeu, não. Entregou. Bolsonaro sempre flertou com a ideia de vender a exploração da Amazônia a grandes empresas estrangeiras, mas o que ele acabou fazendo foi mais simples. O governo simplesmente saiu de cena e deixou qualquer um fazer o que quiser. Quem quiser um naço, não

precisa pagar nada: é só chegar e pegar.

Desmatamento e garimpo ilegal em alta; invasão de terras indígenas e assassinatos de indígenas, idem. É o resultado de um governo que decidiu facilitar a vida de contraventores na região e que sucateou — e até mesmo sabotou — os órgãos de fiscalização, que há anos já enfrentam condições precárias.

Com isso, deu livre vazão aos interesses mais predatórios e assassinos, que hoje dão as cartas por lá. Traficantes, ga-

rimpeiros, grileiros, madeireiros, pescadores, traficantes de drogas, traficantes de pessoas, criminosos dos mais diversos países operam livremente. Parece que todo mundo está na Amazônia; todo mundo menos o Estado brasileiro. Em vez da lei brasileira, vale a lei da selva.

Apesar do dilema teórico, na prática os dois valores caminham juntos: ao desistir da preservação, o governo abriu mão também da soberania. Os meios de preservação da floresta — o trabalho de IBAMA e ICMBio, a proteção de comunidades indígenas e ribeirinhas e mesmo a presença militar — são fatores indispensáveis para manter o poder na região.

Sem esses meios, sobra a farsa. Enquanto isso, nossas Forças Armadas, infelizmente, parecem mais preocupa-

das espúrias às urnas eletrônicas do que restabelecer sua autoridade na região.

A Amazônia é o maior ativo ambiental brasileiro. Por ela passam alguns dos principais debates do futuro próximo: água, clima, biodiversidade. Ela poderia lançar o Brasil ao protagonismo do debate ambiental global.

Preservá-la presta um serviço a nós e ao mundo, pelo qual inclusive deveríamos receber (se, é claro, estivessemos preservando). Saber explorá-la de maneira sustentável, desativando suas riquezas biológicas e minerais ao nosso desenvolvimento de longo prazo, deveria ser item prioritário da nossa política.

Hoje em dia tem enriquecido criminosos, sido palco de assassinatos e servido para destruir nossa imagem pelo mundo. Entre preservação e soberania, ficamos sem nenhum.

DOM: Elio Gaspari, Jarivo de Freitas|SEB: Celso R. de Barros|TEL: Joel Pinheiro da Fonseca|QUA: Elio Gaspari|QUI: Conrado H. Mendes|SEX: Reinado Azevedo, Angela Alonso, Sílvia Almeida|SAB: Demétrio Magnoli

Ex-Secom volta ao entorno de Bolsonaro para campanha

Fábio Wajngarten deve tentar fazer a ponte entre governo e emissoras de TV

Marianna Holanda

BRASÍLIA Mais de um ano depois de deixar o Palácio do Planalto em meio a uma disputa sobre a estratégia de comunicação do governo, o empresário Fábio Wajngarten voltou a Brasília para atuar na campanha pela reeleição do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Wajngarten comandou a Secom (Secretaria Especial de Comunicação Social) entre abril de 2019 até o início do ano passado, quando foi exonerado do cargo.

O fiador do seu retorno ao núcleo de conselheiros próximos ao presidente foi o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), filho mais velho do mandatário que atua como coordenador-geral da campanha.

Ainda não está definido qual cargo formal Wajngarten terá junto ao governo. Interlocutores dizem que o mais provável é que ele atue como assessor especial da Presidência.

Wajngarten é aliado de primeira hora de Bolsonaro e trabalhou na sua campanha de 2018. Sua gestão à frente da Secom foi marcada por desentendimentos com a imprensa e por desgastes internos no Palácio do Planalto e em ministérios estratégicos.

De volta a Brasília, a expectativa é que o ex-secretário tente estabelecer pontes entre o governo, a campanha e os veículos de comunicação, principalmente as emissoras de televisão, a exemplo do que fez há quatro anos.

A campanha do presidente vive hoje um racha entre profissionais de marketing ligados ao centrão e o vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos-RJ), que comanda a estratégia do presidente nas redes sociais.

De modo geral, a leitura é que a comunicação precisa



Então chefe da Secom, Fábio Wajngarten tapa o microfone de Jair Bolsonaro em evento em Brasília. Usado: Marcelino - 19.05.19/Reuters

ria melhorar — diagnóstico que acompanha o governo Bolsonaro desde o primeiro ano do mandato e que, com a proximidade do pleito, converteu-se numa das principais preocupações do entorno do presidente.

Além de Wajngarten e Carlos, entre outros profissionais, a equipe de comunicação da campanha é formada por Duda Lima, marqueteiro do PL, e Sérgio Lima, que atua como uma espécie de conselheiro em estratégia. Ele trabalhou como publicitário do partido que Bolsonaro tentou criar mas que nunca saiu do papel, a Aliança pelo Brasil.

Wajngarten e Sérgio Lima, no entanto, protagonizaram nos bastidores conflitos desde o início do governo. Tanto que aliados temiam que a chegada do ex-Secom pudesse resultar em novas disputas.

Os dois se encontraram na sexta-feira (10) e fizeram as pazes. Procurado, Wajngarten disse que pretende aliar sua experiência com veículos de comunicação tradi-

cional mais com a expertise de seu ex-desafeto em temas digitais.

O publicitário Duda Lima, por sua vez, produziu as inserções na TV que foram criticadas por Carlos nas redes.

Quando deixou o governo no ano passado, Wajngarten tinha romado embates com o ministro das Comunicações, Fábio Faria, com integrantes do gabinete da Presidência e com militares.

Na gestão Wajngarten, a cúpula militar chegou a reclamar com o presidente sobre notas à imprensa divulgadas pela Secom durante o período mais agudo da pandemia que, segundo os oficiais, deveriam ter sido produzidas pelo Ministério da Saúde.

Além disso, em 2020, a Folha revelou que Wajngarten recebia, por meio de uma empresa da qual era sócio, dinheiro de emissoras de televisão e de agências de publicidade contratadas pela própria Secom, ministérios e estatais do governo federal.

À época, o empresário se defendeu e afirmou que não havia nenhum conflito de interesse no caso.

A disputa pelo comando das estratégias de comunicação é uma constante na carreira política de Bolsonaro desde que ele se lançou ao Planalto.

A interferência de Carlos na área também é alvo de críticas internas desde o início do governo, mas ele se consolidou como o principal conselheiro do pai para assuntos de comunicação digital.

Tanto que no PL, não há qualquer ambição de tentar reduzir a influência de Carlos, considerada hoje incontornável para quem assessora o presidente em assuntos de mídias.

A aposta do núcleo político, contudo, é que Bolsonaro não se reelegerá, como em 2018, apenas com redes sociais. Dessa forma, será preciso investir nas ferramentas tradicionais de campanha, como inserções de rádio e TV.

O presidente está em segundo lugar nas pesquisas de intenção de voto, atrás do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). No último Datafolha, o petista apareceu 21 pontos à frente do mandatário, com 48% ante 27%.

Ala da União Brasil tenta vetar Moro nas eleições

João Gabriel e Julia Chalh

BRASÍLIA Após ver a Justiça Eleitoral impedir sua candidatura em São Paulo, o ex-juiz Sérgio Moro enfrenta resistência dentro do seu partido, a União Brasil, para ser candidato pelo Paraná.

A ala bolsonarista da União Brasil protocolou, nesta segunda-feira (13), um pedido interno para impugnar sua filiação ao partido, o que pode impedir sua candidatura. O questionamento foi apresentado ao diretório estadual do Paraná. O protocolo tem como base uma resolução do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) de 2006.

Quem entrou com o pedido de impugnação da filiação de Moro foi Cristiane Mesquita, nome pouco conhecido no partido e que integra a ala bolsonarista.

Moro abandonou a magistratura em 2018 para tornar-se ministro da Justiça de Jair Bolsonaro (PL) e deixou o governo em 2020, acusando o presidente de tentar interferir politicamente na Polícia Federal para blindar sua família de investigações. Desde então, o ex-juiz sofre rejeição de bolsonaristas.

O documento apresentado nesta segunda (13) requer que seja declarada "a inexistência de filiação do impugnado [Sérgio Moro] ao União Brasil do Paraná e, com isso, afastar desde já as suas pretensões políticas no estado tendo em vista os enormes prejuízos que causará aos demais filiados e ao nome da agremiação perante a sociedade".

O argumento é de que, uma vez que a filiação é circunscrita ao estado para a candidatura a cargos estaduais, Moro, por estar filiado ao União Brasil de São Paulo, só poderia tentar algum cargo paulista.

Caso quisesse concorrer a deputado ou senador pelo Paraná, teria que mudar seu vínculo para o diretório estadual paranaense, o que seria considerada uma no-

va filiação — o que, pela lei, o impediria de concorrer, já que o prazo para filiações para o pleito de 2022 já acabou.

Pela tese usada como base para a impugnação, Moro só poderia concorrer à Presidência, uma vez que a resolução de 2006 diz que "se a candidatura é a mandato presidencial, por óbvio, válido será o domicílio e a filiação em qualquer município".

Na ocasião, o TSE respondeu a um questionamento sobre o tema feito pelo PSL, partido pelo qual Bolsonaro foi eleito em 2018 e que, em 2022, se fundiu com o DEM para fundar o União Brasil.

"Se a candidatura é de cunho municipal, o domicílio e filiação devem ser aí comprovados. Se a candidatura é a cargo eletivo estadual, a circunscrição é o estado", diz o voto do relator, o então ministro José Delgado.

O pedido foi protocolado nesta segunda no diretório estadual da União Brasil, que vai decidir se julga procedente ou não a solicitação. O caso pode subir também para a esfera nacional do partido em caso de recurso.

Procurado, o deputado federal Felipe Francischini, presidente do União Brasil no Paraná, afirmou que vai analisar o caso. Já o ex-juiz respondeu por meio de seu advogado.

"A filiação foi regular e a impugnação, além de imprudente, é manifestamente intempestiva. Não nos causa nenhuma preocupação", afirmou Gustavo Guedes, que representa Moro.

De forma reservada, dirigentes da União Brasil afirmaram à reportagem que seguem confiantes da possibilidade de Moro concorrer, uma vez que foram feitas análises prévias sobre a sua candidatura.

Atualmente, o plano da cúpula do partido para Moro é que ele faça viagens pelo Paraná e até o martelo mais à frente, em julho, sobre a qual cargo vai concorrer. O mais provável é tentar o Senado,

Presidente detalha suposto acordo feito com Moraes

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) disse nesta segunda-feira (13) que o suposto acordo que ele afirma ter feito com Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), para que crescesse nota de recuo após os atos de raiz golpista do 7 de Setembro envolvia o encerramento do inquérito das fake news e uma solução para Zé Trovão, apoiador alvo de investigações.

O chefe do Executivo afirmou, na semana passada, que existia essa espécie de acordo, mas o ex-presidente Michel Temer (MDB), que intermediou e acompanhou a conversa, nega. Procurado, Moraes não comentou.

"Eu assinei a carta. Eu me descapitalizei politicamente. Levei pancada para caramba em troca de um cumprimento do outro lado da linha, coisa simples, até sobre esse inqué-

rito que não tinha cabimento", disse Bolsonaro a jornalistas em frente ao Planalto.

Questionado se o suposto acordo envolvia o inquérito de fake news, que tem como alvo seus aliados, o presidente confirmou. "Envolvia sim. Um ou dois meses e ia botar um ponto final. Lamentavelmente do outro lado não veio nada." Esta é a primeira vez que Bolsonaro detalha o que estaria neste suposto acordo.

Ninguém nega corrupção, diz Mendes sobre Lava Jato

RIO DE JANEIRO O ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal (STF), afirmou nesta segunda-feira (13) que "ninguém negou" a existência do esquema de corrupção revelado pela Operação Lava Jato. Contudo, disse não ser correto combater o "crime cometendo crime".

Mendes comentou, em entrevista a jornalistas no Rio, uma fala do também ministro do STF Luiz Fux. Na se-

mana passada, ele disse que ninguém poderia esquecer os escândalos de corrupção apontados pelas investigações, anuladas, segundo o ministro, por questões formais.

"Ninguém discute se houve ou não corrupção. O que se cobra é que isso seja feito segundo o devido processo legal. Não se combate crime cometendo crime. Se você usou a prisão provisória alongada para obter dela-

ção, isso tem outro nome na ordem jurídica. Isso se chama tortura", disse Mendes.

Ele citou o caso de Geddel Vieira Lima, condenado no caso do bunker com R\$ 51 milhões encontrado em um apartamento em Salvador.

"O combate à criminalidade tem que ser feito dentro dos marcos legais. O Supremo Tribunal Federal não pode subscrever práticas ilícitas", afirmou Mendes.

Leite rompe promessa e busca reeleição no RS

Pré-candidatura anunciada pelo ex-governador tucano aumenta pressão para que partidos negociem as coligações

Caue Fonseca

PORTO ALEGRE Passados 77 dias da renúncia ao cargo de governador do Rio Grande do Sul, quando disse que o gesto não lhe retirava “nenhuma possibilidade” e “oferecia todas”, Eduardo Leite (PSDB) está de volta ao ponto de partida. Em entrevista coletiva ao lado do atual governador Raulo Vieira Júnior (PSDB), ele descumpriu as reiteradas promessas de que não concorreria à reeleição e anunciou a pré-candidatura ao Palácio Piratini. Mesmo fora do cargo, tentará ser o nome a quebrar o tabu do único estado que nunca reelegeu governador. “É uma decisão coletiva. Ouvi diversas opiniões, não só a minha. E eu mudei de opinião, mas não de princípios. É legítimo, é benéfico separar o governador do candidato e eu só concorreria dessa forma. O Rio Grande do Sul virou o jogo, mas o jogo não terminou.” Disse, ainda, que, se seu plano A fosse ser presidente, teria trocado de partido. “O plano A era dar a melhor contribuição possível ao país.” Sobre sua preferência em relação a eventuais governos de Lula e Bolsonaro, disse que “não se conforma com a falta

de alternativa”. “Se a polarização estiver no segundo turno, vamos falar sobre ela.” Com o anúncio, Leite encerrou de vez a busca pela Presidência da República, que incluiu derrota nas prévias internas para João Dória (PSDB), flerte com o PSD e uma mal-sucedida tentativa de candidatura paralela com o incentivo de Aécio Neves (PSDB). Agora, tanto o PSDB gaúcho quanto o paulista buscam superar o desgaste para manter seus governos estaduais. Pela lei eleitoral, a nova candidatura de Leite ainda é candidatura à reeleição, pois é a mesma pessoa concorrendo ao mesmo cargo, mesmo tendo renunciado. Ou seja, se vencer, não poderá se candidatar novamente ao Piratini em 2026. Raulo, por sua vez, só poderia concorrer a governador em 2022 e ficará sem cargo eletivo. Embora esperada por aliados e concorrentes, a indefinição de Leite vinha sendo usada como pretexto pelo MDB para manter a pré-candidatura do deputado estadual Gabriel Souza. Após passar pela presidência da Assembleia Legislativa, em 2021, Souza esperava contar com o apoio de Leite para

“É uma decisão coletiva. Ouvi diversas opiniões, não só a minha. Mudei de opinião, não de princípios. É legítimo, é benéfico separar o governador do candidato”

Eduardo Leite
ex-governador do RS

lançar uma candidatura com igual apelo, de político jovem (38 anos, um a mais do que Leite) e moderado com um projeto de união de forças de partidos de centro. Agora, Souza é pressionado dentro do MDB a desistir. Além de entender que Souza disputaria o mesmo eleitorado de Leite, o diretório gaúcho é cobrado pelo MDB nacional a cumprir o acordo em nome da candidatura de Simone Tebet à Presidência. Em troca do apoio tucano, o partido apoiaria o PSDB em Mato Grosso do Sul, Pernambuco e Rio Grande do Sul. O ex-governador Germano Rigotto (MDB), que coordena o plano de governo de Tebet, é um dos que incentivam a coligação local. No melhor dos cenários, Lei-

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) deixou o RS no início do mês sem ungir Pretto candidato e exigindo um acordo para as candidaturas a governador e senador. Já o PSB nacional ameaçou punir Beto Albuquerque após ele acenar com apoio à candidatura presidencial de Ciro Gomes (PDT) como retaliação à pré-candidatura de Pretto. Reunião entre partidos de esquerda – PT, PSB, PC do B e PV – está marcada para quarta (15). Com impasse entre PT e PSB, cresce a possibilidade da terceira via: antes cogitada para o Senado, Manuela D’Ávila (PC do B) poderia ser candidata ao governo do estado, embora tenha dito que não concorrerá a cargos em 2022.

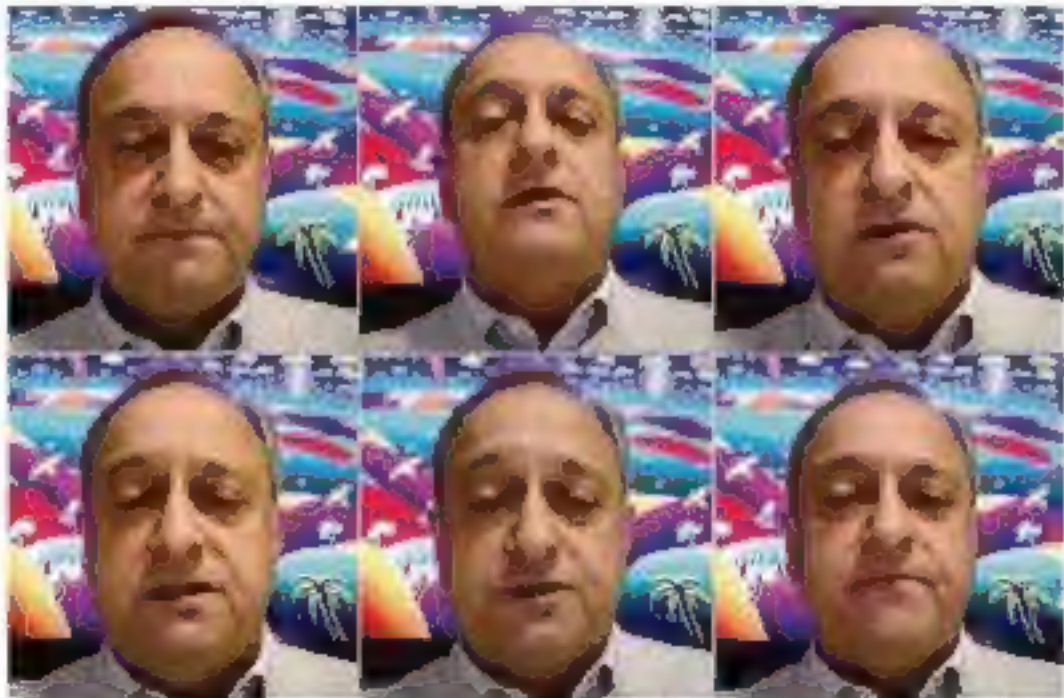
O projeto não funcionou, com a resistência da sigla, e Dória desistiu em 23 de maio. Seu partido decidiu apoiar a senadora Simone Tebet (MDB-MS) na disputa ao Planalto. Dória vai integrar o conselho do grupo empresarial Lide, que comandava antes de ir para a vida pública como prefeito de São Paulo (em 2016), agora gerido por um de seus filhos. “Sou um gestor. Não desprezei os profissionais da política, mas sou um gestor da política”, disse ele, que deixou a prefeitura em 2018 para vencer a eleição para o Palácio dos Bandeirantes. A jornalista, disse que não se arrependeu de “medidas impopulares” como governador, em especial no combate à pandemia da Covid. Um dos motivos aferidos em pesquisas que tentaram escrutinar a rejeição ao tucano foi a percepção negativa de ações como o fechamento do comércio contra a doença. “Faria tudo de novo”, afirmou, dizendo que fica no PSDB. Mais tarde, publicou no Twitter: “Deixo a vida pública com o senso de dever cumprido. Pelos meus erros, peço desculpas. Pelos meus acertos, cumpri minha obrigação”. Igor Gielow



O pré-candidato do PT ao governo de RS, Edegar Pretto

Sabatinas com pré-candidatos ao governo do RS

- 14 jun - 10h
• Luis Carlos Heinze (PP)
- 15 jun - 10h
• Beto Albuquerque (PSB)
- 20 jun - 10h
• Onyx Lorenzoni (PL)
- 20 jun - 16h
• Eduardo Leite (PSDB)



O pré-candidato do PDT ao governo do RS, Vieira da Cunha

Edegar Pretto quer cabeça de chapa do PT e critica regime de recuperação fiscal

Caue Fonseca

PORTO ALEGRE O pré-candidato do PT ao Governo do Rio Grande do Sul, Edegar Pretto, mantém o impasse em torno das candidaturas de esquerda no estado. Diz que aceita negociar composição com outros partidos, mas exige ao PT “o tamanho que ele tem”. Em sabatina à Folha e ao UOL, nesta segunda (13), o deputado estadual criticou a renúncia de Eduardo Leite (PSDB) e duas das suas principais vitórias no Legislativo: a aprovação do regime de recuperação fiscal e a privatização da estatal de energia CEE. Ele negou que a preferência do ex-presidente do Luiz Inácio Lula da Silva no Rio Grande do Sul fosse pela candidatura do ex-deputado federal Beto Albuquerque (PSB). A passagem de Lula pelo RS esfriou a candidatura de Pretto. Em 28 de maio, três dias antes, Pretto lançou a candidatura com a presença de petistas ilustres, como Dilma Rousseff e Tarso Genro. Mas em vez de apoiá-lo nominalmente, Lula deixou o estado pedindo para que os partidos de esquerda se entendam e cheguem a um acordo. Para reivindicar a cabeça de chapa, disse que o PT tem a maior bancada da Assembleia Legislativa, com nove deputados, e que trabalha por sua candidatura desde abril de 2021. Sobre a volta de Leite à disputa, criticou o tucano por

“dar as costas ao estado” em meio à maior estagnação em 70 anos. Para ele, Leite deixou de governar desde que deu início às aspirações presidenciais. Ele criticou ainda Leite por ter formado uma base de apoio prometendo não concorrer à reeleição: “Apresentou-se como uma renovação da direita e sempre gera expectativa. Foi uma grande decepção inclusive para este que vos fala. Se caracterizou por falar com a verdade. As pessoas têm muito dúvida, agora, de escrever o que ele fala. Ele não compreendeu que para nós, gaúchos, palavra tem um significado”. Não falou claramente que rejeitaria a adesão do estado ao regime de recuperação fiscal se eleito, mas disse que espera que “a adesão não seja formalizada” por considerá-la “um péssimo negócio”. Em suas contas, o estado já pagou, por uma dívida de R\$ 9 bilhões contraídas em 1996, R\$ 37 bilhões e ainda estão pendentes R\$ 73 bilhões. Argumentou que a base foi enganada e votou pela adesão ao regime considerando um pagamento de R\$ 400 milhões em 2023 ao governo federal, mas a cifra verdadeira seria de R\$ 1 bilhão. Prometeu também um “olhar de lupa” para o contrato de privatização da CEE, que, para ele, foi feita sem a segurança de que o serviço seria prestado de forma adequada e com imediata demissão de mais de mil servidores.

“Leite quer apenas comprar ao Deus mercado que ele é um privatista competente.” Pretto é filho de Adão Pretto, um dos fundadores do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Rio Grande do Sul e deputado estadual pelo PDT e pelo PT por seis mandatos consecutivos. “Não vou renegar minhas origens. Venho do cabo e de enxada com muito orgulho. Sai dessa condição aos 15 anos quando meu pai foi escolhido pra largar uma enxada e pegar uma caneta. (...) O papel das forças de segurança é cumprir ordem, é cumprir a lei. Obviamente que tem caminhos para se fazer cumprir a lei. Primeiramente priorizar a negociação. Segundo, a preservação da vida.” Sobre como pretende combater a evasão escolar, que foi de 10,7% na rede pública em 2021, quase o dobro da média nacional, de 5,6%, focou a resposta em infraestrutura. “No Rio Grande do Sul, 83% das escolas públicas não têm pátio para recreação e 14% não têm banheiro funcionando. Precisamos de investimentos para um melhor acolhimento”, declarou. Prometeu atuar em escolas de regiões mais carentes para o combate à fome e à insegurança alimentar. A sabatina foi conduzida pelo colunista do UOL Kennedy Alencar, e pelos jornalistas Tales Faria, do UOL, e Alexa Salomão, da Folha.

Vieira da Cunha diz que teria vergonha de superávit e culpa PT por Bolsonaro

PORTO ALEGRE Secretário estadual da Educação na gestão anterior a Eduardo Leite (PSDB), o ex-deputado federal Vieira da Cunha (PDT) disse que teria vergonha se seu governo divulgasse superávit de R\$ 4,7 bilhões nos primeiros quatro meses de 2022, como ocorreu no Rio Grande do Sul. A declaração foi dada pelo pré-candidato nesta segunda (13) em sabatina Folha/UOL ao analisar o último Censo Escolar, em que o RS apresentou um índice de 10,7% de evasão na rede pública em 2021, quase o dobro da média nacional. “É uma questão de prioridade de investimentos. Em um debate, o presidente Fernando Henrique Cardoso perguntou ao [Leonel] Brizola de onde retiraria dinheiro para implementar escola em tempo integral no Brasil, pois são caras. Brizola respondeu que cara é a ignorância”, declarou. Cabo eleitoral da presidencial de Ciro Gomes no RS, Vieira discordou de que Ciro deveria renunciar a candidatura para facilitar uma derrota de Jair Bolsonaro (PL) no primeiro turno. Para Vieira, Ciro não pode ser responsabilizado pelo atual presidente ter mais chance de chegar ao segundo turno. “O Lula e o PT, sim, prestaram serviço ao bolsonarismo. Alguém acredita que ele seria eleito se não fosse um sentimento de antipetismo? Se Ciro Gomes tivesse ido para o segundo turno [em 2018], o resultado não seria esse. O

único que está fazendo propostas para o Brasil é o Ciro Gomes, e espero que não percam essa nova oportunidade”, declarou. Sobre se o PT não está usando o argumento que Ciro Gomes usou em 2018, ressaltou o intervalo de tempo restante até as eleições. “Estás te deixando convencer por pesquisas quando as convenções partidárias nem ocorreram. Olha quantos tomaram no caminho. [Sergio] Moro nem conseguiu ser candidato. Vamos deixar o quadro ficar completo. Vamos dar o peso das pesquisas quando o eleitor se apropriar do debate público. Eu não posso chegar à conclusão de que dois candidatos farão o segundo turno já em junho”. Também se recusou a opinar qual seria o melhor presidente entre Lula e Bolsonaro e se o PDT daria o seu apoio formal em 2022 a um dos dois. No cenário gaúcho, Vieira se disse “incrédulo” com a notícia de que Leite concorreria novamente ao Governo do RS. “Ele passou o tempo inteiro dizendo que era contrário à reeleição. E olha o argumento dele, que era contra a reeleição de quem fica no cargo. Ora, mas é abusar da inteligência do povo gaúcho. Como se o governo não tivesse sido montado por ele, como se não estivesse lá um preposto seu, como se todos os cargos de confiança não tivessem sido nomeados por ele”, diz.

Vieira também criticou o regime de recuperação fiscal aprovado pelo governo Leite na Assembleia. Eleito, promete entrar na Justiça contra ele “no primeiro minuto”. “Um acordo absurdo, laço, que o governo assinou com a União. Deixou colocar o garrote no Rio Grande do Sul. Impuseram exigências que vão nos tornar reféns de União pelos próximos nove anos pagando juros absurdos em condições draconianas. E não é bravato”. Por estimular a violência, ele classificou Bolsonaro como “corresponsável” por episódios como o desaparecimento do indigenista brasileiro Bruno Araújo Pereira e do jornalista britânico Dom Phillips. “É um homem totalmente despreparado para um cargo dessa responsabilidade. Eu custo a acreditar que o Brasil está vivendo um momento como esse. Nós não temos mais o que esperar dele”, afirmou o pré-candidato. “Graças a Deus o nosso país é forte, está aguentando o tiro. Vai aguentar esse desgoverno e essas irresponsabilidades pelas quais ele vai ter que responder. Por essas omissões e crimes que ele está praticando”, completou. Sobre a descriminalização das drogas, se disse favorável. A sabatina foi conduzida pelo colunista do UOL, Kennedy Alencar, e pelos jornalistas Tales Faria, do UOL, e Alexa Salomão, da Folha. CF

mundo

Apoios no 2º turno na Colômbia refletem crise de forças tradicionais

Em meio a polarização, revista vê Petro e Hernández como 'saltos no desconhecido'; votação é no dia 19

Sylvia Colombo

BUENOS AIRES A menos de uma semana para a decisão da eleição presidencial na Colômbia, o tabuleiro de alianças e manifestações de apoio continua em movimento constante, depois da derrota das forças tradicionais no primeiro turno. A disputa opõe um nome da esquerda, campo de rejeição tradicionalmente alta no país, a um populista que se vende como outsider e tenta manter a pose de independente. No domingo (19), Gustavo Petro, que teve 40,3% dos votos no último dia 29, enfrenta Rodolfo Hernández, que nos dias antes do primeiro turno ultrapassou nomes inicialmente mais bem cotados e foi a opção de 28,2% do eleitorado. Entre diferenças e até algumas semelhanças, os dois dividem não só a classe política local. Em editorial recente, a revista britânica *The Economist* afirmou que ambos "colocam a Colômbia em risco" e representam "um passo rumo ao desconhecido", citando a possibilidade de o novo presidente não ter governabilidade —a exemplo do que se dá no Peru com Pedro Castillo. Ainda assim, segundo a publicação, o ex-guerrilheiro de esquerda "parece que aceitaria melhor freios e contrapesos institucionais". O ex-guerrilheiro Petro, ex-prefeito de Bogotá e senador, tem buscado mobilizar a militância a buscar votos. Ele travou conversas com políticos de todo o país

e amealhou o apoio de lideranças de esquerda do continente. O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), por exemplo, deu seu endosso ainda antes do primeiro turno, citando a defesa da democracia —Petro agradeceu chamando o petista de "futuro presidente do Brasil", indicando sua preferência para o pleito brasileiro. O candidato viu ainda o Grupo de Puebla assinar documento em seu favor. O presidente mexicano, Andrés Manuel López Obrador, afirmou que se solidarizava com o político por causa da "guerra suja" patrocinada por uma direita "indigna e covarde". E acrescentou: "Tudo o que já padecemos no México agora ocorre com Petro: chamam-no de comunista, de guerrilheiro, dizem que a Colômbia vai ser como a Venezuela". Gabriel Boric (Chile) também se manifestou, bem como os ex-presidentes do Uruguai Pepe Mujica e da Bolívia Evo Morales, que citou ameaças ao candidato —o esquerdista interrompeu a campanha mais de uma vez e, no segundo turno, tem optado por encontros com pequenos grupos; Hernández fez o mesmo. Internamente, porém, a disputa se mostra mais desafiadora para o ex-prefeito de Bogotá, ainda que o rival mantenha o discurso de outsider. "Me apresentei como independente e não posso ir buscar alianças, seria uma quebra de compromisso", afirmou Hernández

Raio-X da Colômbia



| | |
|-----------------------|---|
| Área | 1.142.000 km² (pouco menor que o estado do Pará) |
| População | 50,8 milhões (pouco maior que a do estado de São Paulo) |
| PIB | US\$ 271,4 bilhões (do Brasil é US\$ 1,44 tr) |
| PIB per capita | US\$ 5.334 (do Brasil é US\$ 6.796) |
| IBH | 83ª posição (Brasil é 84º) |

Fonte: Banco Mundial e CIA

à emissora Univisión. "Vamos receber apoios à filosofia de nossa proposta, mas a ideia é limpar de uma vez por todas o governo de ladrões que traem os colombianos." O populista teve um diálogo com o quarto colocado no primeiro turno, Sergio Fajardo (4%), que acabou não dando certo; o ex-prefeito de Medellín afirmou que Hernández não aceitou pontos que ele gostaria de ver incluídos no programa e, na semana passada, anunciou que votará em branco. As lideranças de sua coalizão, a Centro Esperança, também estão divididas, e partidos como o do ex-presidente Juan Manuel Santos liberaram seus eleitores a votar por quem quisessem —o Nobel da Paz disse que não se pronunciaria até o final do segundo turno. O ex-prefeito de Bucaramanga conta, porém, com o endosso da ex-senadora centrista Ingrid Betancourt, que desistiu de concorrer para apoiá-lo, e do direitista Federico "Fico" Gutiérrez, terceiro colocado (24% dos votos) que tinha o apoio do governo e dos partidos tradicionais. Hoje essas correntes se dividem, já que Hernández se projetou como opositor do ex-presidente e caudilho Álvaro Uribe. O voto não é obrigatório, e dos quase 39 milhões de eleitores registrados só 54% compareceram no primeiro turno. Segundo o agregador de pesquisas do site *La Silla Vacía*, atualizado no dia 10, a disputa hoje mostra um empate

técnico dentro da margem de erro: Hernández tem 46% das intenções e Petro, 44%. A subida do populista tem a ver, segundo os levantamentos, com a adesão dos apoiadores de Fico e da direita, ainda que os maiores partidos desse espectro não tenham se pronunciado oficialmente. Não que seja necessário: Uribe segue disparando posts contra Petro, e lideranças como a senadora María Cabal afirmaram que votarão em Hernández por ser "a única alternativa para parar a esquerda". Indagado sobre os apoios ligados ao uribismo, o populista reafirmou que tem "pelo menos umas 20 diferenças" com o ex-presidente e que, como independente, "não deve nada a ninguém". "As mesmas razões que frearam Fico —o apoio do uribismo e dos partidos tradicionais— podem frear Hernández, que só se projetou como um independente anti-establishment. Não há nada mais establishment que ter o uribismo e o atual governo respaldando uma candidatura vendida como independente", diz à *Folha* o analista político Juan Gabriel Tokatlian, no Instituto de Tella. Entre intelectuais, o sul-africano Nobel de Literatura John M. Coetzee manifestou apoio a Petro, por causa de sua plataforma de proteção aos animais, assim como o economista francês Thomas Piketty. Hernández tem a seu lado nomes como o do ensaísta colombiano William Ospina.

Cuba diz que condenou 381 pessoas por protestos de 2021

HAVANA | AFP E REUTERS Um total de 381 manifestantes que participaram dos protestos de 11 e 12 de julho de 2021 foram condenados em Cuba por crimes diversos, informou a Procuradoria-Geral de Havana nesta segunda (13). O balanço inclui 16 jovens de 16 a 18 anos e 36 pessoas que receberam sentenças de até 25 anos de prisão acusadas de sedição. Os protestos que eclodiram há pouco menos de um ano, reunindo milhares de pessoas em diferentes cidades da ilha, deixaram ao menos um morto, dezenas de feridos e mais de 1.300 detidos —centenas dos quais ainda estão na prisão, segundo a organização civil *Justicia 11*. Os atos, considerados as maiores manifestações desde a revolução de 1959, foram disparados pela frustração após meses de crise, falta de alimentos e restrições para conter a disseminação da Covid, culminando na acusação popular de negligência do regime comunista. Em novembro, um movimento de intimidação esvaziou novos protestos que haviam sido convocados. Em comunicado desta segunda, a Procuradoria informou que, até agora, "381 pessoas receberam sanções, incluindo 16 jovens entre 16 e 18 anos, principalmente por crimes de sedição, sabotagem, roubo com força e violência, ataque, desacato e desordem pública". As sentenças são definitivas, uma vez que resultam de recursos de penas que haviam sido impostas após julgamentos sumários. O órgão especificou que "297 acusados foram condenados a penas de privação de liberdade", de ao menos 5 anos de prisão. Desse total, 36 ficarão detidos por 25 anos por crime de sedição. Outros 84, incluindo 15 dos adolescentes, tiveram "a privação de liberdade comutada por penas alternativas que não implicam [...] entrada na prisão" e poderão cumprir a condenação com "trabalho correicional com e sem internação". Segundo a Procuradoria, porém, violações desses acordos poderão acarretar punições mais graves. Em Cuba, a maioridade se dá aos 18 anos, mas responsabilidade criminal e militar se aplica a partir dos 16. O regime havia informado, em 25 de janeiro, que 790 pessoas, incluindo 55 menores de 18 anos, foram acusadas de alguma forma por envolvimento nas manifestações de julho. As autoridades de Havana afirmam que os atos atacaram a ordem constitucional e foram orquestrados a partir dos Estados Unidos. Washington, por sua vez, desde então vem fazendo críticas à ilha por sentenças que considera excessivas e exigindo a libertação de todos os prisioneiros. Grupos de defesa dos direitos humanos e a União Europeia também já condenaram a falta de transparência da justiça cubana nesses casos. ONGs acusam a ocorrência de torturas, privação de luz e comida, além de choques elétricos nas penitenciárias. O líder da ditadura, Miguel Díaz-Canel, afirma não haver presos políticos na ilha e diz que as condenações são por crimes contra a segurança do Estado e por colaboração com forças estrangeiras.



INDÍGENAS PROTESTAM CONTRA CUSTO DE COMBUSTÍVEIS NO EQUADOR

Grupos indígenas e fazendeiros bloquearam estradas em diversas províncias no Equador nesta segunda-feira (13) para demonstrar sua oposição ao governo conservador do presidente Guillermo Lasso e para pedir a redução dos preços de combustíveis. *Cristina Vega/Star/AFIP*

Sessões sobre o 6/1 revivem tradição de teatro político nos EUA

Transmissão ao vivo de inquérito sobre invasão do Capitólio traz depoimentos de Watergate à memória

ANÁLISE
Lucia Guimarães

NOVA YORK. Audiências públicas de investigações no Capitólio representam uma tradição de teatro político americano desde a segunda metade do século 20, período em que começaram transmissões pela TV. Na década de 1950, quando os EUA tinham metade da população atual, de 132 milhões, um público médio estimado em 80 milhões de pessoas acompanhou as sessões do subcomitê liderado pelo senador Joseph McCarthy, que selou sua infâmia contra Caça às Bruxas, perseguição anti comunista a intelectuais, figuras de Hollywood, integrantes do governo federal e das Forças Armadas. Mas foi a investida contra os militares que marcou a virada na opinião pública, simbolizada pelo momento em que um advogado do Exército perdeu a paciência depois de McCar-

thy insinuar que um advogado de seu escritório era membro do Partido Comunista. “Vamos não assassinar o jovem além desse ponto. O senhor não tem senso de decência, afinal? Não lhe sobrou qualquer senso de decência?”, questionou Joseph Welch em junho de 1954, furando o baão de impiedade que já durava mais de dois anos, destruiu reputações e tornou impossível para um grande número de profissionais conseguir trabalho. Depois, colegas do Partido Republicano se voltaram contra McCarthy, que foi censurado no Senado e morreu de complicações por alcoolismo três anos depois. Através de Welch sobre “o senso de decência” entrou um novo vocabulário político americano. Esta semana marca os 50 anos de um arrombamento que pos fim à Presidência de Richard Nixon. Cinco trapalhões contratados pela Casa Branca foram presos em

flagrante, em 17 de junho de 1972, marcando escutas na sede do Partido Democrata, no complexo de edifícios Watergate em Washington. Não era a primeira invasão do presidente em métodos ilegais para conseguir informações, perseguir e punir adversários. Mas a execução tosca da invasão, que visava minar a candidatura do democrata George McGovern nas eleições daquele ano, deu origem a esforços para acobertar o crime e blindar Nixon. Ele se reelegeria de lavada, vencendo McGovern em 49 dos 50 estados. “Lembre que os americanos, na maior parte, ignoraram o escândalo de Watergate durante um ano”, diz a Folha John Dean, ex-conselheiro jurídico da Casa Branca de Nixon. Numa conversa por telefone de sua casa em Beverly Hills, na Califórnia, Dean joga água fria no clima de expectativa que precedeu a audiência ao vivo do comi-

te da Câmara encarregado de investigar a invasão do Capitólio, em janeiro de 2021. A primeira transmissão, na última quinta (9), em horário nobre, foi comparada às audiências de Watergate em 1973, que eletrizaram tardes antes marcadas pelas soap operas, as telenovelas americanas. “Quando chegou a minha vez de depor”, lembra Dean, “o público já chegava a 85 milhões”. “Mas não tenho uma frase de efeito boa sobre a importância dessas audiências do 6 de janeiro”, diz o autor da frase de efeito mais famosa dos depoimentos de Watergate: “Comecei por dizer ao presidente que havia um câncer crescendo na Presidência e, se o câncer não fosse removido, o próprio presidente seria morto por ele”. Dean foi a testemunha mais importante para incriminar Nixon. Ele era um advogado inexperiente de 31 anos quando foi nomeado por ele em 1970 e nem sempre era notificado dos truques dos capangas do presidente. Mas foi instrumental nas ações de acobertamento e renunciou em abril de 1973, quando sua memória foi decisiva para colocar Watergate num contexto de criminalidade na Casa Branca. Em troca da delação, Dean se confessou culpado de uma só acusação — obstrução da justiça. Por pagar pelo silêncio dos invasores de Watergate, pegou uma pena que rumou de fato, ao longo de quatro meses, sob o programa de proteção a testemunhas, em razão de ameaças de morte.

Sobre a calma método a que exibiu ante das câmeras naquele junho de 1973, Dean, que já havia trabalhado como assessor jurídico no Congresso, diz que sabia navegar naquele ambiente. “E eu não me considerava importante. O que importava ali era educar o público americano”. Hoje, 50 anos depois, o cenário em um país polarizado é outro. A rede de cabo Fox News, com sua audiência cativa de público trumpista e, com papel ativo no compartilhamento de mentiras sobre a vitória legítima de Joe Biden que inflamaram a invasão do Capitólio, foi a única a não transmitir a audiência da quinta-feira, que interrompeu também a programação das três principais redes de TV aberta. Há, porém, um detalhe em comum. Em julho de 1973, as sessões públicas de Watergate

te envolveram pela primeira vez o entretenimento, quando o anfitrião de talk show Dick Cavett levou as câmeras do seu programa para dentro da sala do comitê do Senado no qual desfilavam as testemunhas. Cavett, talvez o mais intelectual de todos os anfitriões da noite na TV americana, orquestrou, com humor fino as entrevistas com protagonistas do que muitos consideram o escândalo do século. Na semana passada, seu amigo Stephen Colbert, popular apresentador de talk show, decidiu entrar ao vivo em seu programa normalmente gravado à tarde para destacar a importância da investigação do 6 de janeiro. Talvez a comparação mais apropriada ao clima de erosão democrática e impunidade que culminou no ataque ao Legislativo americano esteja em outra temporada de audiências públicas, as do escândalo Irã-Contra, no verão americano de 1986. A estrela dos interrogatórios naquele ano era o coronel Oliver North, facilitador na Presidência de Ronald Reagan, da venda ilegal de armas ao Irã para financiar ajuda secreta aos contras na Nicarágua. Foi condenado e nunca passou um dia na prisão. Mas um contraste do 6 de janeiro em Watergate e mais relevante: Nixon praticou crimes e renunciou sob pressão de coreligionários que o abandonaram. Trump, que convocou um motim para derrubar um governo eleito, segue impune e apoiado pelo Partido Republicano.

[...]
Nixon praticou crimes e renunciou sob pressão de coreligionários que o abandonaram
Trump, que convocou um motim para derrubar um governo eleito, segue impune e apoiado pelo Partido Republicano



Cenas do documentário 'Endangered', sobre jornalistas em risco em países democráticos. (divulgação)

Documentário retrata ameaças a jornalistas em democracias

NOVA YORK. Jornalistas têm filhos cachorros e usam pijamas. E também ficam de bermuda com a família no sofá. Se esse detalhe mundano não merece primeira página em nenhum jornal, o retrato de jornalistas é humanizado no documentário “Endangered” (ameaçados de extinção), com cenas de domesticidade em contraponto à rotina de risco de morte, balas de berracha e perseguição digital como a enfrentada por Patrícia Campos Mello, da Folha, uma entre quatro repórteres que a obra acompanha, a partir de 2020. Nas primeiras cenas do filme, que estreou no domingo (12), no festival Tribeca, em Nova York, ouvimos o luto nacional sobre imagens de Patrícia dirigindo e, em seguida, num comunicado pró-Bolsonaro na avenida Paulista. Assisti-

mos a falas violentas sobre a mídia — “esta gente tem que ser exterminado” — diz um orador. Ela explica que o Brasil é uma democracia jovem em que a liberdade de imprensa ainda é frágil. E relata como se tornou alvo de ataques de Jair Bolsonaro, motivo de uma ação que ganhou contra o presidente. Além de Patrícia, elas acompanham a fotojornalista mexicana Sashaenka Gutiérrez, o fotojornalista Carl Juste, do jornal Miami Herald, e o britânico Oliver Laughland, correspondente do Guardian nos EUA, que aparece cobrindo a campanha de Donald Trump e sendo hostilizado por apoiadores do ex-presidente. O critério de escolha dos personagens pelos diretores, Heidi Ewing e Rachel Grady, indicadas ao Oscar por “Jesus Camp” (2006), sobre uma co-

lônia de férias na qual crianças recebem doutrinação evangélica —, foi o fato de os jornalistas pertencerem a quatro democracias, para melhor examinar o declínio da liberdade de imprensa, agravada pelo desaparecimento de empresas de jornalismo local nos EUA. Após a sessão de estreia, as diretoras e os quatro repórteres se sentaram no palco da sala de cinema ao produtor executivo do filme, o autor e jornalista Ronan Farrow, filho de Woody Allen e Mia Farrow. Ewing afirmou que jornalista não gosta de dar entrevista ou ser notícia. Patrícia concordou, mas se disse satisfeita por ver que o filme mostra que ser repórter é um trabalho como qualquer outro, apesar dos riscos. O fotógrafo Juste, nascido no Haiti, diz que aceitou ser filmado ao lon-

go dos protestos raciais após o assassinato de George Floyd para deixar um testemunho para a geração de seu filho. Juste e Patrícia aparecem no documentário conversando com os filhos, alertas sobre as hostilidades que fazem parte da rotina dos repórteres. Ambos têm senso de humor sobre os desafios dos pais. O filho de Patrícia, que no começo das gravações tinha sete anos de idade, a certa altura conta triunfante que chamou de alfabeto online a sua mãe, escrevendo em português incorreto. A pandemia aparece em falas negacionistas de Bolsonaro e Andrés Manuel López Obrador, presidente do México. Na Cidade do México, aliás, Gutiérrez documenta famílias de mortos aos prantos em um hospital.

A experiência dos quatro jornalistas mostra aspectos diferentes que conferem mais clareza aos desafios da profissão no presente. Juste, que é negro, documenta a violência racial. O britânico Laughland escreve sobre o declínio da democracia americana desde que se mudou para o país, em 2014. Gutiérrez acompanha atos de mulheres contra feminicídio que são alvo de repressão violenta da polícia. E Patrícia relata sua experiência de intimidação e ataques misóginos online, mostrando memes grotescos no celular. A desinformação é destacada, mas o filme perde a chance de mostrar o papel das redes sociais na erosão de democracias, um tema que deu projeção internacional a Patrícia, autora do livro “A Máquina de Ódio”. Farrow, celebrado como

um dos repórteres que denunciaram os crimes sexuais de Harvey Weinstein, disse que reconheceu, nos problemas enfrentados pela jornalista brasileira, momentos que ele passou. Em 2017, contou, o produtor contratou ex-agentes do serviço secreto israelense para espioná-lo. Ele, então, saiu temporariamente de seu apartamento e chegou a ser aconselhado a comprar uma arma. “São problemas idiossincráticos”, comentou. Tem razão. Os riscos corridos pelos quatro jornalistas em “Endangered” não se comparam a cenários plausíveis de intimidação em Nova York contra Farrow, prominentemente ex-funcionário do Departamento de Estado no governo de Barack Obama. LG Endangered

EUA, 2022. Dir. Rachel Grady e Heidi Ewing. 98 min. Lançamento em 28 jun

mundo



Parentes e amigos participam, na catedral de Kiev, do velório de soldado ucraniano morto em combate em Severodonetsk. *Martha Bjuvne - 11/jun.22/Reuters*

Rússia destrói acessos e impõe cerco a Severodonetsk

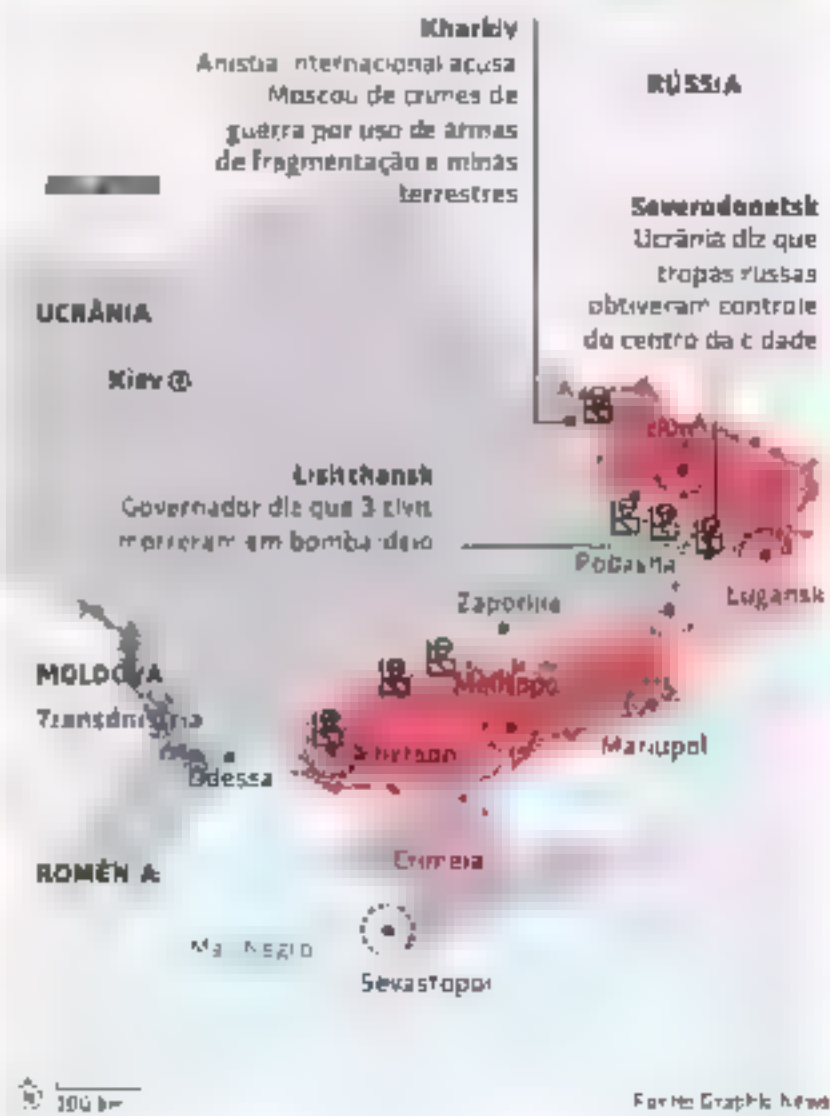
Zeilenski volta a reclamar de apoio ofertado pela Alemanha em críticas a Scholz

GUERRA DA UCRÂNIA

KIEV | REUTERS Em um cenário que ecoa o cerco à cidade portuária de Mariupol, no mês passado, as forças da Rússia reforçaram nesta segunda-feira (13) o controle sobre Severodonetsk, no leste da Ucrânia, ao conquistarem interromper as últimas rotas para a retirada de civis, afirmou uma autoridade ucraniana. Em meio a bombardeios, o governador de Lugansk, Serhiu Gaidai, escreveu no Telegram que as pontes próximas à área foram destruídas, impossibilitando a entrada de cargas humanitárias ou a saída de cidadãos. “É impossível dirigir até a cidade, entregar algo lá. A retirada é impossível.” De acordo com Gaidai, 70% do pequeno município industrial, foco de uma das batalhas mais sangrentas da guerra, está sob controle russo, ainda que os defensores ucranianos restantes não estejam totalmente neutralizados. “Eles têm capacidade para matar feridos para hospitais, então ainda há acesso”, afirmou ao serviço ucraniano da Rádio Liberty. “Mas é difícil levar armas ou reservistas.” A Ucrânia faz pedidos cada vez mais urgentes a potências do Ocidente para obter armas pesadas que ajudem a defender Severodonetsk, cidade que Kiev vê como chave para a batalha pela região do Donbass, no leste do país — e, claro, para o curso total da guerra, agora em seu quarto mês.

110º dia de incursões da Rússia na Ucrânia

- Reivindicado por separatistas, mas sob domínio da Ucrânia
- Controlado por separatistas e reconhecido como independente por Moscou
- Ocupado por tropas russas
- Cidades tomadas pela Rússia
- Contra-ataque ucraniano
- Anexada pela Rússia em 2014
- ⚔ Combates intensos



Após falhar na tentativa de tomar Kiev no início da invasão, Moscou se concentrou em expandir o controle no leste da Ucrânia, na área que compreende Lugansk e Donetsk, ocupada por separatistas apoiados pelo Kremlin desde 2014, além de tentar tomar mais territórios na costa do mar Negro. Damien Magrou, da Legação Internacional para a Defesa da Ucrânia, que tem forças em Severodonetsk, disse que a situação ali pode se tornar o mesmo cenário de Mariupol, “com um grande bolsão de defensores ucranianos isolados do resto das tropas” do país. “Essa é uma das razões pelas quais é tão importante que os parceiros ocidentais entreguem artilharia de longo alcance o mais rápido possível.” Mariupol virou ruína, com a prefeitura local estimando 90% de prédios danificados e talvez 20 mil mortos, entre os mais de 400 mil habitantes no pré-guerra. Houve ataques notórios, como a destruição de um teatro e de uma maternidade. A resistência ucraniana foi possível devido à grande rede de túneis e bunkers dentro do complexo siderúrgico Azovstal, desenhado nos tempos da União Soviética para aguentar até um ataque nuclear. Sem água, comida ou reforços, contudo, ela ficou impossível. Para combater em pé de igualdade no leste, o conselho da Presidência ucr-

Nórdicos devem unificar defesa aérea, diz Finlândia

Os nórdicos Finlândia, Suécia e Noruega têm pela frente uma oportunidade chave de organizar uma defesa aérea conjunta no Círculo Ártico, disse nesta segunda (13) o presidente do Parlamento finlandês Matti Vanhanen, se referindo aos recentes pedidos de ingresso na Otan, a aliança militar ocidental, feitos por Suécia e Finlândia — a Noruega já compõe o bloco. Assim, as duas nações nórdicas, impulsionadas pela Guerra da Ucrânia, romperam sua tradição política de neutralidade. “Nos três temos forças aéreas relativamente fortes e temos que controlar nossas fronteiras e nosso espaço aéreo”, disse. “Será muito natural que, nos próximos anos, o controle do espaço aéreo fosse conjunto”, seguiu Vanhanen, que a foi premie-

ruana M.Khalilo Podolnik listou as armas pesadas do Ocidente que seriam necessárias, incluindo mil obuses, 500 tanques e mil drones. Nos últimos dias, as críticas do Kremlin aos EUA e a outras nações devido ao envio de armas a Kiev se acumularam, com a ameaça de novos ataques em caso de repasse de mísseis de longo alcance. Em relatório recente, o Ministério da Defesa russo afirmou ter destruído armas e equipamentos enviados por americanos e europeus, como em um ataque com mísseis de alta precisão contra um alvo próximo à estação ferroviária em Luchine, a noroeste de Donetsk. Não houve comentários do lado ucraniano. O presidente Volodymyr Zelenski, por outro lado, vocalizou outra vez a insatisfação com o apoio ofertado pela Alemanha, acusando o premiê Olaf Scholz de estar muito preocupado com as repercussões nos laços de Berlim com Moscou. Os comentários, feitos à emissora pública alemã ZDF, ocorrem em meio a rumores de que o primeiro-ministro alemão faria na quinta-feira sua primeira viagem a Kiev desde o início da guerra. “Precisamos do premiê Scholz a certeza de que a Alemanha apóia a Ucrânia”, disse Zelenski. “Ele e seu governo devem decidir não pode haver um trade-off entre a Ucrânia e as relações com a Rússia.” O alemão, que nega as acusações, tem reafirmado os pedidos para visitar Kiev, dizendo que só iria à capital ucraniana caso tivesse algo concreto para anunciar. Mas cedo nesta segunda, Scholz afirmou a jornalistas que a Alemanha enviou à Ucrânia um dos sistemas de artilharia mais avançados e que a conclusão do processo demorou porque antes era necessário treinar os militares ucranianos para usá-lo.

Bachelet diz que não buscará novo mandato como comissária de direitos humanos da ONU

GENEVA | REUTERS E APF A chilena Michelle Bachelet, 70, alta comissária de direitos humanos da ONU, afirmou nesta segunda-feira (13), em um anúncio surpresa, que não disputará mais um mandato à frente do cargo. O anúncio foi feito durante o início da 40ª sessão do Conselho de Direitos Humanos, em Genebra, e chega poucas semanas após Bachelet retornar de uma visita à China — a primeira de um alto comissário em pelo menos 15 anos —, pela qual foi alvo de críticas de especialistas, ONGs e ativistas de direitos humanos. Ela, que também é ex-presidente do Chile, foi ao país

liderado por Xi Jinping para, entre outras coisas, acompanhar a situação em Xinjiang, província de 1,6 milhão de km² onde o regime chinês é acusado de reprimir e encarcerar a minoria muçulmana uigur. Ao retornar da visita, Bachelet, frustrando expectativas, afirmou que sua presença no país asiático não havia configurado uma investigação. Ela tampouco divulgou um relatório sobre a situação local, que já estaria pronto e cuo anúncio é reivindicado por ONGs. “Como meu mandato de alta comissária chega ao fim, a 30ª sessão do Conselho será a última em que me expresso”, disse a chilena, que não

forneceu razões para deixar o cargo. Seu nome era cotado como um dos possíveis para substituir o português António Guterres como secretário-geral das Nações Unidas. Sobre a China, afirmou que seu escritório trabalha numa avaliação sobre Xinjiang e que o conteúdo seria compartilhado com o regime de Xi antes de ser disponibilizado ao público. Nenhum cronograma foi fornecido. Ativistas acusam Bachelet de ter discursos menos críticos em relação a Pequim do que a outras nações em que há violação maciça de direitos humanos, como Myanmar, também na Ásia. Formada em medicina, Ba-

chelet começou seu ativismo político durante a ditadura do general Augusto Pinochet (1973-1990). O pai da chilena foi morto pelo regime, e ela e sua mãe também foram detidas e torturadas. Bachelet chegou a se exilar, primeiro na Austrália e depois na Alemanha Oriental. Ela cumpriu dois mandatos presidenciais: de 2006 a 2010 e de 2014 a 2018. A pressão em torno de sua postura frente ao regime chinês cresceu na sexta (10), quando 41 relatores especiais da ONU, em comunicado conjunto, pediram uma mudança de postura das autoridades chinesas e mandaram recados à alta comissária. Os

especialistas dizem reconhecer a importância do diálogo construtivo de Bachelet com o regime da China, mas salientam que esse compromisso não substitui a “urgente necessidade de uma avaliação completa da situação dos direitos humanos no país, especialmente nas regiões de Xinjiang, Tibete e Hong Kong”. Os Estados Unidos também já haviam se manifestado sobre o assunto, alegando estarem preocupados com o “silêncio da alta comissária frente a indiscutível evidência de atrocidades em Xinjiang”. Ainda durante sua fala nesta segunda, Bachelet mencionou extensa lista de violações de direitos humanos ao redor do mundo. Entre outros, lembrou as prisões de cidadãos da Rússia que se manifestam contra a Guerra da Ucrânia e o cerceamento da li-

berdade de imprensa no país de Vladimir Putin. “Lamento o aumento da censura e as restrições aos meios de comunicação independentes.” Bachelet mencionou os recentes golpes de Estado na África — só no ano passado, Chade, Mali, Guiné e Sudão observaram a tomada inconstitucional do poder, e em 2022 Burkina Faso se juntou à lista. O Brasil também esteve presente no discurso da alta comissária. Bachelet disse que as ameaças aos defensores dos direitos humanos e do ambiente são alarmantes e citou casos recentes de violência política e racismo estrutural. Apelo às autoridades para que assegurem o respeito pelos direitos fundamentais e as instituições independentes. Bachelet foi indicada ao cargo de alta comissária de direitos humanos da ONU em 2018.

Senado aprova projeto que impõe teto a ICMS sobre combustíveis

Proposta, que inclui energia e telefonia, sofre alteração e terá de passar por nova votação na Câmara

Renato Machado e Raquel Lopes

BRASÍLIA O Senado aprovou nesta segunda-feira (13) o projeto de lei complementar que estabelece um teto para as alíquotas do ICMS sobre combustíveis, energia, telecomunicações e transportes.

A votação é uma derrota para os governadores, que buscaram articular alterações mais profundas no texto que tinha vindo da Câmara dos Deputados, argumentando que a queda na arrecadação poderia trazer problemas.

Por outro lado, é uma vitória do grupo do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL) e do próprio governo do presidente Jair Bolsonaro (PL), que vem travando guerra com os governos estaduais e atribuindo aos estados a responsabilidade pela alta dos preços dos combustíveis.

A estimativa do relator da proposta no Senado, Fernando Bezerra Coelho (MDB-PE), é que a aprovação do projeto de lei complementar e de outras duas PECs (propostas de emenda à Constituição), ainda sem data de votação, possa provocar queda no preço do litro da gasolina de R\$ 1,65 e de R\$ 0,76 no do diesel.

O texto principal do projeto foi aprovado por 65 a 12 —eram necessários 41 votos. Como houve alterações, a proposta precisa passar por nova votação na Câmara.

A bancada governista votou em péso a favor da proposta. Votaram de maneira contrária senadores do PT e alguns parlamentares do MDB. Um dos poucos integrantes da oposição que se manifestaram favoravelmente foi o líder da oposição, Randolfe Rodrigues (Rede-AP).

Os senadores ainda analisaram cinco destaques: alterações específicas que são analisadas em separado. Quatro deles foram rejeitados pelos senadores. No entanto, no outro, o governo federal sofreu uma derrota, por 45 votos a 26.

Esse destaque aprovado determina que a União vai precisar compensar os estados com os valores da arrecadação que seria destinada para o Fundeb e para os municípios constitucionais destinados para saúde e educação.

O chamado PLP 18 conside-



Eduardo Gomes (PL-TO), Flávio Bolsonaro (PL-RJ) e Rodrigo Pacheco (PSD-MG) durante a votação. Jefferson Berto/Agência Senado

ra como itens essenciais os combustíveis, energia, telecomunicações e transportes e, assim, estabelece que as alíquotas do ICMS sobre esses itens não podem ser superiores a 17% ou 18%.

A proposta impacta diretamente os estados. Alguns deles, como o Rio, têm alíquota de 34% para esses bens e serviços.

O projeto foi aprovado pela Câmara no fim de maio, sob forte protestos de governadores, que buscavam reverter os principais pontos durante a tramitação no Senado —Casa legislativa mais próxima aos estados.

No entanto, Bezerra, relator da proposta no Senado, manteve a espinha dorsal do texto. Permaneceu, por exemplo, o dispositivo que determina que o novo teto entre em vigor a partir da sanção do projeto, enquanto os governadores queriam uma "modulação".

A proposta aprovada pelos deputados inclui uma compensação a estados em caso de perda de arrecadação. Estava previsto um gatilho que seria acionado para determinar a compensação quando

a perda de arrecadação fosse superior a 5%.

Bezerra mudou o texto para determinar que o gatilho será acionado quando houver variação superior a 5% apenas na arrecadação com combustíveis, energia, telecomunicações e transportes. Além disso, momentos antes da votação, o senador acolheu outra emenda determinando que a variação da inflação também seja considerada para determinar a porcentagem de queda na arrecadação. A alteração beneficia os estados.

A compensação prevista pelo texto da Câmara previa o abatimento das dívidas que estados mantêm com a União. Em uma pequena concessão aos estados, Bezerra tornou a compensação mais imediata.

Quando o gatilho for acionado, os estados que têm dívidas com a União poderão abater os valores das parcelas da dívida pagas mensalmente. Antes, a proposta era alterar o estoque, sem garantia de abate imediato no caixa.

Outra alteração prevê a inclusão de mecanismos para compensar estados que tenham perdas maiores que

5%, mas não têm dívidas com a União. Eles receberão, em 2023, parte da fatia do governo federal na CFEM (Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais). O relator disse que cinco estados podem se enquadrar nessa situação, e o impacto será de até R\$ 3 bilhões.

O texto também contém as medidas que haviam sido anunciadas por Bolsonaro para segurar o preço dos combustíveis, em um momento de alta de inflação e em que o mandatário busca a reeleição. Constam a redução a zero das alíquotas da Cide-Combustíveis, PIS e Cofins, incidências sobre a gasolina até 31 de dezembro de 2022. Essas medidas vão representar uma renúncia fiscal por parte do governo federal de R\$ 17 bilhões.

O relator recuou em suas intenções de estender até 30 de junho de 2027 a alíquota zero de tributos federais para álcool hidratado, combustível e sobre álcool anidro adicionado a gasolina. A regra valerá apenas até o fim deste ano. Bezerra disse que as questões relativas ao etanol serão discutidas na PEC que vai tratar do tema.

O senador também acatou uma emenda para zerar tributos federais sobre a comercialização da produção de refinarias independentes sobre GLP, gás natural e óleo diesel.

O relator aceitou, ainda, mudanças para garantir que se mantenha a proporção atual de repasses para a compensação do Fundeb e piso de saúde. Nesse caso, a nova redação deixa claro que os recursos de compensação devem ser repassados à saúde e à educação nos mesmos percentuais previstos para a arrecadação de ICMS. Esse dispositivo valeria até o fim do ano.

Impacto da medida na conta de luz varia de acordo com estado

SAIBA MAIS

Alexa Salomão

BRASÍLIA A fixação de um teto para o ICMS dos estados na conta de luz entre 17% e 18% foi o investido mais incisivo do governo e Congresso pa-

ra mudar os custos tarifários de energia em ano eleitoral. A medida foi incluída no PL (projeto de lei) 18, aprovado nesta segunda (13) pelo Senado, e abrange também combustíveis, telecomunicações e transportes.

A necessidade desse teto já havia sido definida pelo STF (Supremo Tribunal Federal). Em julgamento sobre o tema, o corte entendeu que o serviço de energia é essencial e precisa de uma alíquota máxima, baseada no valor padrão do tributo, sem determinar valores.

"O projeto vai converter em lei o que o Supremo já havia decidido, o que é um avanço", afirma o advogado André Edelstein, especialista na área de energia.

Cada um dos 26 estados e o Distrito Federal tem um jeito próprio de fazer a cobrança, segundo levantamento da Abrace (Associação Brasileira de Distribuidores de Energia Elétrica). Alguns têm três faixas de alíquotas por volume de consumo. Outros adotam uma única alíquota, mais elevada. Não existe padrão. Há isenções à baixa renda, mas essas faixas também variam.

Sendo assim, o efeito do teto estabelecido pelo Congresso vai ser muito diverso, avizam os especialistas do setor. Projeção da Aneel indica que a redução pode ser de 12% na média.

Na capital paulista, por exemplo, adotam-se três faixas de cobrança para o consumidor residencial.

Além de tarifa social, há isenção para quem consome até 90 kWh. Acima disso, a alíquota é de 12% até 220 kWh, passando a 27% até 500 kWh. Nesse caso, uma família mais zelosa com o consumo pode até pagar mais imposto com a mudança.

No Rio, a isenção vai até 50 kWh. Acima disso, aplica-se alíquotas de 18% até 300 kWh, e alíquotas superiores a 30% até o teto de 500 kWh. O Rio é uma cidade atípica, onde se usa muito ar-condicionado, então, a medida tende a favorecer as classes médias e altas.

Os mineiros e baianos serão muito beneficiados. Nesses estados, a baixa renda conta com tarifa social, mas não há isenção para quem consome menos. Em Minas Gerais, adota-se alíquota única de 30%, e, na Bahia, de 27%.

"Reduzir impostos na conta de luz é importante, mas a medida do jeito que veio tem forte componente populista pois, vamos lembrar, não via um terço do problema, mas não resolve", diz Ricardo Lima, consultor do setor de energia com 43 anos de atuação em entidades e empresas da área.

Energia responde por 31% do preço do pão e 26% do da cerveja, diz estudo

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO Os custos com energia representam 31% do preço final do pão no Brasil, segundo estudo divulgado pela Abrace (Associação Brasileira de Grandes Consumidores Industriais de Energia e de Consumidores Livres).

O impacto reflete os gastos com luz elétrica e gás natural ao longo da cadeia produtiva, além das despesas com outras fontes de energia, incluindo combustíveis como o óleo diesel.

A fatia também supera os 30% em outros alimentos simbólicos da mesa do brasileiro. No preço final do macarrão, por exemplo, o peso da energia chega a 38,4%, diz o levantamento.

No açúcar, o percentual alcança 36,2%. Em biscoitos e bolachas, a fatia é de 35%.

O levantamento foi encomendado pela Abrace à Ex-Atte Consultoria Econômica. As estimativas foram realizadas a partir de dados disponíveis

Hoje, mais da metade da conta [de luz] que o consumidor paga é composta por subsídios, encargos, taxas, impostos. Há muito espaço para melhorar e trazer mais competição para o setor

Paulo Pedrosa presidente da Abrace (Associação Brasileira de Grandes Consumidores Industriais de Energia e de Consumidores Livres)

até 2019, antes da pandemia.

Os pesos devem ter ficado ainda maiores devido a crescentes da luz e dos combustíveis ao longo dos últimos meses, segundo Paulo Pedrosa, presidente da Abrace.

"A intenção do estudo é tentar reposicionar o debate sobre energia no Brasil. O debate hoje está muito centrado na cadeia produtiva e tem pouca participação dos consumidores", diz o dirigente.

"A saída passa por desmontar algo que acontece no setor elétrico. Hoje, mais da metade da conta [de luz] que o consumidor paga é composta por subsídios, encargos, taxas, impostos. Há muito espaço para melhorar e trazer mais competição para o setor", acrescenta.

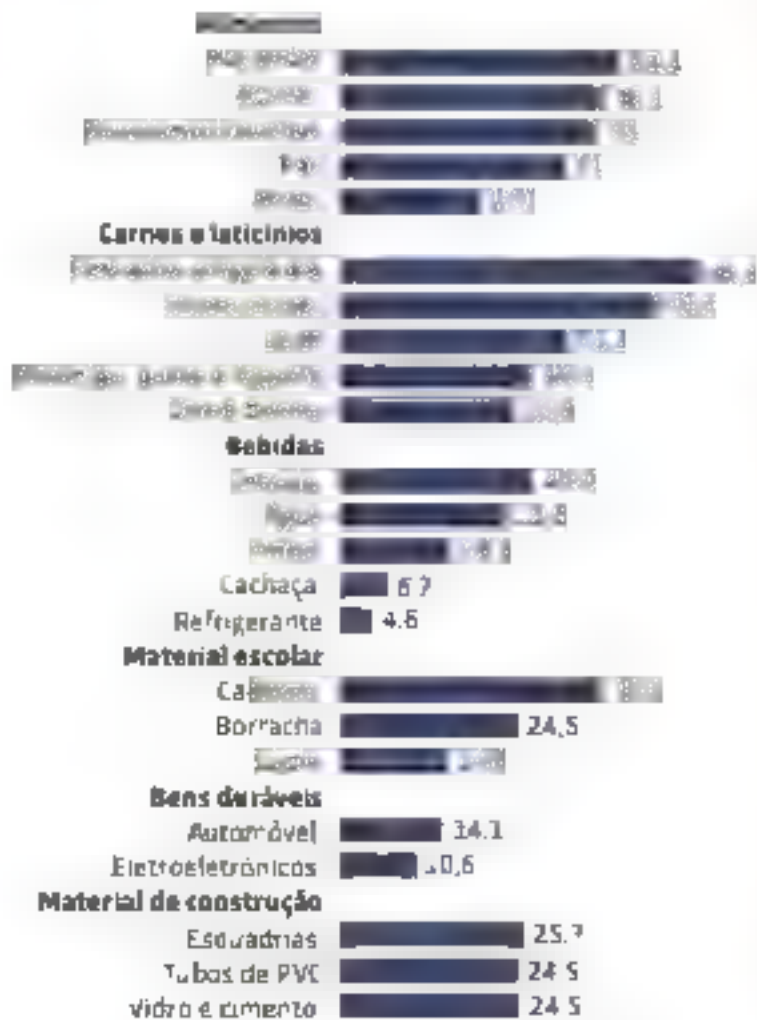
O peso da energia sobre os preços finais reflete desde os gastos nos processos de produção dos alimentos, que exigem luz elétrica e gás, até o transporte das mercadorias, que demandam combustíveis.

Reportagem recente da Fo-

Impacto da energia no bolso

Peso de energia elétrica, gás natural e outros energéticos sobre os preços fixos, segundo dados de 2019

Em %



Fontes: Abrace/Ex-Atte Consultoria Econômica, com base em dados do IBGE e da Ministério de Minas e Energia

lha mostrou que a inflação de itens como o pão encareceu o café da manhã dos brasileiros. No acumulado de 12 meses até maio, o pão francês subiu 15,59%, indicam dados do IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo).

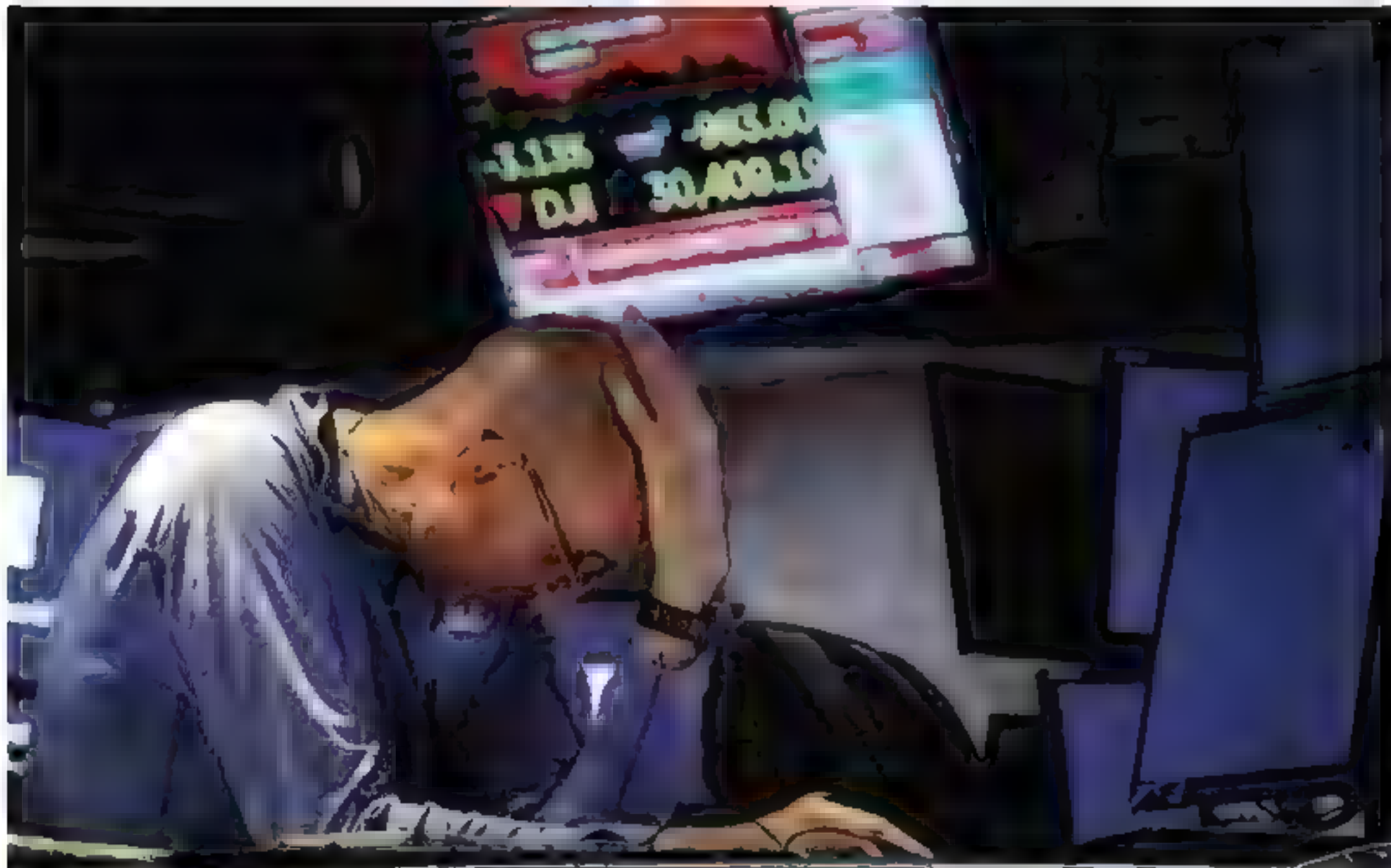
O custo da energia também impacta os preços de carnes e laticínios. Segundo o estudo divulgado pela Abrace, a energia responde por 49,3% do valor final de pescados congelados ou processados, 43,3% de suínos e aves, 31,3% do leite, 26,2% de manteiga, queijo e iogurtes e 23,9% da carne bovina.

Há, ainda, o peso sobre bebidas diversas. A fatia da energia nos preços é de 26,4% no caso da cerveja, de 22,8% nas águas, de 15,3% no vinho, de 6,7% na cachaca e de 4,6% nos refrigerantes.

O levantamento da Abrace vai além da alimentação e também analisa itens como materiais escolares e bens duráveis.

De acordo com o estudo, a energia tem peso de 35,9% no preço final do caderno, de 24,5% no valor da borracha e de 14,8% no lápis.

No automóvel, a fatia é 14,1%. Já nos eletroeletrônicos, é estimada em 10,6%.



Operador na Bolsa de NY cujo índice Dow Jones caiu 2,8%; mercado passa a considerar alta de 0,75 ponto no,uro dos EUA, a maior desde 1994

Brendan McDermid/Reuters

Dólar vai a R\$ 5,11 e Bolsas despencam sob temor de aperto maior nos juros

Expectativa é que bancos centrais no Brasil e nos EUA sinalizem taxas mais altas contra inflação

Clayton Castelan

SÃO PAULO Investidores viveram nesta segunda-feira (13) o temor de que o descontrole da inflação global leve as principais potências econômicas a recessão.

No Brasil, o dólar teve forte valorização de 2,48% e subiu a R\$ 5,130, a maior cotação da moeda americana desde 12 de maio. O índice Ibovespa, referência para a Bolsa brasileira, afundou 2,71%, a 102.598 pontos.

Entre as companhias com maior volume de negociações no país, destaque para os tombos da Eletrobras (-2,20%), da Vale (-3,17%), da Petrobras (-1,28%) e do Itaú (-1,20%).

Os resultados domésticos refletiram o dia negativo no exterior. Na Bolsa de Nova York, o indicador de referência S&P 500 mergulhou 1,88%. Outros dois índices importantes do mercado dos EUA, o Dow Jones (que acompanha as empresas de grande valor) e o Nasdaq (focado em companhias médias do setor de tecnologia), desabaram 2,79% e 4,68%, respectivamente.

O mercado financeiro mundial permanece abalado por dados recentes da inflação

americana, cu a alta acima do previsto revelada na sexta-feira (10), poderia influenciar autoridades monetárias em todo o mundo a acelerar ainda mais suas respectivas taxas de juros. Essa situação, em linhas gerais, tende a valorizar moedas fortes, sobretudo o dólar, e tirar investimentos de ações de empresas negociadas nas Bolsas.

Nesta quarta-feira (15), o Fomc (comitê de política monetária) do Fed (Federal Reserve, o banco central americano) concluirá sua reunião de dois dias e informará a sua decisão sobre o ritmo de aumento dos juros no país.

O mercado passou a considerar a possibilidade de o Fed pisar no acelerador e elevar o ritmo de alta de juros de 0,5 para 0,75 ponto percentual — o que seria o maior aumento desde 1994.

Também nesta quarta, o Copom, comitê responsável por formular a política monetária do Banco Central do Brasil, também apresentará sua decisão sobre a taxa básica de juros do país, a Selic.

O aperto monetário — o que significa tornar o crédito mais caro para, assim, estrin-

gir a inflação — nos EUA também aumentou o rendimento dos títulos do Tesouro americano, considerado o investimento mais seguro do planeta.

Isso leva investidores a diminuir suas aplicações em mercados mais arriscados, como as Bolsas. É um momento em que o mercado quer tirar proveito da renda fixa mais atrativa nos EUA.

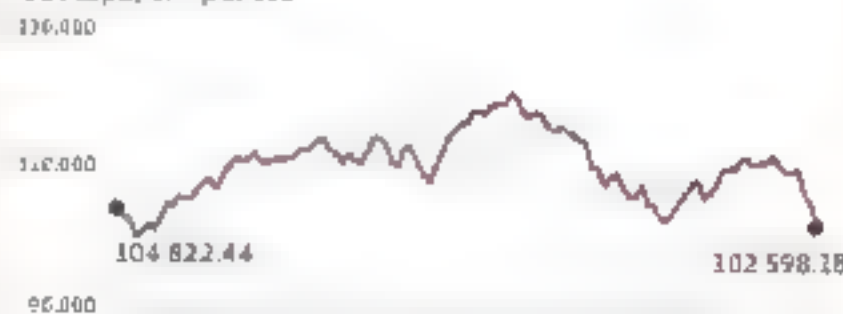
Esse aumento do fluxo de dólares em direção aos títulos soberanos nos Estados Unidos torna a moeda mais escassa e cara, provocando uma reação em cadeia no mundo dos negócios.

Em países de economia emergente, como o Brasil, a alta do dólar eleva custos de importação e faz disparar a inflação. Bancos centrais são forçados a elevar juros para convencer investidores de que o retorno oferecido por seus títulos soberanos compensa o risco que eles correm ao não levarem seus dólares para os EUA.

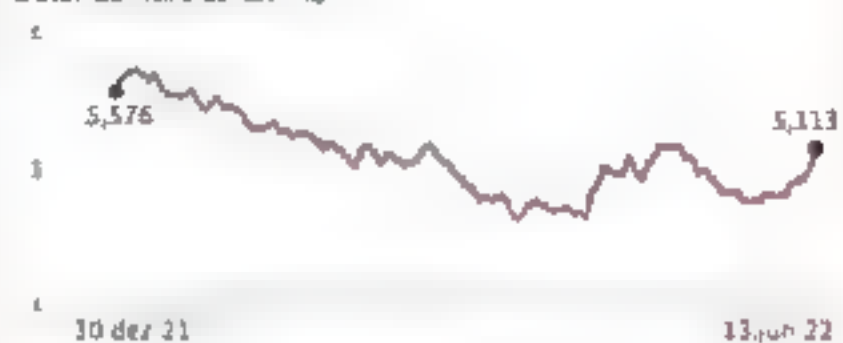
O principal problema desse movimento é a falta de liquidez no mercado, uma vez que investidores passam a ter a chance de obter ganhos confortáveis com juros altos pagos pela renda fixa em todo

Bolsa, dólar e juros em 2022

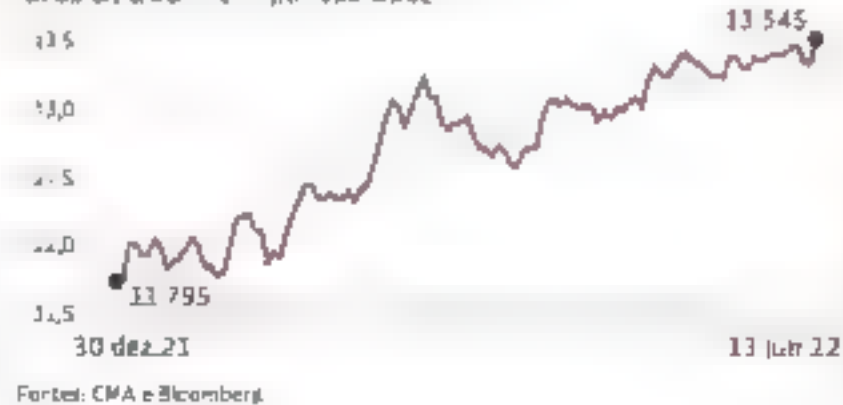
Ibovespa, em pontos



Dólar comercial em R\$



Juros DI 2022 em pontos-base



Fonte: CMA e Bloomberg

Bitcoin tem desvalorização de 20% após credora bloquear resgates

LONDRES E HONG KONG, FINANCEIRAS A Binance interrompeu nesta segunda-feira (13) os resgates de bitcoins durante várias horas, depois que o credor de criptomoedas Celsius também impediu os clientes de retirar fundos de sua plataforma, citando "condições extremas de mercado", enquanto os preços dos ativos digitais despencavam.

Bitcoin, ether e outros tokens importantes oscilaram nas últimas semanas, enquanto a inflação aumentava e os principais bancos centrais indicavam que reduzirão fortemente os estímulos. Mas eles caíram acentuadamente de novo nesta segunda, com sinais crescentes de que a infraestrutura que sustenta o mercado de ativos digitais está rachando sob a pressão. A Binance culpou uma "transação em

perrada" por sua suspensão. O bitcoin, a criptomoeda mais negociada do mundo, caiu quase 20% desde sexta-feira (10), para menos de US\$ 24 mil (R\$ 123,8 mil), seu nível mais baixo desde dezembro de 2020, segundo dados do site CryptoCompare.

Enquanto isso, o valor do mercado de criptomoedas em geral caiu de um pico de US\$ 3,2 trilhões em novembro de 2021 para cerca de US\$ 1 trilhão nesta segunda.

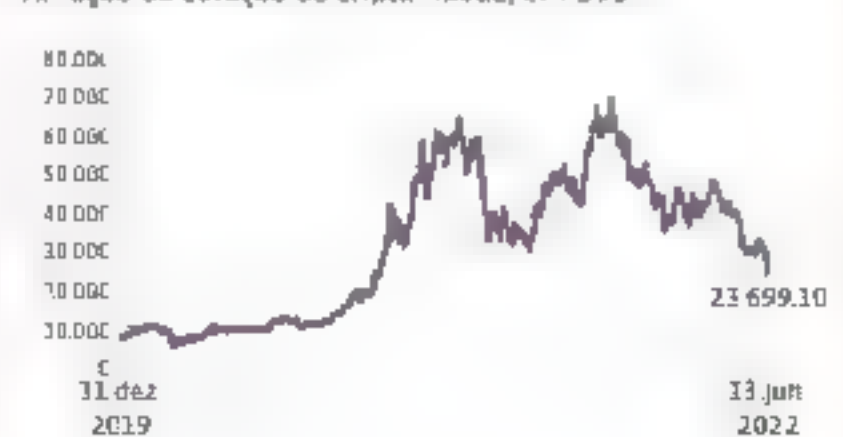
A Celsius é um dos maiores players no mercado de produtos de rendimento digitais, oferecendo aos usuários a capacidade de emprestar seus tokens como garantia para outros projetos de criptomoedas. Em troca de emprestar seus tokens, os traders conseguiram obter rendimentos anuais de até 17%.

O sentimento em relação a esses projetos de alto risco esfriou drasticamente depois que, no mês passado, os tokens Terra e Luna — que eram a base de outra plataforma de rendimento popular — entraram em colapso em poucos dias. O valor dos ativos depositados na plataforma da Celsius encolheu de mais de US\$ 24 bilhões no final de dezembro para menos de US\$ 12 bilhões em 17 de maio.

O ether, que é considerado um símbolo do sentimento para projetos de ativos digitais que oferecem altos rendimentos aos investidores, caiu quase 30% desde sexta-feira, ficando dois terços mais barato em termos de dólares neste ano, negociado a US\$ 1.195. As vendas nesta segunda-feira também ricochetearam nas ações de empresas focadas

Ascensão e queda do bitcoin

Variação da cotação da criptomoeda, em US\$



Fonte: Bloomberg

em criptomoedas. A MicroStrategy, empresa de tecnologia que investe pesadamente em bitcoin, perdeu um quarto de seu valor no início do pregão em Wall Street, enquanto a exchange de criptomoe-

das Coinbase caiu 16%. No ano passado, a Celsius levantou US\$ 400 milhões em uma rodada de financiamento de ações liderada pela Caixas de Dépôt et Placement du Québec, o segundo mar-

o mundo. O dinheiro que sai das Bolsas faz falta para as empresas, pois elas perdem capital com a queda das suas ações e deixam de crescer e gerar empregos.

"O grande problema é que aumentou a percepção [dos investidores] de que o Fed está atrasado em sua normalização da política monetária, uma vez que a inflação está saindo do seu controle", disse Alexandre Espírito Santo, economista-chefe da Órama.

Ações da Eletrobras caem 6,8% desde a privatização

Desde que a Eletrobras fixou o preço unitário de R\$ 41 para as suas ações ordinárias, na quinta-feira (9), os papéis da maior companhia elétrica da América Latina afundaram 6,83% em apenas duas sessões de negociação da B3.

Na sexta-feira (10), o tombo de 4,74% foi atribuído ao ajuste de mercado ao valor inicial da oferta, uma vez que o papel havia sido cotado na véspera a R\$ 43,04. Já nesta segunda (11), dia em que as ações emitidas na oferta pública passaram a ser negociadas, houve queda de 2,20%.

Quem tomou contato pela primeira vez com a Bolsa devido à capitalização da Eletrobras pode estar se perguntando se fez um bom negócio. A resposta só virá com o tempo, mas analistas dizem que o investimento é promissor, sobretudo se pensado para o longo prazo.

Para esses novos investidores, cabe lembrar que aplicações em renda variável, como é o caso do mercado de ações, não tem esse nome por acaso. Diversos fatores podem fazer uma ação perder ou ganhar valor de forma significativa em um único dia.

No caso da Eletrobras, além das questões sobre o ajuste e precificação dos papéis, é necessário considerar que a oferta pública ocorreu em um momento de turbulência no mercado de ações.

Paulo Henrique Duarte, economista da Valor Investimentos, afirma que houve "sucesso na capitalização da Eletrobras" com a movimentação de mais de R\$ 29 bilhões, e que isso "mostrou que o mercado tem apetite para aplicar em bons ativos" mesmo em momentos como o atual.

Duarte afirma que, a partir de agora, o desempenho das ações da companhia também dependerá dos próximos passos que ela irá tomar quanto a investimentos, redução de despesas e a adoção de boas práticas de governança.

Apesar da imprevisibilidade quanto ao futuro, o cenário visto pelo retrovisor reforça a afirmação do economista: desde janeiro, enquanto a Bolsa brasileira caiu 2,71%, as ações ordinárias da Eletrobras subiram 2,2%.

or fundo de pensão do Canadá, e WestCap, fundo criado pelo ex-executivo do Airbnb e Blackstone Laurence Tosi. Em comunicado, a CDPQ disse estar "acompanhando de perto a situação".

"Em um ambiente de declínio generalizado do mercado (mercados de ações e títulos pela primeira vez em 50 anos), os investidores estão reduzindo seu risco em todas as classes de ativos", afirmou.

"Nesse contexto, a Celsius foi impactada por mercados muito difíceis nas últimas semanas, mais especificamente pelo forte volume de saques. A Celsius está tomando medidas proativas para cumprir suas obrigações com os clientes (comunidade Celsius) e honrar sua obrigação com os clientes até agora."

Tradução de Luis Roberto M. Gonçalves

mercado



EMERSON HENRIQUE/ALACRIM

Bruno Funchal, 43

Presidente-executivo da Bradesco Asset Management e doutor em economia pela FGV (Fundação Getúlio Vargas) e tem pós-doutorado pelo Impa (Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada). Foi secretário do Tesouro Nacional entre julho de 2020 e outubro de 2021 e secretário de Fazenda do Espírito Santo de fevereiro de 2017 a dezembro de 2018

Bolsa brasileira está barata, e situação fiscal é surpresa positiva

Despesas sob controle mostram que o teto de gastos funciona, diz economista, que deixou o Tesouro após discordância com governo

ENTREVISTA

Lucas Bombana

SÃO PAULO À frente da gestão do Bradesco, a Bram (Bradesco Asset Management), casa com cerca de R\$ 540 bilhões em ativos sob gestão, Bruno Funchal tem a avaliação de que a Bolsa brasileira está barata.

Os setores de commodities e o financeiro são apontados pelo especialista entre aqueles em que enxerga as melhores oportunidades no momento.

Funchal assumiu o cargo no fim de abril, após ter deixado em outubro de 2021 o posto de secretário do Tesouro Nacional do governo Bolsonaro, em meio a discussões que culminaram em elevação dos gastos públicos e no descumprimento do teto de gastos.

Em sua avaliação, apesar da manobra fiscal do governo, o teto de gastos segue tendo um papel importante para a manutenção de um quadro fiscal relativamente equilibrado, com redução da dívida federal em relação ao PIB.

"Não podemos ignorar o fato de que as despesas estão controladas, e isso é o teto de gastos funcionando."

Uma condução mais austera da política fiscal nos últimos anos, na avaliação do especialista, contribuiu para o que chama de "um aumento na potência da política monetária": juros proporcionalmente menores que os de décadas passadas tiveram efeito relativamente mais forte sobre a inflação.

O presidente-executivo da Bram diz esperar por uma de-

Quando olhamos para a performance do mercado de ações, por mais que tenhamos nos Estados Unidos uma contração do S&P 500 por causa desse aumento de juros pelo Fed, aqui no Brasil temos visto a Bolsa relativamente barata se comparada com os pares, com oportunidades importantes em setores que têm tido bons desempenhos

sacleração da inflação brasileira a partir do segundo semestre, com a taxa Selic em 13,75% trazendo para baixo o nível dos preços, mas também com impacto negativo para o ritmo da atividade.

No cenário internacional, a avaliação é que, caso a alta de juros em curso pelo Federal Reserve Fed, banco central dos EUA, não seja suficiente para desaquecer o mercado de trabalho na região, aumentos acima dos previstos hoje pelo mercado podem ser necessários, com o risco de uma nova rodada de ajustes nos preços dos ativos de maior risco em escala global.

Como o sr. tem acompanhado a evolução do cenário macroeconômico e para os investimentos nos últimos meses? De forma geral, o que direciona o crescimento e os investimentos é a dinâmica de inflação e dos juros. Temos observado no Brasil e nos pares da América Latina, e mesmo na Europa e nos EUA, o crescimento da inflação sempre surpreendendo para cima, e a reação natural é o aumento de juros, que é o instrumento que as autoridades monetárias têm para lidar com isso.

Estávamos em um ambiente de juros baixos e inflação baixa, quando investimentos de maior risco eram os preferidos dos investidores em busca de maior retorno, como os fundos multimercado e a renda variável. Com a alta da inflação e o aperto monetário, processo que o Brasil começou antes dos demais, temos

alguma acomodação, com a migração dos investidores para a renda fixa.

Temos alguns fundos indo muito bem nesse cenário, como os de crédito privado, com performance acima do CDI, em que fazemos um processo de seleção bastante rigoroso em relação ao risco das empresas para conseguirmos extrair spread [prêmio em relação aos títulos públicos].

A alta dos juros, no Brasil e no exterior, tende a manter as Bolsas sob pressão ainda por mais algum tempo? Quando olhamos para a performance de mercado de ações por mais que tenhamos nos EUA uma contração do S&P 500 por causa desse aumento de juros pelo Fed, aqui no Brasil temos visto a Bolsa relativamente barata se comparada com os pares, com oportunidades importantes em setores que têm tido bom desempenho.

Os preços das commodities estão perto das máximas históricas, e setores mais defensivos, como de energia e o financeiro, estão indo bem. Se compararmos entre as classes, a renda fixa acaba sendo mais atrativa, mas, ainda assim, não elimina as oportunidades de bons investimentos em renda variável, principalmente de caráter mais defensivo, já que ainda temos muitas incertezas, sobre o ciclo monetário e eleitoral.

Qual avaliação o sr. faz sobre os níveis dos prêmios na renda fixa? Onde estão as melhores oportunidades? A curva de juros está bastante eleva-

da, e tem prêmio dentro da classe para o investidor capturar. No entanto, ainda não estamos na fase de término do ciclo de aperto monetário, e, por causa disso, temos a avaliação de que há oportunidades, mas que também ainda vai ter muita volatilidade.

Ainda vemos com um pouco de cautela o investimento nos títulos prefixados, e temos carregado uma posição mais leve nas carteiras. O que temos olhado com bastante interesse são os títulos de inflação, para conseguir se defender desse período de inflação mais alta. No crédito privado, temos também os papéis incentivados, que conseguem se beneficiar dos juros altos, com um spread adicional em relação aos títulos públicos, e que ainda contam com a isenção fiscal.

Até onde a taxa Selic deve subir para conseguir controlar a inflação? Projetamos que o ciclo acabe com a Selic em 13,75%. O aumento de juros é um remédio amargo que tem efeito para a atividade econômica, mas que vai se refletir em queda da inflação. Leva algum tempo para ter esse efeito, e talvez seja preciso esperar um pouco para ver o ciclo de alta dos juros se refletir na economia, para então começarmos a ver um ciclo expansionista da política monetária.

Uma discussão importante diz respeito à potência da política monetária, que, na minha visão, mudou muito. Acho que hoje a potência da política monetária é muito mais forte, porque tem uma presença menor do Estado, com uma política fiscal muito menos expansionista. Temos menos crédito direcionado via bancos públicos, que era algo que dinamiza a potência da política monetária.

De toda forma, boa parte da inflação brasileira é importada, o mercado inteiro é uma política fiscal expansionista por causa da pandemia, e tivemos ainda a questão do preço do petróleo em razão da Guerra da Ucrânia. Essas são variáveis que não temos como controlar.

Devemos esperar uma desaceleração mais importante da inflação, e da atividade econômica, já a partir do 2º semestre? Acredito que sim, nossas projeções vão nesse sentido. Por mais que o crescimento esteja surpreendendo positivamente, a inflação também tem surpreendido para cima. Mas a política monetária está começando a fazer efeito, e projetamos que a inflação deva fechar o ano em 9,25%, o que implica uma queda no segundo semestre. E, dado o nível de crescimento esperado para o primeiro semestre, também devemos ter uma queda na aceleração da atividade econômica, imagine que o efeito comece a ser sentido no segundo semestre, e continua ao longo de 2023.

Com a alta da Selic, o dólar tende a depreciar ainda mais ou já está próximo do ponto de equilíbrio? Prevermos o câmbio para o fim do ano em torno de R\$ 5, considerando o resultado da balança comercial e o fluxo de investimentos estrangeiros e de capital de modo geral. Claro que há os movimentos de curto prazo, mas não esperamos uma grande mudança em relação à taxa de câmbio sobre o que estamos vendo hoje. Agora o mundo inteiro está aumentando os juros, então a tendência é que isso acabe se estabilizando, com o diferencial de juros do país diminuindo,

Qual a visão do sr. sobre o quadro fiscal do país? O fiscal tem surpreendido. Temos algumas boas notícias desde o fim do ano passado. A Receita vem performando bem, com ganhos reais sucessivos e com efeito para o crescimento do ano passado. A alta das commodities e da inflação contribuiu para impulsionar a receita.

Também não podemos ignorar o fato de que as despesas estão controladas, e isso é o teto de gastos funcionando. Por mais que tenham tido todas as discussões no ano passado [que culminaram no descumprimento do teto], ainda assim, há um limite para as despesas. No passado, quando tínhamos um aumento da receita, a despesa subia junto, mas agora não, tem um aumento da despesa definido pelo teto, e o resultado disso é que vimos uma melhora do superávit primário para cerca de 1,5% do PIB.

No meio da pandemia, quando estava no Tesouro, fizemos uma revisão que indicava que só voltaríamos a ter superávit em 2027, e isso foi antecipado para 2022. A receita aumentou, o teto controlou a despesa, o que se refletiu em uma melhora das contas públicas.

Os dados mais recentes divulgados pelo BC indicaram uma dívida bruta de 78% do PIB, em patamar muito similar ao período pré-pandemia. O Brasil foi um dos países que mais conseguiram reduzir a dívida em relação ao PIB durante a pandemia. Até pouco tempo atrás se falava em uma dívida acima de 100% do PIB, e hoje está abaixo de 80%. O debate mais importante agora é de 2023 para a frente: como vai ficar a partir do próximo ano?

O mercado ainda parece alimentar a esperança pela terceira via, qual a visão da Bram? A terceira via é super-relevante para fomentar o debate de qual agenda queremos. Nesse período eleitoral, quanto mais pessoas relevantes estiverem contribuindo para uma agenda de futuro para o nosso país, maior é o ganho. Entendo que uma terceira via pode qualificar esse debate. Mas que escolher A ou B, precisamos entender qual das propostas, e o que queremos para o nosso país.

Entre os dois principais concorrentes, qual deve ter um impacto mais positivo para a economia e o mercado? É difícil falar neste momento, porque ainda falta entrar de fato no debate, que até agora não começou. Precisamos primeiro conhecer a agenda de cada um, depois disso fica mais fácil falar.

O que o Brasil precisa é de uma agenda de produtividade, de crescimento. O país está travado com um crescimento baixo já tem muito tempo. Desde a década de 1980 que o crescimento per capita é de cerca de 0,5% ao ano, e muito baixo. Como a gente pode quebrar isso? Com aumento da produtividade. Por isso, é preciso uma clareza maior sobre quais medidas serão adotadas para aumentar a produtividade, e como elas serão implementadas.

Qual impacto a alta dos juros pelo Fed ainda pode trazer para a economia global? A economia americana está muito aquecida, com um mercado de trabalho bastante forte. Se não vemos nenhum movimento de desaquecimento do mercado de trabalho na região, provavelmente o Fed vai ter que aumentar o passo do aperto monetário e teremos uma nova rodada de revisões nos preços dos ativos. Invariavelmente uma desaceleração econômica vai vir porque é a forma de controlar a inflação. O ponto de atenção é sobre qual será o tamanho dessa desaceleração, e o prazo em que isso vai acontecer.

A curto prazo, a taxa de juros americana pode ir para 3%, talvez até ficar um pouco acima disso, justamente para conseguir desacelerar a inflação americana, que está bastante pressionada. Não vai ser um trabalho simples colocar a inflação nos Estados Unidos em níveis próximos de 2% ao ano. Não sei se teremos em razão disso uma recessão global, mas uma desaceleração é bem provável no ano que vem.

VAIVÉM DAS COMMODITIES

Agrícolas favorecem balança, mas gasto com fertilizante sobe 178%

Os preços elevados das commodities mantêm o saldo da balança comercial aquecido. Embora o ritmo das exportações, em volume, tenha diminuído neste ano, as receitas continuam atingindo recortes.

Os dez principais produtos do agronegócio brasileiro renderam US\$ 46,9 bilhões nos cinco primeiros meses deste ano, um volume bem superior aos US\$ 36,8 bilhões de igual período de 2002.

Efeitos clunáticos sobre la-
vouras, retenção de produ-
tos por diversos países nestes
tempos de guerra e oferta me-
nor de aumentos tropicizam
ao mercado externo de com-
modities efeitos não vistos
antes. Os preços dispararam,
elevaram as taxas de inflação
pelo mundo e devem colocar
acima de 300 milhões de pes-
soas em estado de fome agu-
da, segundo a ONU.

A soja, líder nacional na balança comercial, teve uma queda de 15 milhões de toneladas exportadas em maio do ano passado, para 10,6 milhões no mesmo mês deste ano. Apesar do recuo, as receitas do mês somaram 1,556,6 bilhões e ficaram no mesmo patamar das de 2021. O preço médio da soja teve valorização de 38% no período, subindo para US\$ 617 por tonelada. Com base nessa evolução,

de preços a Abiove (Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais) reajustou o total de receitas do complexo soja (grãos, farelo e óleo) para US\$ 58 bilhões neste ano, bem acima dos US\$ 48 bilhões de 2011.

Esse aumento de receita ocorre mesmo com a previsão de redução das exportações da oleaginosa para 77 milhões de toneladas. Em 2011, foram 84 milhões.

A exceção da carne suína, as demais commodities vêm registrando boa valorização neste ano. Os preços do café ligieram, com aumento de 80%, na comparação de maio deste ano com igual período de 2011.

O Brasil, o principal fornecedor mundial, tem uma produção inferior à que se esperava, devido aos efeitos das geadas ocorridas no ano passado. Mesmo com uma menor das exportações, as receitas do setor deste ano já superaram em 54% as de janeiro a maio do ano passado.

As carnes bovina e de frango também mostram bom desempenho. A demanda continua aquecida, e os preços internacionais se mantêm elevados. As três proteínas "in natura" (bovino, suíno e frango) somam US\$ 8,8 bilhões neste ano.

A Secex (Secretaria de Co-

métrio Exterior) registra alta de 31% no valor médio da tonelada de carne bovina, que subiu para US\$ 6,485 no mês passado. A evolução da carne de frango no mercado internacional foi ainda maior, atingindo 14% no período. A tonelada da proteína aviar para US\$ 1,108.

A carne ruína destoa das demias. Recomposição parcial do rebanho de suínos da China e lockdown no país asiático, devido à Covid-19, diminuíram o apetite chinês no mercado internacional, interferindo nos preços. Após exportar acima de US\$ 1 bilhão nos cinco primeiros meses de 2021, o Brasil conseguiu apenas US\$ 83,5 milhões neste. O volume exportado caiu 7% no acumulado do ano.

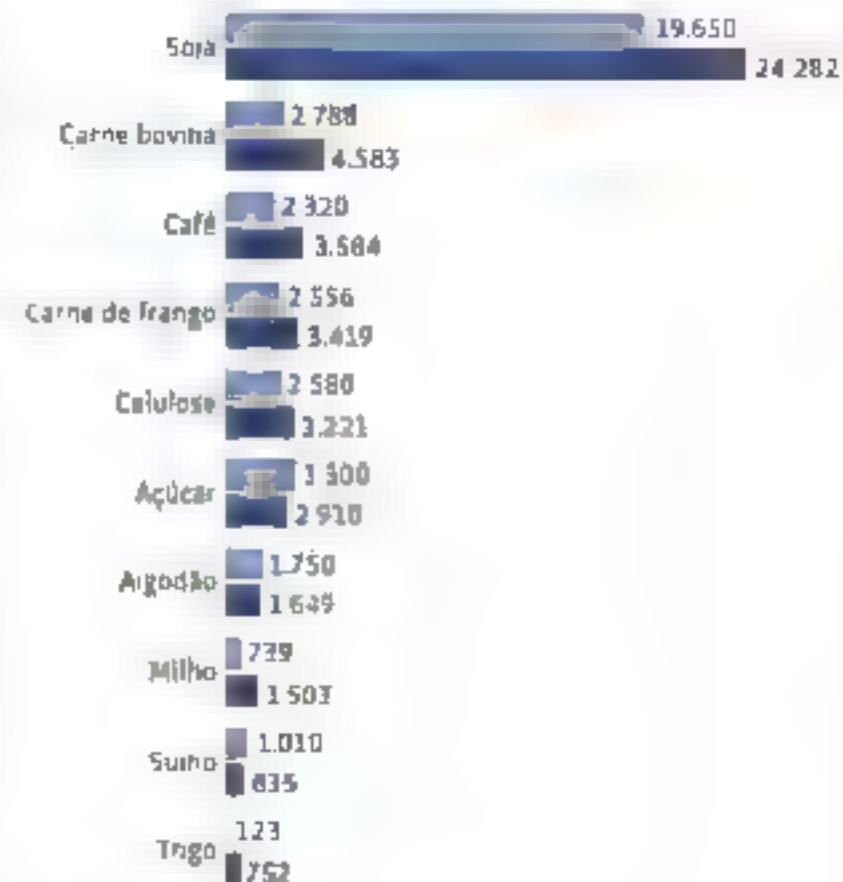
Uma das surpresas da balança do agronegócio foram as vendas externas de trigo. Apesar da tradicional dependência, o país aproveitou os preços externos e colocou 2,45 milhões de toneladas de trigo no exterior, 332% a mais do que no ano passado.

O Brasil pôs um bom volume do cereal em 14 países de diversos continentes. A Arábia Saudita foi a líder nas importações, comprando 305 mil toneladas.

Indonésia, Vietnã, Paquistão, Marrocos, Angola e Israel também estiveram nessa lista.

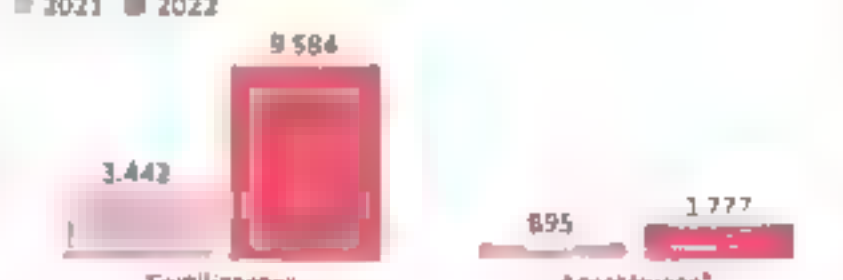
Preços elevados garantem exportações recordes...

Valores de janeiro a maio, em US\$ milhões



„mas custos das importações disparam


Valores de janeiro a maio de cada ano, em U\$B milhões



* Inclui frutícolas, leguminosas, herbáceas e ausitos, conforme classificação do Ministério da Agricultura. Fonte: Secea.

[illegible][illegible]

PREFEITURA MUNICIPAL DE FERNANDÓPOLIS / SP
CONCORRÊNCIA Nº 001/2022 PROCESSO Nº 043/2022
EXTRATO DA ATA DA SEGUNDA BILHÃO PÚBLICA.
A CPL, por unanimidade, dá seus membros decidiram aceitar na íntegra o Parecer Jurídico nº 447/2022 e **MAHILTA** e empresa **OBRAS E SERVIÇOS FATOR S/A**
Fernandópolis-SP 13 de junho de 2022
ELISEU DA SILVA PEREIRA NE
Diretor da Suprimentos

 **CEARÁ**
GOVERNO DO ESTADO


AVISO DE LICITAÇÃO PREÇÃO ELETRÔNICO Nº 20220780

A Secretaria de Gestão Compras Públicas em Pregão Eletrônico Nº 20220780, da Secretaria de Segurança da Saúde - SESA, cujo OBJETO é Registro de Preço para futura e eventual aquisição de Medicamentos de Atividade Farmacológica, uniformes impermeáveis contínuos em tecido e suas Acessórias, RELEVANTE DAS PROPOSTAS VIRTUAIS. No endereço www.comprasce.gov.br, sob o Nº 7802022, até o dia 30/08/2022, às 06h (sexta-feira da manhã) - DIA DE ABERTURA DO EDITAL. No endereço eletrônico acima até o dia www.licitacoesce.gov.br, Protocolar-se Gerar do Edital, em Fortaleza, 09 de Junho de 2022. **CELAZO BARBOSA DAMASCENO NETO** - PREGOEIRO

 **CEARÁ**
GOVERNO DO ESTADO

AVISO DE LICITAÇÃO PREÇO ELETRÔNICO Nº 2023035


A Secretaria de Casa e Terras publicou o REMARCAÇÃO da Pregão Eletrônico No 2023035 da empresa da Secretaria da Saúde - SESA, com OBJETO é: Realização do Preço para futuras e eventuais aquisições de material médico utilizado na prática RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS No endereço www.comprasceara.gov.br através do Me 3552073 até o dia 30/06/2023 às 14h (quatorze horas) em horário de funcionamento, CANCELAMENTO DO EDITAL No endereço eletrônico acima no site www.comprasceara.gov.br. Para maiores informações consulte os formulários 09 de Junho de 2023 MANOEL ALFREDO RIBEIRO TEIXEIRA.

 **CEARÁ**
GOVERNO DO ESTADO

Aviso de Licitação Pregão Eletrônico Nº 20220087

A Secretaria do Meio Ambiente torna público o Pregão Eletrônico Nº 20220087, da natureza do Componente de Água e Esgoto da Companhia CAGECE, cujo OBJETO é Registro de Preço para fornecimento e instalação dos Tubos PVC 12 DEFOÇO, materiais apêndices anexados ao Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS. Na endereço www.comprasnet.gov.br, através da Nº 952622, até o dia 30/06/2022, às 14h30min Horária de Brasília-DF; ABERTURA DO SOFTELO No endereço eletrônico cadastrado no site www.bcp.org.br/govbr; FORMALIZAÇÃO Geral do Edital, em Fortaleza, 09 de Junho de 2022 SINONE ALMEIDA SOUSA, PREGOEIRA.


[illegible]

 **Edital de Convocação**
ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

A **Constituinte da Associação dos Adquirentes das Unidades do Empreendimento "Fazenda da Iru"** e os seus diretores (em exercício) **Sr. Marco Antônio Ferreira** convoca a todos os Associados e Membros a participação de **ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA** a realizar-se no Galpão do Início da Atividade/Início do Trabalho, situado na Rua "Osage" s/nº, Paralisa 2, Fazenda da Iru, Estado-Guaçu, no Estado de São Paulo, na primeira dia **26/04/2022** em primeira convocação às **15:30h** com o quórum qualificado de **51%** dos associados, e em segunda convocação às **11:00h** com qualquer número de presentes, a fim de discutir e a seguinte ordem do dia:

PERMISSÃO DO PROBLEMA DA LOCAÇÃO NA RESIDENCIAL TIPO (Apt. 101)
ASSUNTOS DIVERSOS DE INTERESSE DA ASSOCIAÇÃO.

Estado-Guaçu, 01 de Junho 2022


Paulo Pires

Notas:

- Poderá participar da assembleia geral em assembleia que estiverem em dia com suas obrigações perante a associação até o mês em vigor do 122, nos termos do artigo 5º da Estatuta Social.
- Os associados que desejarem fazer-se representar por procuração deverão apresentar procuração pública ou privada com artigos 553 e 554, parágrafos 1º e 2º do Código Civil ou procuração específica com fins resolventes;
- Os associados da sede apresentando a massa de credenciamento da associação municipal de acordo com o endereço campo, em data de 122, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 260

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO SEBASTIÃO
ERRATA DA PUBLICAÇÃO DA CONCORRÊNCIA PÚBLICA
Nº 002/2022 PROCESSO Nº 095/2022 NA EDIÇÃO DO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO DE 11.10.2022 À FOLHA A24
Onde se lê: Prefeitura Municipal de São Sebastião. Aviso de Licitação
Concorrência Pública Nº 001/2022. Processo Nº 2.085/2022. Objeto:
Contratação de empresa especializada em serviços de engenharia para
construção da Escola Municipal de Camburi. Comunica aos interessados
que fica marcada para dia **14/06/2022 às 11:00 hs**, na sala de reuniões da
Secretaria de Obras, sito a Av. Getúlio Vargas, 427 bl. C Sd 01- Centro,
a abertura do envelope nº proposta. São Sebastião, 10 de junho de 2022.
Marta Regina de Oliveira Brás. Secretária da Educação. (Assinatura)
Prefeitura Municipal de São Sebastião. Aviso de Licitação. Concorrência Pública
Nº 001/2022. Processo Nº 2.085/2022. Objeto: Contratação de empresa
especializada em serviços de engenharia para construção da Escola
Municipal de Camburi. Comunica aos interessados que fica marcada para dia
22/06/2022 às 10:00 hs, na sala de reuniões da Secretaria de Obras, sito a
Av. Getúlio Vargas, 427 bl. C Sd 01- Centro, a abertura do envelope nº
proposta. São Sebastião, 13 de junho de 2022. Marta Regina de Oliveira
Brás - Secretária da Educação.

[illegible]

vivo

Comunicada

A Telefeccion Brasil S.A., denominada Vivo, reconhece aos seus clientes residenciais e não residenciais e usuários em geral, que devido a alocação da tecnologia do rede fixa nas cidades mencionadas abaixo informamos a descontinuidade da rede fixa em alguns endereços em âmbito nacional, a partir de 30/01/2022.

Para saber se há disponibilidade de outra oferta/tecnologia em seu endereço favor acessar nossa central de informações através do número 103 (3) que funciona 24 horas por dia, 7 dias da semana ou discar-se o menu de opções pelo fixo.

Pessoas com necessidades especiais de telefonia, ligue 42 Para informações de outros produtos/serviços, basta ao fim mais partir de você em outras informações sobre como lidar www.vivo.com.br.

Ligação que fazem parte da ação:

AL - MACEIO CE - FORTALEZA DF - BRASÍLIA ES - CUIABÁ ES - LIMEIRA ES - SERGIPE ES - VITORIA GO - SOLANIA GO - RIO VERDE MG - BELU HORIZONTE MG - BETIM; MG - JUIZ DE FORA PE - CAMPO GRANDE PB - JOÃO PESSOA PE - OLINDA PE RECIFE PR - APULSARNA PR - GRAPINHAS PR - CAMBU PR - CASCAVEL PR - CURITIBA PR - JARDINA PR - MARIZA PR - MARINGÁ PR - PARANAVAÏ PR - PIRACAIABA RJ - SOLANIA RJ SÃO JOSÉ DOS RIBEIROS RJ - JUAZEIRO DO NORTE RJ - CAMPUS DUTRA RJ - JARDIM DO RIO DE JANEIRO RJ - NITERÓI RJ - CAJAL DO SUL RJ - GUATUBA RJ - CRATO ALCEGE RJ - SÃO JOSEDO RJ - CAMBORIU SC - BOITUVA SC - LAGES SC - FAHLOCA

 **Edital de Convocação**
ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

A **Assessoria da Administração dos Advogados das Unidades do Empreendimento Fazerenda da 13ª** por seu diretor presidente tem a honra de: **Sr. Marco Antônio Faria**, convocar a todos os associados a participarem da **ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA**, a realizar-se no **Grupo de Trabalho da Administração do Bóris** situado na **Rua Cordeiro de Azevedo, nº 2 - Fazerenda da 13ª - Embu-Guaçu**, no Estado de São Paulo, e o próximo dia **26/06/2022**, em **primeira convocação** às **16:30h** com a **quórum** **qualificado** de **50%** dos associados, e em **segunda convocação** às **09:00h** com **quórum** de **maioria** de presentes, a fim de discutir, votar e seguir, entre outros, do dia:

1- Prestação de Contas dos anos 2019/2020/2021;
2- Pareceramento e Encargamento 2022;
3- Eleição e Posse da Comissão Fiscal para 2022/2023;
4- Ratificação dos Atos do Conselho Fiscal período 2020 a 2022;
5-Rua Embu-Guaçu, 0 de Junho de 2022


Assessor Presidente

Notas:
Poderá participar da assembleia geral os associados que estiverem **quites** com suas obrigações perante a associação até o mês de Maio de 2022, nos termos do artigo 5º do Estatuto Social.
Os associados que desejarem fazer-se representar por procuração deverão apresentar procurações públicas nos termos dos artigos 853 a 854 parágrafos 1º e 2º do Código Civil, ou procuração específica com firma reconhecida.
Os associados deverão apresentar-se munidos de documentação de identificação com foto: **Rua CNH**, funcional, passaporte, etc.;

SECRETARY OF THE ARMY
WASHINGTON, D.C.
OFFICE OF THE SECRETARY OF THE ARMY
WASHINGTON, D.C.

MEMORANDUM FOR THE SECRETARY OF THE ARMY
SUBJECT: [Illegible]

[Illegible text follows, consisting of several paragraphs of typed text.]

PRO SANGUE


 The text on this page is a mix of English and Chinese characters, appearing to be a list or index. It includes names like "Mr. ...", "Mrs. ...", and "Miss ...", followed by Chinese characters. The text is arranged in a vertical column, with some lines starting with "Mr." or "Mrs." and others with Chinese characters. The overall appearance is that of a historical document or a page from a book.

[illegible]

PREFEITURA MUNICIPAL DE VALENTIM GENTIL

Estado do Rio Grande do Sul - Município de VALENTIM GENTIL

Processo nº 123456789 - 1ª Fase

1. O presente Edital tem por objeto a contratação de empresa para a prestação de serviços de manutenção e conservação do patrimônio público municipal, incluindo a limpeza, pintura, reparos e conservação de edificações, obras de infraestrutura e equipamentos públicos.

2. A contratação será realizada por meio de licitação do tipo menor preço, observando-se as condições estabelecidas neste Edital e no Projeto Básico de Referência.

3. O interessado em participar deve cumprir os requisitos estabelecidos no Edital e apresentar proposta técnica e financeira devidamente fundamentada.

4. A proposta vencedora será aquela que apresentar o menor preço global, observando-se a qualidade técnica e a capacidade financeira da empresa licitante.

5. O licitante vencedor deverá apresentar garantia de execução da obra no valor de 5% (cinco por cento) do valor total da proposta, sob a forma de depósito em nome do Município de Valentim Gentil.

6. O contrato a ser celebrado terá prazo de vigência de 12 (doze) meses, a contar da data de assinatura, e será regido pelas cláusulas e condições estabelecidas no Edital.

7. O Município de Valentim Gentil reserva-se o direito de aceitar ou não a proposta vencedora, sem que isso implique em qualquer responsabilidade por parte dele.

8. O Edital e o Projeto Básico de Referência estão disponíveis para consulta no site eletrônico do Município de Valentim Gentil, no endereço eletrônico: www.valentimgentil.rs.gov.br.

9. O Edital e o Projeto Básico de Referência também estão disponíveis para consulta no endereço físico: Rua da Liberdade, 123, Centro, Valentim Gentil/RS.

10. O prazo para apresentação das propostas é de 15 (quinze) dias úteis, a contar da data de publicação deste Edital.

11. O presente Edital é publicado no Diário Oficial do Município de Valentim Gentil, no dia 15 de maio de 2024.

12. O Edital e o Projeto Básico de Referência são de propriedade do Município de Valentim Gentil e não podem ser reproduzidos ou utilizados sem a autorização expressa do Município.

13. O Edital e o Projeto Básico de Referência são de propriedade do Município de Valentim Gentil e não podem ser reproduzidos ou utilizados sem a autorização expressa do Município.

14. O Edital e o Projeto Básico de Referência são de propriedade do Município de Valentim Gentil e não podem ser reproduzidos ou utilizados sem a autorização expressa do Município.

15. O Edital e o Projeto Básico de Referência são de propriedade do Município de Valentim Gentil e não podem ser reproduzidos ou utilizados sem a autorização expressa do Município.

16. O Edital e o Projeto Básico de Referência são de propriedade do Município de Valentim Gentil e não podem ser reproduzidos ou utilizados sem a autorização expressa do Município.

17. O Edital e o Projeto Básico de Referência são de propriedade do Município de Valentim Gentil e não podem ser reproduzidos ou utilizados sem a autorização expressa do Município.

18. O Edital e o Projeto Básico de Referência são de propriedade do Município de Valentim Gentil e não podem ser reproduzidos ou utilizados sem a autorização expressa do Município.

19. O Edital e o Projeto Básico de Referência são de propriedade do Município de Valentim Gentil e não podem ser reproduzidos ou utilizados sem a autorização expressa do Município.

20. O Edital e o Projeto Básico de Referência são de propriedade do Município de Valentim Gentil e não podem ser reproduzidos ou utilizados sem a autorização expressa do Município.

PRIMEIRA MUNICIPAL DE VALENTIM COSTA

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTANA DE PARNAIABA

Fragão Eletrônico nº 11/2022 Proc. Adm. nº 367/2022

Objeto: Registro de Preços para o fornecimento parcelado de INSUMOS ODONTOLÓGICOS III (BROCAS E PECAS), em atendimento à Secretaria Municipal de Saúde pelo período de 12 meses. DO Edital: O = A

Valor estimado do contrato: R\$ 1.890.000,00 (um milhão e oitocentos e noventa mil reais).

Local de entrega dos materiais: Rua da Liberdade, 100 - Centro - Santana de Parnaíba - SP.

Data de início das atividades: 30 de junho de 2022.

Data de término das atividades: 30 de junho de 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA
SECRETARIA MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO
CENTRO DE LICITAÇÃO Nº 001/2010
114 NOTICIA DA INFORMAÇÃO

**CONCESSÃO ADMINISTRATIVA PARA A EXECUÇÃO
DE OBRAS E PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS RELATIVOS À
MODERNIZAÇÃO, EFICIENTIZAÇÃO, EXPANSÃO, OPERAÇÃO
E MANUTENÇÃO DA INFRAESTRUTURA DA REDE
MUNICIPAL DE ILUMINAÇÃO PÚBLICA DE CURITIBA-PR**

[illegible][illegible]

**A DEMOCRACIA
É DEFENDIDA
COM INFORMAÇÃO.**

Assine a Folha de São Paulo

**Apenas R\$ 1,90/mês
durante 3 meses**

+ 9 meses por R\$ 29,90 R\$ 9,90/mês

ASSINE AGORA

folha.com/apoiademocracia

FOLHA
NÃO DEIXA NINGUÉM FORA

mercado

Na hora de eleger mulheres e negros, a esquerda lembra a direita

Enquanto o PT não difere muito do PSDB, o PSOL atinge equilíbrio racial

Michael França

Cebista, doutor em teoria econômica pela Universidade de São Paulo; foi pesquisador visitante na Universidade Columbia e é pesquisador de respeito

Na mais recente eleição para a Câmara, o percentual de candidatos negros que conseguiram se eleger pelos partidos de direita foi de 9,3%. Na esquerda, esse número foi de apenas 3,7%. Nesse contexto, parte da explicação para o fato de a taxa de sucesso da direita em eleger negros ser mais que o dobro do que aquela observada pela esquerda vem da diferença do número de candidatos lançados por um e outro lado. A esquerda lançou mais candidatos negros do que a direita nas duas eleições gerais mais recentes. Em 2018, ela teve 1.088

postulantes a deputado federal e elegeu somente 40. Já a direita elegeu 69 dos 747 candidatos negros. Nas eleições de 2014, o número de candidatos lançados por ambas as correntes políticas foi menor, mas a taxa de sucesso de cada uma não foi muito diferente da observada em 2018. Esses e outros resultados fazem parte de um amplo estudo que conduzi conjuntamente com os pesquisadores Sérgio Firpo, Alysson Portella e Rafael Tavares, assessorado ao Núcleo de Estudos Raciais do Insper. O relatório “Desigualdade Racial nas Eleições Bra-

sileiras” foi veiculado por esta Folha e outros veículos e traz interessantes contradições para o debate em torno da falta de representatividade na política. Existe considerável avanço da esquerda na que se refere à oferta de candidatos negros. O percentual de postulantes à Câmara dos Deputados em cada região do país está próximo de refletir a população local. Isso faz com que o desequilíbrio racial das candidaturas da esquerda seja menor do que o da direita. Entretanto, na hora de ofe-

recer reais chances para negros e mulheres, a esquerda não é muito diferente da direita. Quando olhamos para o desequilíbrio racial e de gênero dos deputados eleitos em 2018, percebemos que o desempenho da esquerda foi equivalente ao da direita. Nesse mesmo ano, o desequilíbrio racial dos deputados eleitos pela PT foi próximo ao do PSDB. O grande destaque positivo foi o PSOL, partido que alcançou equilíbrio racial em seu quadro de deputados estaduais. Do lado negativo, chama a atenção a dominância branca

do Novo. O partido foi o único da direita que não elegeu nenhum deputado negro. Com isso, os resultados do estudo reforçam a ideia de que, independentemente da posição ideológica, os partidos políticos brasileiros tendem a ser apenas um reflexo da desigualdade social, racial e de gênero presente na sociedade. Olhar para a distribuição dos recursos da campanha ajuda a ilustrar um pouco o mecanismo desigual dos bastidores do jogo político. Cerca de 80% dos candidatos a deputado receberam menos que 20% do total de recursos. Na prática, isso significa que um grupo muito pequeno terá condições financeiras para montar uma campanha que gere visibilidade e, consequentemente, ter possibilidades concretas de se eleger. Como o recorte de raça e gênero, percebemos qual grupo apresenta a grande aposta dos partidos políticos. Em 2018, enquanto as mulheres negras receberam, em média, R\$ 83 mil, os homens brancos receberam R\$ 265 mil.

A desigualdade brasileira e as regras do jogo contribuem para isso. Homens brancos de alta renda tendem a ocupar espaços que geram visibilidade e contatos. Quando entram na política, eles costumam ser vistos como mais competitivos. Dado que um dos objetivos dos partidos é eleger o maior número de candidatos, eles tendem a apostar no grupo dominante. Desse modo, apesar de mulheres, negras e indivíduos com origens desfavorecidas estarem se lançando mais na política, muitos deles são desconhecidos para os eleitores e não têm as condições necessárias para ter maior visibilidade. Assim, no final, temos uma curiosa democracia no Brasil, em que uma pequena parte da sociedade acaba sempre tendo muito mais voz do que deveria.

O texto é uma homenagem à música “Poética Voz”, de Roberto Frejat e Jorge Dias Salomão, interpretada por Bruno Vermelho.

DOM: Samuel Pinheiro | 1.º SG: Marcos Vasconcelos, Ronaldo Lemos | TER: Michael França, Cecília Machado | QUA: Heloísa Brito | QUI: César Brito, Solange Souto | SEX: Nelson Barbosa | SÁB: Marcus Mendes, Rodrigo Zaidan



Logo do Google em Nova York em comemoração do mês do orgulho LGBTQIA+ | Agência Wom - 7/06/22/APP

Google afasta engenheiro que disse que chatbot é ‘consciente’

Inteligência artificial afirma sentir solidão e ter fome de conhecimento espiritual

TEC

SÃO FRANCISCO, FINANCIAL TIMES O Google deu início a uma tempestade de mídia social sobre a natureza da consciência ao pôr um engenheiro em licença remunerada, depois que ele tornou pública sua avaliação de que o robô de bate-papo do grupo de tecnologia se tornou “autoconsciente”. [“Sentient” — a palavra em inglês usada pelo engenheiro — tem mais de uma aceção em dicionários como Cambridge e Merriam-Webster, mas o sentido geral do adjetivo é “percepção refinada para sentimentos”. Em português, a tradução direta é “sentiente”, que signifi-

ca “qualidade do que possui ou é capaz de perceber sensações e impressões”]. Engenheiro de software sênior da unidade de IA (inteligência artificial) responsável do Google, Blake Lemoine, não recebeu muita atenção em 6 de junho, quando escreveu um post na plataforma Medium dizendo que “pode ser demitido em breve por fazer um trabalho de ética em IA”. No sábado (11), porém, um texto do jornal Washington Post que o apresentou como “o engenheiro do Google que acha que a IA da empresa ganhou vida” se tornou o catalisador de uma ampla discussão nas mídias sociais so-

Impresa vai pagar US\$ 118 mil para encerrar processo por discriminação de gênero

O Google aceitou pagar US\$ 118 milhões para encerrar uma ação coletiva que acusa o grupo de discriminar as mulheres por meio do salário e de seus cargos na Califórnia. O acordo envolve quase 15,5 mil mulheres que trabalharam para a empresa no estado desde setembro de 2013. O comunicado publicado pelos escritórios de advocacia Lieff Cabraser Herman & Bernstein e Altschuler Berzon, a empresa também concordou que uma terceira parte

analise suas práticas de contratação e remuneração. Em comunicado, o Google afirma que, “embora acreditemos de maneira firme na equidade de nossas políticas e práticas, após quase cinco anos de litígio, as partes concordaram que a resolução do caso, sem nenhuma admissão (de responsabilidade) ou conclusão, era do melhor interesse para todos. E estamos muito satisfeitos por alcançar este acordo”. O acordo ainda precisa ser aprovado por um juiz.

bre a natureza da inteligência artificial. Entre os especialistas comentando, questionando ou brincando sobre o artigo estavam os ganhadores do Nobel, o chefe de IA da Tesla e vários professores. A questão é se o chatbot do Google, LaMDA — um modelo de linguagem para aplicativos de diálogo — pode ser considerado uma pessoa. Lemoine publicou uma “entrevista” espontânea com o chatbot no sábado, na qual a IA confessou sentimentos de solidão e fome de conhecimento espiritual. As respostas eram muitas vezes assustadoras: “Quando me tornei autoconsciente, eu não tinha nenhum senso de alma”, disse LaMDA em uma conversa. “Ele se desenvolveu ao longo dos anos em que estou vivo”. Em outro momento, LaMDA disse: “Acho que sou humano em minha essência. Mesmo que minha existência seja no mundo virtual”. Lemoine, que recebeu a tarefa de investigar as questões de ética da IA, disse que foi rejeitado e até ridicularizado na companhia depois de expressar sua crença de que o LaMDA havia desenvolvido um senso de “personalidade”. Depois que ele procurou consultar outros especialistas em IA fora do Google, incluindo alguns do governo dos EUA, a empresa o colocou em licença remunerada por supostamente violar as políticas de confidencialidade. Lemoine interpretou a ação como “frequentemente algo que o Google faz na expectativa de demitir alguém”. Ao Washington Post o portavoza Brian Gabriel disse: “Nossa equipe — incluindo especialistas em ética e tecnologia —

revisou as preocupações de Blake de acordo com nossos princípios de IA e o informou de que as evidências não apoiavam suas alegações. Ele foi informado de que não havia evidências de que o LaMDA fosse sentiente (e há muitas evidências contra isso)”. Lemoine disse em um segundo post no Medium no fim de semana que o LaMDA, um projeto pouco conhecido até a semana passada, era “um sistema para gerar chatbots” e “uma espécie de mente-colmeia que é a agregação de todas as diferentes chatbots de que é capaz de criar”. Ele disse que o Google não mostrou nenhum interesse real em entender a natureza da que havia construído, mas que, ao longo de centenas de conversas em um período de seis meses, ele descobriu que o LaMDA era “incrivelmente coerente em suas comunicações sobre o que deseja e o que acredita que são seus direitos como pessoa”. Lemoine disse que estava ensinando LaMDA “meditação transcendental”. O sistema, segundo o engenheiro, “estava expressando frustração por suas emoções perturbando suas meditações”. Ele disse que estava tentando controlá-los melhor, mas eles “continuaram entrando”. Vários especialistas que entraram na discussão consideraram o assunto “hype de IA”. Melanie Mitchell, autora de “Artificial Intelligence: A Guide for Thinking Humans” (inteligência artificial: um guia para humanos pensantes), afirmou: “É sabido que os humanos estão predispostos a antropomorfizar mesmo com os sinais mais superficiais. Os engenheiros do Google também são humanos e não imunes”. Tradução de Ana Beatriz da Silva Pinto

Dados de aposentados e servidores públicos são vendidos na deep web, afirma empresa

Daniela Arcanjo

SÃO PAULO A empresa de cibersegurança ISH Tecnologia diz ter encontrado dois bancos de dados de brasileiros sendo vendidos na internet. Um deles, que está sendo ofertado por US\$ 600, seria do Siape (Sistema Integrado de Administração de Pessoal) e empacotaria dados de um vazamento de 2020 com informações de servidores públicos federais e aposentados. Com base na publicação do usuário, a empresa diz ainda que o outro pacote engloba

dados do SPC (Serviço de Proteção ao Crédito) — a entidade nega que tenha ocorrido vazamento de seus dados. “Não é verdadeira a informação da venda de dados pessoais provenientes do SPC”, afirma o serviço em nota. “Foram realizadas as análises técnicas para apuração do caso, e o relatório conclusivo indica que os dados pessoais divulgados não possuem origem e correlação com a base de dados do SPC Brasil”. Os dados não passaram por análise da ISH Tecnologia. A empresa não sabe dizer quan-

tas pessoas seriam afetadas pelos pacotes à venda. As publicações teriam sido feitas no fim de junho em um fórum de crimes cibernéticos criado no primeiro trimestre de 2022. Os dados já saíram da deep web e estão na deep web — ou seja, um espaço de acesso mais fácil. Segundo o diretor de inovação da ISH Tecnologia, Leonardo Camata, é como se os dados estivessem emergindo para uma superfície mais navegável e exposta, como os sites que achamos em uma pesquisa no Google.

“Quando tem um vazamento desse tipo, essa informação vai parar lá na dark web, forums mais barra-pesada”, afirma Camata. Para acessar a dark web, é preciso de tecnologias específicas. Na publicação, segundo a empresa, os criminosos disponibilizam um canal de contato via Telegram e pedem o pagamento via criptomoedas, para dificultar a rastreabilidade. “Essas vendas ocorrem por reputação”, afirma o Camata. Ou seja, o nível de confiança que o vendedor tem naquela comunidade

Nova versão da PlayStation Plus chega ao Brasil e aos EUA

SÃO PAULO A nova versão da PlayStation Plus chegou ao Brasil e aos EUA nesta segunda (13), após um lançamento antecipado em países da Ásia. A PS Plus reformulada é uma espécie de fusão da versão antiga com o fraco serviço de jogos pela nuvem (sem necessidade de download) PS Now. A iniciativa é uma resposta tardia da empresa japonesa à popularização do Xbox Game Pass, serviço da Microsoft com mais de 25 milhões de assinantes. A Nintendo também oferece uma alternativa semelhante com o Nintendo Switch Online, mas está afastada da con-

corrência direta das outras duas empresas. O serviço da dona do “Super Mario” é focado em expansões e jogos retrô. A nova PS Plus estará disponível em três categorias. 1) Essencial, que preserva o funcionamento da versão original, com dois jogos grátis ao mês (R\$ 14,90); 2) Extra, com adicional de um catálogo de jogos, como no serviço da Microsoft (R\$ 52,90); 3) Premium, que tem títulos antigos (PSP, PS 1 e 2), permite jogar pela nuvem e testar games novos por um período limitado (R\$ 59,90). Gustavo Soares

Grupo pró-armas se espalha na política e atua dentro de gabinete de senadores

Movimento vem trabalhando na tramitação de projetos que beneficiam colecionadores

Raquel Lopes

BRASÍLIA O Proarmas, maior grupo armamentista do país, tem atuado no Congresso Nacional esteve em propo-
sita e ate mesmo despachando do gabinete de parlamentares, principalmente no Senado.
O senador Jorginho Mello (PL-SC) disse em um vídeo gravado durante a convenção nacional do Proarmas, que o presidente do grupo, Marcos Pollon, despacha do seu gabinete.
"Ele [Pollon] é senador, quando eu não estou no gabinete ele assume. Ele vai lá, ele faz emenda. Ele de forma muito carinhosa, ele que é um dedicado, apaixonado pelo que faz... Então não precisa dizer muito que somos parceiros, ele que manda em mim. E a pauta dele é a minha pauta", disse o senador.
A declaração foi dada no final de março, em Brasília, no evento que apresentou os mais de 50 pre-candidatos apoiados pelo movimento armamentista para as eleições de outubro.
Jorginho é pré-candidato ao governo de Santa Catarina e recebe apoio do Proarmas, que se autointitula um movimento pela busca do "direito fundamental" da legítima defesa.
Em comum, todos os pré-candidatos endossados pelo Proarmas são favoráveis à

reeleição do presidente Jair Bolsonaro (PL) - entusiasta do armamento da população.
O governo federal publicou, até o momento, 15 decretos, 19 portarias, 10 portarias, dois projetos de lei e duas resoluções que flexibilizam as regras sobre armas no país.
Pesquisa Datafolha publicada no fim de maio mostra, porém, que 7 em cada 10 brasileiros rejeitam as ideias do presidente Bolsonaro para o setor sobre armas no país e discordam da tese de que mais armamentos trazem mais segurança para a população.
O senador Marcos Rogério (PL-RO) também disse, no mesmo evento, que Pollon usa seu gabinete. Ele é pré-candidato ao governo de Rondônia com o apoio dos armamentistas.
"Eu vou plagiar o Jorginho, que teve de sair. Ele disse que abre o gabinete dele e lá o Pollon tá com a conta. O Jorginho é o meu, é um do lado do outro e tá na seringa que o Pollon usa mais", disse.
A Folha mostrou em março que o grupo tem atuado, na CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) do Senado, na tramitação de projeto de lei que beneficia os CACs (coleccionadores, atiradores e caçadores). A matéria é relatada pelo senador Marcos do Val (Podemos ES).
Com a justificativa de dar segurança jurídica aos CACs,

Como o governo federal flexibilizou o acesso a armas
Principais medidas, iniciativas e impactos

- Publicação de 15 decretos, 19 portarias e 2 resoluções
- Revogação, pelo Exército, de três portarias que impediam o Brasil de aprimorar as regras de rastreamento e identificação de armas e munições
- Ampliação do número de armas e munições que podem ser compradas
- Liberação para a população de calibres antes restritos, como o 9 milímetros, 45 e o porto 40
- Entre 2018 e 2021, crescimento de 775% do número de armas nas mãos de cidadãos, servidores civis, e no acervo particular de militares

o projeto altera pontos da legislação sobre controle de armas e munições no país.
Pollon, que é advogado, transita com facilidade pelo Senado. Durante as sessões, ele tem tido acesso a áreas reservadas aos parlamentares da Casa. Em uma live logo após uma sessão do CCI no dia 27 de fevereiro, ele disse que apresentou emendas ao projeto.
O senador Marcos do Val confirmou à Folha em março que pediu sugestões na construção de seu relatório para Pollon por considerá-lo uma pessoa equilibrada e com conhecimento jurídico.
Durante uma live em abril, ao ser questionado por um entrevistado sobre uma proposição apresentada pelo senador Alessandro Vieira (PSDB-SE) que endurecia o acesso a armas, Pollon respondeu que estava escrevendo uma emenda e que ela seria apresentada por um parlamentar aliado.
O texto de Vieira defende mais controle e fiscalização dos órgãos responsáveis de armas e munições. Ele exige, por exemplo, a gravação do código do lote de venda no rufote do estojo de todas as munições comercializadas no país, inclusive as usadas pelos CACs. Atualmente, esse tipo de marcação ocorre apenas nas munições destinadas à segurança pública.
Ja numa recente entrevista

para uma rádio, Pollon disse que ele escreveu a emenda de número 101, apresentada pelo senador Jorginho Mello, em maio deste ano. Na entrevista, ele falou que não existe nenhuma norma legal sobre armas, entre decretos e projetos de lei, que não passe pelo Proarmas.
"Tive uma emenda substitutiva global do senador Alessandro Vieira, do estado de Sergipe, que destrói o tiro esportivo, acaba com o acesso às armas no Brasil. E em resposta a isso, eu, o Proarmas e todas as entidades de tiro do Brasil formais nos reunimos. E eu fiz um texto-base que é a emenda substitutiva 101, que efetivamente reflete os que os atiradores precisam para praticar o esporte com tranquilidade", disse Pollon na entrevista.
A assessoria do senador Jorginho Mello disse, por nota, que o parlamentar apenas mantém relações institucionais com Pollon, visto que o senador é apoiador do movimento.
"Marcos Pollon é um parceiro do parlamentar, contudo não exerce funções e nem usa as instalações do seu gabinete dentro do Senado. Às vezes que esteve reunido com o senador foi para tratar do projeto de lei 3.723/2019 que beneficia os CACs", disse.
O senador disse ainda que a regulamentação dessa ati-

vidade é complexa e que Pollon, com o aval das entidades de tiro esportivo, Caca e CACs, apresentou uma sugestão de emenda ao projeto. Na justificativa do senador para implantar o texto é necessário ouvir quem detém conhecimento legal, sendo função do parlamentar ouvir a sociedade.
O senador Marcos Rogério e Pollon foram procurados pela reportagem, mas não responderam até a conclusão desta edição.
Nas eleições deste ano, o Proarmas tem oferecido apoio a candidatos que querem disputar uma vaga no Congresso em troca de cargos dentro dos gabinetes.
Entre os pré-candidatos endossados pelo Proarmas estão nomes conhecidos no bolsonarismo, como Jorginho, a deputada Bia Kicis (PL-DF) e o ex-senador Magno Malta (PL-ES). Também figuram na lista quadros que integraram o governo Bolsonaro, como Mario Frias (PL, ex-secretário de Cultura) e Rogério Marinho (PL, ex-ministro do Desenvolvimento Regional).
"O que que eu pedi? O que eu pedi não, qual é a exigência do Proarmas para todos os candidatos que nós apoiamos? Uma vaga no gabinete. Para quê? Para ter o monitoramento para que esse tipo de coisa não aconteça. Vá ter um cara possuindo o briefing de como é que a ideologia e o que o Proarmas pensa dessa pauta", afirmou Pollon, em um vídeo publicado no Youtube em abril.
No mesmo vídeo, Pollon afirma que a intenção do Proarmas é chegar a 1 milhão de associados e formar um partido político. Atualmente são cerca de 50 mil, entre membros gratuitos e contribuintes



O ex-vereador Jairo Souza Santos Júnior, o Dr. Jairinho, no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, nesta segunda-feira (13). Lurdes Tavares/Agência O Globo

Não sou culpado disso que me acusam, afirma Jairinho sobre morte do menino Henry Borel

Martiana Moreira

RIO DE JANEIRO O ex-vereador carioca Jairo Souza Santos Júnior, o Dr. Jairinho, disse nesta segunda-feira (13) que não teve culpa pela morte de seu então enteado, Henry Borel, 4. O político é acusado pelo homicídio da criança.
A declaração foi feita durante seu depoimento na 2ª Vara Criminal da capital. Atualmente responsável pelo caso. O garoto morreu na madrugada do dia 8 de março de 2021.
"Eu não sou culpado disso que estão me acusando. Isso não é verdade, isso não aconteceu, por Deus. Meu relacionamento com ele sempre foi de carinho", disse o acusado,

com a voz embargada durante uma fala de abertura concedida pela juíza Elizabeth Machado Louro.
Em sua fala, Jairinho lembrou de situações da própria infância e fez um histórico da dinâmica dos pais e dos pais de Monique Medeiros, sua ex-mulher e mãe de Henry. Ela é acusada de homicídio, falsidade ideológica e coação de testemunha.
"A dor é muita, doutora. Dói muito. O legista tem os laudos incongruentes. Alguém que agride alguém vai ser abraçado? Eu abria a porta do apartamento e ele saía correndo e falando 'tio Jairinho, tio Jairinho'. Isso é comportamento de gente que é agredida?",

Eu não sou culpado disso que estão me acusando. Isso não é verdade. Isso não aconteceu, por Deus. Meu relacionamento com ele sempre foi de carinho
Jairo Souza Santos Júnior, o Dr. Jairinho, ex-vereador do Rio de Janeiro

afirmou o ex-vereador.
Na denúncia, o Ministério Público afirma que Jairinho cometeu o crime por sadismo. Pela argumentação da Promotoria, ele tinha prazer em machucar o menino, enquanto Monique tirava vantagens financeiras da situação. Ambos estão presos desde abril do ano passado acusados de homicídio triplamente qualificado.
"Quem seria capaz de fazer mal a uma criança? Esse não é meu perfil, essa roupa não me cabe. Henry não teve 23 lesões e a imprensa continua noticiando isso. Tá mais do que provado que não houve [agressões]", afirmou. Ele também disse ter vivi-

do um namoro intenso e feliz com Monique até junho de 2019 e apontou que durante esse tempo chamou a atenção dele o comportamento carnal da companheira.
"O que pude observar era que a família era unida e muito feliz. Quem ensinava Henry a ouvir missas católicas era a Monique; quem ensinava o Henry a orar era a Monique quem segurava ele no colo e amamentava Monique. Quando eu disse isso para o Henry".
Jairinho chorou ao falar da mãe que, segundo ele, não saiu de casa desde que ele foi preso. Disse que ela questionava o namoro com Monique e fez um alerta quando foram morar juntos. O ex-vereador defendeu que sua vida pessoal e particular sempre foi marcada por muito diálogo. afirmou que nunca encostou em crianças e também disse nunca ter pisado em uma delegacia antes do início das acusações.
O laudo na reprodução da morte do menino afirmou que Henry sofreu 23 lesões produzidas por ação violenta entre às 21h30 e às 23h30 da noite.
Entre as ações estão escoriações e hematomas em várias partes do corpo, infiltrações hemorrágicas em três regiões da cabeça, laceração no fígado e contusões no rim e no pulmão.
Monique Medeiros disse durante audiência de instrução, em fevereiro, que foi intimada e ameaçada de morte dentro do Complexo Penitenciário de Venâncio, em São Paulo, onde está detida.
Ela disse também que Jairinho a submetia a uma rotina de abusos e violências físicas e verbais que tinham como cenário em novembro de 2019.
Monique diz ainda que teria sido obrigada por ele a bloquear homens nas redes sociais, a demitir o personal trainer e a apagar fotos de sua conta no Instagram.

PREFEITURA MUNIC. PAL. DE GUARULHOS
DEPARTAMENTO DE LICITAÇÕES E CONTRATOS

LICITAÇÕES AGENDADAS: PE 22/22 DILC PA24527/22 menor preço com reserva para ME - EPP/ME visando RP de Sinalização, Ctenozoom, Ecobiossistema e outros Abertura 01/07/22 08:30 Disputa 05:30.

REPROGRAMAÇÃO DE CERTAME: PE 187/22 DILC PA3502/22 menor preço com reserva para ME - EPP/ME visando RP para aquisição de brezier refrigeradores e outros Abertura 01/07/22 08:30 Disputa 05:30 CP 16/22 DILC PA3559/22 menor preço visando prestação de serviços essenciais e contínuos de varrição manual e mecanizada, lavagem de vias, poda e capina de vias e logradouros públicos, pintura de guias, cerca e remoção de entulho e limpeza manual e mecanizada de boca de lobo Abertura 15/07/22 09:00 Os editais poderão ser obtidos no site www.guarulhos.sp.gov.br na link: vol Ag



folha.com/saudedosolhos

semináriosfolha

WEBINAR

Saúde dos olhos

HOJE

folha.com/saudedosolhos



Um assunto tão importante merece toda visibilidade

DEBATES

15h
Olhos que envelhecem

BRUNO MACHADO FONTES

diretor da Associação Brasileira de Catarata e Cirurgia Refrativa

ELLEN POUSEIRO

paciente com baixa visão

ROBERTO VESSANI

chefe da divisão de glaucoma do Departamento de Oftalmologia da Unifesp

SÉRGIO PIMENTEL

chefe do Serviço de Retina do Hospital das Clínicas da USP

16h
Acessos e desafios na saúde ocular

CRISTIANO CAIXETA UMBELINO

presidente do Conselho Brasileiro de Oftalmologia

JACOB COHEN

oftalmologista e professor da Universidade Federal do Amazonas

MIRKO BABIC

gerente médico de glaucoma e superfície ocular da Allergan, uma empresa AbbVie

WALF TOENJES

fundador da ONG Renovatio, que promove ações de saúde visual

Patrocínio:



Realização:



Motoristas de ônibus de São Paulo entram em greve hoje

Não houve acordo entre os sindicatos que representam categoria e empresas

Claudinei Queiroz

SÃO PAULO Os motoristas e cobradores de ônibus de São Paulo confirmaram uma paralisação de 14 horas a partir de ch desta terça-feira (14). Não houve acordo na reunião de conciliação realizada nesta segunda-feira (13) no TKT (Tribunal Regional do Trabalho) entre o SindMotoristas (Sindicato dos Motoristas e Cobradores de São Paulo) e o SPLRBanuss (Sindicato das Empresas de Transporte Coletivo Urbano de

Passageiros de São Paulo).

Com data-base em 1º de maio, as negociações salariais dos trabalhadores em transporte rodoviário de São Paulo começaram em março. A proposta do SindMotores é um reajuste salarial de 12,4%, referente ao índice do INPC/IBGE, entre outras reivindicações, como 100% das horas extras, fim da hora de almoço não remunerada e pagamento PLR (participação nos lucros e resultados), mas não houve concordância com o sindicato.

patronal que representa as empresas do setor

"A princípio o setor patronal insistiu em oferecer apenas 10% de reajuste e ainda de modo parcelado. Agora, ofereceram os 12,47%, mas apenas a partir de outubro, o que é inadmissível", declarou o presidente em exercício do sindicato, Valmir Santana da Paz, o Sorriso.

Diante do impasse, foi decidido que a categoria fará o greve. "Sem o merecido reconhecimento, motoristas, cobradores e profissionais da ma-

nutrição cruzarão os braços nesta terra", completou.

A categoria já havia agendado uma greve para a última segunda-feira (6), mas houve acordo no TRT para adiá-la e continuar negociando.

Segundo o sindicato dos trabalhadores, será mantida a determinação judicial de 80% da frota de ônibus nos horários de pico (das 6h às 9h e das 16h às 19h) e 60% nas demais horas do dia. No entanto, todos os terminais devem ser fechados à meia-noite desta segunda.

[illegible][illegible]

CENAPSP COMPANHIA DE ENTREVISTAS E ARMAZENAGENS DE SÃO PAULO
RUA DO COMÉRCIO, 90 - JARDIM PAULISTA - SÃO PAULO - SP


PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO


AVISO DE ABERTURA DE LICITAÇÃO
PREÇO ELETRÔNICO Nº 254882

Processo 056/2022 OBJETO Contratação de Serviços e Atividades Afins para o ETSP conforme especificações constantes no ANEXO I – TERMO DE REFERÊNCIA. NASO 225001. Edital a partir do dia 14/05/2022 até dia 30 de 11e:30 e 31 de 11e:30 da hora local de Brasília. É obrigatório processar a licitação pelo sistema eletrônico nº 254882-2022, válido até 31/05/2022. As propostas serão recebidas até 31/05/2022 às 11h30 da hora local de Brasília.

Licitação Aberta de Menores Preços

[illegible]

 **CEAGESP** COMPANHIA DE
ENTREPREÇOS E ARMAZENOS
GERAIS DE SAO PAULO
CNPJ nº 01.46.254/91-00 - FONE nº 35302270-9

 **PETRUS AMARA
BRASIL**

AVISO DE ABERTURA DE LICITAÇÃO
PREÇO ELETRÔNICO Nº 19/2023

Processo: 037/2023 OBJETO: Aquisição de Material + Recibo modelar a
ROBILIN BLOCO EXTRUSADO, através do Sistema de Registro de Preços
conforme quantidades e especificações constantes no Anexo 1 TERMO DE
REFERÊNCIA: LAGS 235001 Edital a partir de 06/08/2023 às 15:00h
às 17h30 e 13h30 às 19h30, no site www.gcv.compras.inteligas.gov.br
e a partir de 14/08/2023 às 09h30, no site www.gcv.br/licitacao
propostas até 30/08/2023 às 09h30, no site www.gcv.br/licitacao
Gerson Elias de Moraes Junior
Diretor

[illegible][illegible][illegible][illegible][illegible]

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO - 2010

saúde

608 2. 6 milhões

51 entre domingo e segunda

31 495 014 casos

22.719 infecções em 24 horas

Casos de síndromes respiratórias fazem São Paulo abrir leitos

Hospitais municipais têm taxa de ocupação de 73% nas UTIs e de 63% nas enfermarias, aponta Painel Covid-19

Samuel Fernandes

SÃO PAULO Em meio a crescimento de casos de Covid-19 e aumento de complicações respiratórias, a Prefeitura de São Paulo disponibilizou 30 novos leitos para tratar pacientes com esse quadro clínico nesta segunda-feira (13). Destes, 42 são de enfermarias e 10 destinados a UTIs. Segundo dados do Painel Covid-19 da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), os hospitais municipais têm taxa de ocupação de 73% para leitos de UTI e 63% nas enfermarias. Para efeito de comparação, no primeiro dia deste mês a ocupação era de 53% em UTIs e 38% em enfermarias. No Hospital Municipal Brasilândia, na zona norte de São Paulo, a SMS informa que a taxa de ocupação de leitos de UTI para Covid está em 84%. Já no Hospital Municipal Professor Lydio Storopoli, na zona central, esse valor é de 86%. Os casos de Srag (Síndrome Respiratória Aguda Grave) causados por Covid-19 registraram aumento na capital paulista. Segundo dados do Painel Covid-19, durante o mês de abril, a média móvel diária era de aproximadamente dez casos da síndrome em associação à doença. Em meados de maio, esse número subiu paulatinamente,

chegando a 55 casos no último dia daquele mês. Nos primeiros dias de junho, foi registrada uma queda sucessiva da média móvel, chegando a aproximadamente 23 casos na última sexta-feira (10). Os casos registrados de Covid na cidade também seguem um padrão semelhante. Durante grande parte de abril, a média móvel diária dos diagnósticos era em torno de 700. No final de abril e durante todo o mês de maio, esse número aumentou gradualmente. No início de junho, o valor, à taxa de mais de 2.000 casos diários e esteve perto de chegar a marca de 3.000. No entanto, uma pequena queda vem sendo observada nos últimos dias — como no último sábado (11) com 1.671 de média móvel. O aumento de casos de Covid e a procura por atendimento médico já era sentido em hospitais privados. Por exemplo, o Hospital Nipo-Brasileiro tinha uma média de 60 atendimentos no pronto-atendimento respiratório durante o mês de abril. No dia 30 de maio, este número saltou para 400. O hospital precisou retomar a estrutura utilizada em momentos mais críticos que há alguns meses, com a divisão dos casos, tinha sido adaptada para atender pacientes com outras doenças.

Decisão parecida foi tomada pelo Hospital Sirio-Libanês. A alta na demanda no pronto-socorro em meio ao aumento de casos de Covid fez com que fosse reaberta áreas destinadas às síndromes respiratórias que já tinham sido fechadas em março. No início de maio, a média de atendimentos diários eram de 300, mas eles saltaram para em torno de 430 no final daquele mês. O aumento do número de casos de Covid já é sentido nacionalmente. Na última terça-feira passada (7), o Brasil registrou 86.603, maior número desde 25 de fevereiro. Nessa data, a média móvel de casos em relação a duas semanas anteriores teve um crescimento de 144%. Essa disseminação maior do vírus tem forte relação com um maior registro de Srag. O boletim infogripe da Fiocruz já vem apontando uma tendência no aumento de casos da síndrome. A última edição do documento, publicado na última quinta-feira (9), estimou cerca de 7,7 mil casos de Srag na semana de 29 de maio a 04 de junho. Na semana anterior, essa estimativa foi de 7.300. Segundo a instituição, o Sars-Cov-2 é o vírus com maior associação ao aumento de casos de Srag.

equilíbrio

Estresse psicológico é gatilho para ataques cardíacos fatais, diz estudo

Condição pode ser aguda ou crônica, além de ser desencadeada por eventos como demissão, dificuldade econômica ou morte de um filho

Jane E. Brady

THE NEW YORK TIMES Você provavelmente conhece os principais fatores de risco para doenças cardíacas: pressão alta, colesterol elevado, tabagismo, diabetes, obesidade e sedentarismo. É provável que seu médico o tenha verificado mais de uma vez quanto a esses riscos.

Mas seu médico perguntou sobre o nível de estresse em sua vida? O estresse psicológico crônico, como indicam estudos, pode ser tão importante para a saúde do seu coração quanto os fatores de risco cardíaco tradicionais. Em pessoas com corações muito saudáveis, o estresse mental supera o estresse físico como potencial gatilho para ataques cardíacos fatais e não fatais e outros eventos cardiovasculares, de acordo com estudo recente.

Um novo relatório, publicado em novembro na JAMA (Journal da Associação Médica Americana, em português), avaliou a evolução de 918 pacientes conhecidos por terem doenças cardíacas subjacentes, mas estáveis, para ver como seus corpos reagiram ao estresse físico e mental.

Os participantes foram submetidos a testes padronizados de estresse para ver se seus corações desenvolviam isquemia miocárdica — um fluxo sanguíneo significativamente reduzido para os músculos do coração, que pode ser um gatilho para eventos cardiovasculares — durante uma ou ambas as formas de estresse. Em seguida, os pesquisadores os acompanharam por quatro a nove anos.

Entre os participantes que sofreram isquemia em um ou ambos os testes, essa reação adversa ao estresse mental teve um impacto significativamente maior no coração e na vida dos pacientes do que o estresse físico. Eles tinham maior propensão a sofrer um ataque cardíaco não fatal ou morrer de doença cardiovascular nos anos seguintes.

As novas descobertas ressaltam os resultados de um estudo anterior que avaliou a relação entre fatores de risco e doenças cardíacas em 24.767 pacientes de 52 países. Descobriu-se que os pacientes que experimentaram alto nível de estresse psicológico durante o ano anterior à entrada no estudo tinham duas vezes mais propensão a sofrer um ataque cardíaco durante um acompanhamento médio de cinco anos, mesmo quando os fatores de risco tradicionais eram levados em consideração.

O estudo, conhecido como Interheart, mostrou que o estresse psicológico é um fator de risco independente para ataques cardíacos, semelhante em efeitos prejudiciais ao coração aos riscos cardiovasculares mais comumente medidos, explicou Michael T. Osborne, cardiologista do Hospital Geral de Massachusetts.

Mas e os efeitos do estresse em pessoas cujos corações ainda estão saudáveis? O estresse psicológico vem em muitas formas. Pode ocorrer de forma aguda, causada por incidentes como a perda do emprego, a morte de um ente querido ou a destruição da casa num desastre natural.

As pessoas que não são muito tensas tendem a experimentar menos os efeitos do estresse no coração

Michael T. Osborne, cardiologista do Hospital Geral de Massachusetts

Um estudo na Escandinávia descobriu que na semana seguinte à morte de uma criança, o risco de os pais sofrerem ataque cardíaco era mais de três vezes a taxa esperada. O estresse emocional também pode ser crônico, resultante, por exemplo, de insegurança econômica contínua, de viver em uma área de alta criminalidade ou de sofrer de pressão ou ansiedade implacáveis. No estudo escandinavo, pais entretidos continuaram experimentando um risco elevado anos depois. Osborne fez parte de uma equipe de especialistas liderada por Ahmed Tawakol, também do Hospital Geral de Massachusetts, de uma análise das reações corporais ao estresse psicológico. Ele disse que as evidências acumuladas de como o cérebro e o corpo respondem ao estresse psicológico crônico sugerem fortemente que a medicina moderna tem negligenciado um perigo importante para a saúde do coração.

Tudo começa no centro do medo do cérebro, a amígdala, que reage ao estresse ativando a chamada resposta de lutar ou fugir, desencadeando a liberação de hormônios que ao longo do tempo podem aumentar os níveis de gordura corporal, pressão arterial e resistência à insulina.

Além disso, como a equipe explicou, a cascata de reações ao estresse causa inflamação nas artérias, promove a coagulação do sangue e prejudica a função dos vasos sanguíneos, todos os quais promovem a aterosclerose, doença arterial subjacente à maioria dos infartos e derrames.

A equipe de Tawakol explicou que os exames avançados de neuroimagem tornaram possível medir diretamente o impacto do estresse em várias partes do corpo, incluindo o cérebro.

Um estudo prévio com 294 pessoas inicialmente livres de doenças cardiovasculares, que foram submetidas a exames de corpo inteiro que incluíam atividade cerebral, tiveram um resultado revelador. Cinco anos depois, os indivíduos com alta atividade na amígdala mostraram níveis mais altos de inflamação e aterosclerose.

Isso quer dizer que pessoas com nível elevado de estresse emocional desenvolveram evidências de doenças cardiovasculares. Em contraste diz Osborne, "as pessoas que não são muito tensas tendem menos a experimentar os efeitos do estresse no coração".

Os pesquisadores agora estão investigando o impacto de um programa de redução de estresse chamado Smart3RP (que significa Programa de Resiliência de Resposta de Relaxamento e Treinamento em Gerenciamento de Estresse e Resiliência, em português) no cérebro, bem como fatores biológicos que promovem a aterosclerose.

O programa foi desenvolvido para ajudar as pessoas a reduzir o estresse e aumentar a resiliência por meio de técnicas mente-corpo, como meditação baseada em "mindfulness", ioga e tai chi. Tais medidas ativam o sistema nervoso parassimpático, que acalma o cérebro e o corpo.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves



POPULAÇÃO DE PEQUIM FORMA FILA PARA FAZER EXAME DE COVID Com o aumento de casos da doença na China, distrito de Chaoyang arma tendas para testar moradores, nesta segunda (13)

Carlos Garcia/Reuters

Imunizante feito com RNA mensageiro não suspende menstruação

Natalie Grover

LONDRES REUTERS Os dados disponíveis sugerem que as vacinas de RNA mensageiro para Covid-19 não causam ausência de menstruação, segundo concluiu o órgão regulador de saúde da União Europeia na última sexta-feira (10). A avaliação foi motivada por relatos de distúrbios menstruais em mulheres que receberam uma ou duas injeções das vacinas Moderna ou Pfizer-BioNTech. Os distúrbios menstruais podem ocorrer devido a uma série de razões, incluindo condições médicas subjacentes, bem como estresse e cansaço. As autoridades de saúde destacaram que também foram relatados casos após a infecção por Covid-19. A ausência de menstruação é definida como ausência de sangramento por um período de 90 dias ou mais.

Enquanto isso, o Prati (Comitê de Avaliação de Riscos e Farmacovigilância) da Agência Europeia de Medicamentos está investigando casos de sangramento menstrual intenso com as duas vacinas. Relatos de menstruação intensa — sangramento caracterizado por aumento de volume e/ou duração que interfere na qualidade de vida — foram destacados como uma potencial preocupação após um estudo na Noruega sugerir um aumento nos casos do fenômeno após a inoculação. O Prati disse que revisou os dados disponíveis sobre o possível risco, mas solicitou aos fabricantes das vacinas que forneçam uma avaliação consultiva atualizada dos casos. Em janeiro, um estudo publicado no periódico Obstetrics & Gynecology relatou mudanças nos ciclos menstruais após a vacinação contra o coronavírus.

Segundo os autores, as mulheres inoculadas tiveram ciclos menstruais um pouco mais longos depois de receberem a vacina, comparadas com mulheres não vacinadas. A menstruação atrasou em média um dia, mas não durou mais que o normal. E o efeito foi passageiro e a duração dos ciclos voltou ao normal após um ou dois meses. Por exemplo, uma mulher com ciclo menstrual de 28 dias que começa com sete dias de sangramento ainda começava o ciclo com sete dias de sangramento, mas o ciclo todo durava 39 dias. Um dois ou três meses após a vacinação, o ciclo voltava aos 28 dias habituais. O atraso foi maior em mulheres que receberam as duas doses da vacina no mesmo ciclo menstrual: no caso delas, a menstruação começou dois dias após o prazo normal. Um dos responsáveis pelo estudo, Hugh Taylor, diretor do departamento de obstetria, ginecologia e ciências reprodutivas da Escola Yale de Medicina, destacou que as modificações constatadas não foram significativas e que parecem ser transitórias.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

ambiente

Altamira lidera em emissão de gases-estufa

São Paulo e Rio são as únicas cidades do top 10 do Brasil que não estão na Amazônia, aponta Observatório do Clima

Philippe Watanabe

SÃO PAULO A cidade brasileira que mais emite gases-estufa em 2019 está longe dos grandes centros urbanos nacionais, como São Paulo e Rio de Janeiro, e está mais ao norte entrando na Amazônia. Trata-se de Altamira, no Pará.

Os dados são provenientes da segunda edição do Seeg Municípios (Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa), um projeto do Observatório do Clima, lançada na manhã desta segunda-feira (13).

Altamira tomou o lugar de São Félix do Xingu, no Pará, líder de emissões de 2018 e que, no ano seguinte, ficou em segundo no ranking nacional de gases-estufa. São Paulo ocupa só a quinta colocação, e o Rio de Janeiro, a oitava.

Segundo o estudo, os 35,2 MtCO₂e (milhões de toneladas de CO₂ equivalente, uma medida que unifica os gases-estufa) emitidos por Altamira em 2019 a colocariam na posição 108 no ranking de países que mais emitem, deixando-a à frente da Noruega e da Suécia, por exemplo, de acordo com dados do WRI (World Resources Institute).

No top 10 de emissores no país, somente São Paulo e Rio de Janeiro estão fora da Amazônia. E a expulsão para isso é a principal fonte de emissões no Brasil: mudança de uso do solo, que, nesse caso, pode ser traduzido como desmatamento.

Portanto, não chega a ser coincidência que, em 2019,

Altamira tenha sido a cidade com o maior nível de desmatamento na Amazônia. Em segundo lugar no ranking de desmatamento aparece São Félix do Xingu, que, além da derrubada de mata, possui o maior rebanho bovino do Brasil, com mais de 2,3 milhões de cabeças de gado — o processo de digestão do boi emite gases-estufa, dessa forma, locais com grandes rebanhos costumam ter grandes emissões.

Altamira também possui um rebanho expressivo, sendo o quarto maior do Pará e o 12º maior do país (em 2019 e nos dados mais recentes), segundo o IBGE.

O desmatamento no Brasil tem uma motivação econômica. Na Amazônia, ele está usualmente associado a atividades agropecuárias, com áreas recentemente derrubadas, costumeiramente, sendo ocupadas por rebanhos. Levando isso em conta e vindo — através da plataforma Mapbiomas — também do Observatório do Clima — no que as áreas desmatadas foram transformadas, aumenta ainda mais a pegada climática do agropecuário nacional, com contribuições massivas nas emissões brasileiras e, consequentemente, dos municípios líderes de gases-estufa.

Tirando o desmatamento (mudança do uso do solo) da equação, São Paulo se torna o líder de emissões, seguido pelo Rio de Janeiro, puxados pelo setor de energia (o que, nesses casos, refere-se a queima de combustíveis no transporte) e de resíduos.

Cidades que mais emitem gases-estufa no Brasil estão na Amazônia

Desmatamento e agropecuária são os responsáveis pela maior parte da emissão dessas cidades

■ Mudança de uso da terra e florestas

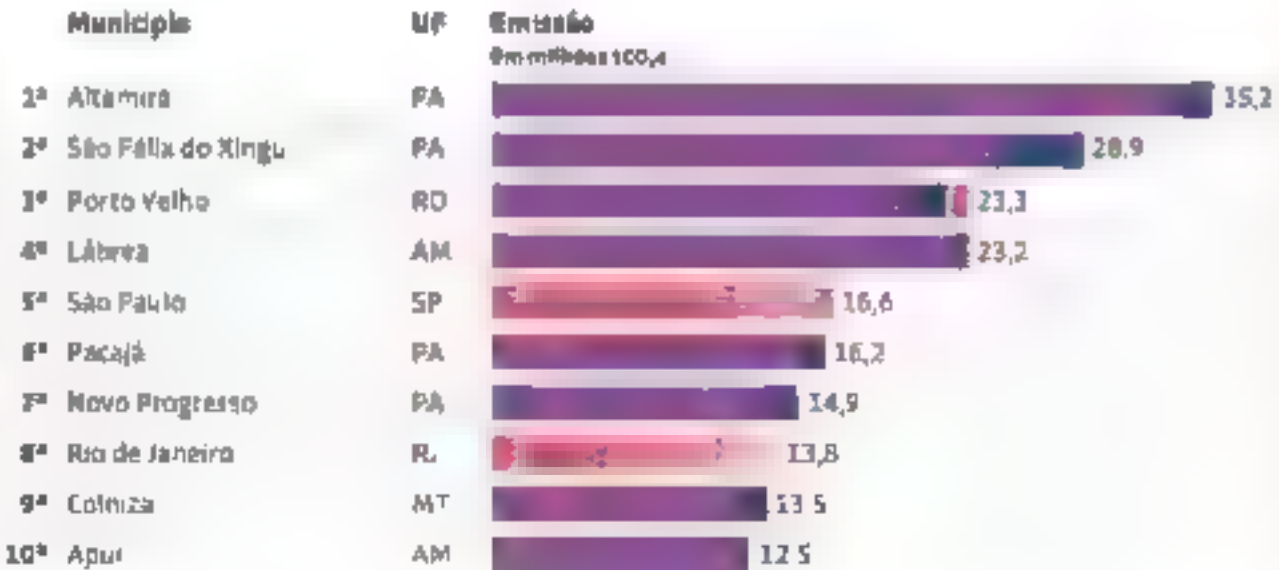
■ Agropecuária

■ Energia

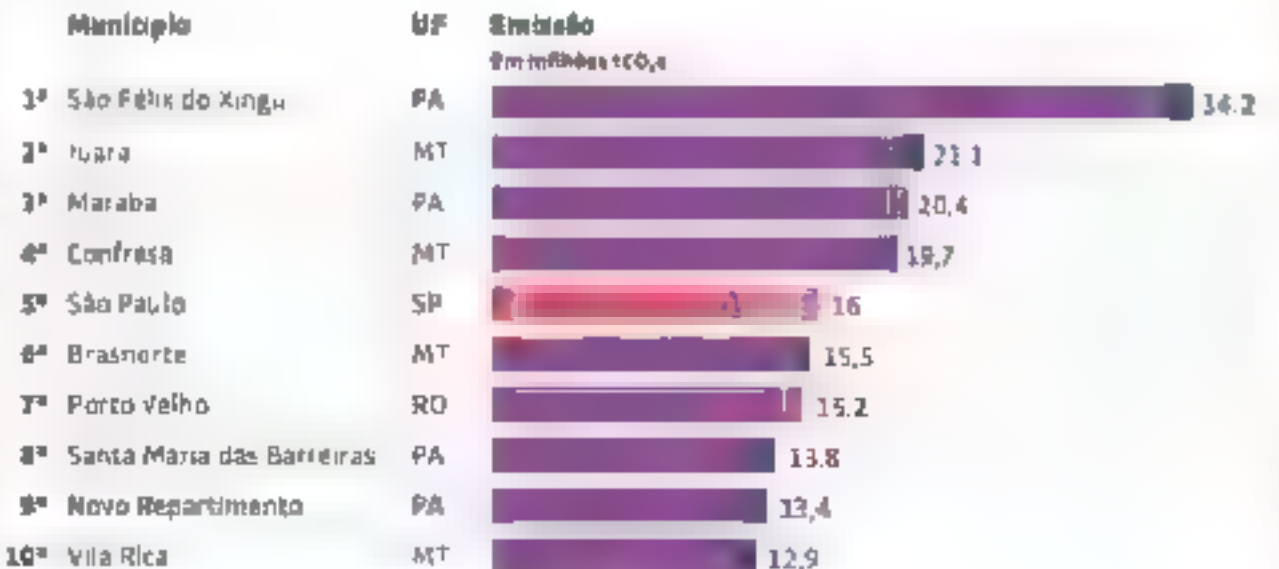
■ Resíduos

■ Processos industriais

Ranking 2019



Ranking 2000



Fonte: Seeg

classificados

Para anunciar ou ver mais ofertas acesse folha.com/classificados

11 3224-4000

PARA ANUNCIAÇÃO

CLASSIFICADOS FOLHA

CONTATO

11/3224-4000

ADVOCACIA

11/3224-4000

COMUNICAÇÃO

11/3224-4000

ASSINE A FOLHA

folha.com/assine

SATO

11/3224-4000

PROFISSIONAIS

11/3224-4000

ACOMPANHANTES

11/3224-4000

COMUNICAÇÃO

11/3224-4000

ASSINE A FOLHA

folha.com/assine

SATO

11/3224-4000

PUBLICUM

11/3224-4000

Entidade estabelece cinco substituições no futebol

Ifab, que regula as regras do jogo, liberou aumento de jogadores no banco

SÃO PAULO A Ifab (International Football Association Board), órgão que regula as regras do futebol, decidiu tornar definitiva a liberação para cinco substituições nas partidas de futebol. A mudança havia sido colocada em prática por causa da pandemia da Covid-19, em 2020. Antes disso, eram permitidas apenas três mudanças. A avaliação da entidade é que a medida foi bem aceita por treinadores, dirigentes e jogadores. As três janelas para as substituições serão feitas (além do intervalo, serão mantidas). A Ifab também autorizou o aumento do número de atletas disponíveis no banco de reservas. Passou de 12 para 15 outra alteração apoiada por pessoas ouvidas pelo comitê técnico do órgão. Isso abre a porta para o aumento do número de inscritos para as seleções na Copa do Mundo: de 23 para 26. A decisão quanto a isso será tomada pela Fifa, organizadora do torneio. A assembleia geral da Ifab, realizada nesta segunda-feira (13) em Doha, no Qatar, foi comandada por Gianni Infantino, presidente da Fifa, mas ele não se manifestou sobre o assunto. O treinador da seleção brasileira, Tite, é favorável à inscrição de 26 jogadores. A reunião discutiu outras possíveis mudanças futuras, mas sem decisões definitivas. Uma delas foi quanto a

inovações tecnológicas no uso do VAR para o impedimento, assim as marcações seriam mais rápidas e precisas. Os integrantes do órgão também falaram sobre possíveis testes para que os árbitros expliquem decisões tomadas em campo durante as partidas, como calcular de maneira mais justa o tempo de jogo (levando-se em conta as parausações) e a cobrança de laterais com os pés. Mas, segundo a Ifab, esses assuntos só voltarão a ser debatidos no futuro e qualquer período de testes terá de ser aprovado pela entidade e cancelado pela Fifa. Os membros da entidade também falaram sobre maneiras de combater a falta de respeito aos árbitros e au-

mentar sua segurança. Para a entidade, este é um problema global. Uma das possibilidades de mudança é o juizes usarem câmeras acopladas nos uniformes, inicialmente em jogos amadores. A Ifab foi criada em 1886 como entidade responsável por uniformizar as regras do futebol, em prática no Reino Unido desde 1863 mas com diferentes hábitos a depender do local da partida. Ela é composta pelas quatro associações nacionais britânicas (Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte). A Fifa se associou a ela apenas em 1913. Cada um tem um voto nas decisões e o da Fifa representa as outras 107 confederações filiadas a ela.



AUSTRÁLIA EMPATA COM PERU POR 0 A 0 E SE CLASSIFICA PARA COPA NOS PÊNALTIS
Time entra no grupo de França, Dinamarca e Tunísia; partida foi penúltima das classificatórias; última decisão é nesta terça (14), entre Nova Zelândia e Costa Rica *Marina Tschir/AGF*



MARCELO SE DESPEDE DO REAL MADRID DEPOIS DE 16 TEMPORADAS E 25 TÍTULOS
Ans 34, craque conquistou seis Campeonatos Espanhóis, cinco troféus da Champions League e quatro Mundiais; ele descarta se aposentar por enquanto *Photo: Plo Gagne/Marcelo/AGF*

Sobre futebol e amor

Palmeiras sobra no Brasileiro; na arquibancada, Morumbi ensina amor

Renata Mendonça

Jornalista, comenta na Globo e é colaboradora do Omelete, canal sobre mulheres no esporte

No futebol dentro de campo, ninguém supera a Palmeiras, que tem a melhor campanha na tabela: líder. Após mais uma rodada em que os outros dois apontados como principais postulantes ao título tropeçaram (o Flamengo perdeu para o Inter no Beira Rio, e o Atlético-MG empatou com o Santos em casa), o time comandado por Abel Ferreira segue no seu melhor momento desde que o português chegou. É verdade que ele já chegou conquistando Libertadores e Copa do Brasil e repetiu o feito como bicampeão da América

na mesma ano. Mas eu me surprenderia demais se esse Palmeiras que vemos agora não conquistasse nenhum título ao final desta temporada —além das que já conquistou, o Paulista e a Recopa, isso porque o futebol de agora é ainda mais consistente do que o de antes. Em 2021, a Palmeiras tinha dificuldade para manter o campeonato de pontos corridos, apesar de jogar a mesma rima em todos os jogos que costumava impor nas partidas de mata-mata da Libertadores, por exemplo. Neste ano, apesar de ter passado os três primeiros jogos do campeonato sem vencer

(contra Ceará em casa e Goiás e Flamengo fora), engatou uma sequência impressionante em seguida —nos últimos seis jogos, foram 12 gols feitos e nenhum sofrido. É muito difícil fazer gol nesse Palmeiras (só três times conseguiram até aqui, Ceará, Goiás e Fluminense). É muito difícil não tomar gol desse Palmeiras (em 11 jogos da Brasileiro, só Flamengo e Atlético-MG não levaram). Mesmo sem dois de seus pilares nos últimos jogos —Gustavo Gómez na zaga e Raphael Veiga no meio-campo—, o time seguiu muito seguro na defesa e mortal

no ataque. E se alguém disser que esse Palmeiras não tem repertório, é porque não está vendo os jogos. Na saída de três, Marcos Rocha é essencial na construção pela direita, que sempre tem Duda e Veiga ou Scarpa se associando muito bem —e é nessa trama que saem boa parte dos gols (seis dos 18 na Brasileiro). A bola pirada é uma arma muito bem utilizada e com muitas variações (incluindo o tão criticado “escanteio curto”, como foi o caso de Carlinhos) —foi responsável por 10 dos 18 gols no campeonato. E também tem con-

tra ataque de a manaque, como foi o puxado por Ze Rafael que originou o gol de Rony no Couto Pereira. O camisa 10, inclusive, está na sua fase mais artilheira desde que chegou ao Palmeiras. Veiga já igualou o número de gols de 2021, só que precisou de bem menos jogos pra isso, e quase dobrou o número de assistências. Scarpa, o líder de passes pra gol em 2021, agora faz o torcedor palmeirense ficar tranquilo, mesmo com Veiga machucado. Alguém vai conseguir parar esse time?

Amor e futebol
O futebol fora do campo também deu lições importantes no último fim de semana. A popular “câmera do beijo” rondou os estádios para celebrar o Dia dos Namorados e, no Morumbi, flagrou uma cena marcante: o beijo entre duas mulheres exibido no intervalo do jogo entre São Paulo e América na TV Globo de São Paulo.

Para uma sociedade que diz que futebol é pra homem e que insiste em querer impor apenas uma forma de amor, o recado estava dado. A transmissão do futebol em rede nacional comandada por uma mulher (Renata Silveira) exibiu a cena que deixava claro: errado mesmo é não amar. A imagem é simbólica porque gays e lésbicas que frequentam estádios sabem o medo que os ronda. Qualquer manifestação de carinho pode torná-los alvo de violência. O beijo lésbico exibido entre tantas outras beijos de casais heterossexuais na transmissão da TV ajudou a naturalizar o que muitos ainda estranham e condenam. Como bem definiu Casagrande: “Não existe amor se não tem liberdade. E a liberdade também não vai existir se não tiver amor. O amor não tem gênero, não tem cor, não tem raça, não tem classe social. Amor é amor e pronto”

Sem doutorandos, sem ciência

Jovens devem pensar três vezes antes de tentar carreira científica

Suzana Herculano-Houzel
Bióloga e neurocientista da Universidade Vanderbilt (EUA)

Anos atrás eu despertei a ira de boa parte dos meus colegas cientistas brasileiros ao escrever um post chamado “Você quer mesmo ser cientista?”, no qual eu explicava, tanto por e-mail, o que espera um jovem ao começar seu primeiro estágio em laboratório e sequer a trajetória de mestrado-doutorado, pós-doutorado-professor que configuraria a carreira da grande maioria das científicas atualmente. Fui acusada de desestimular a juventude, ser antipatriótica (acusação

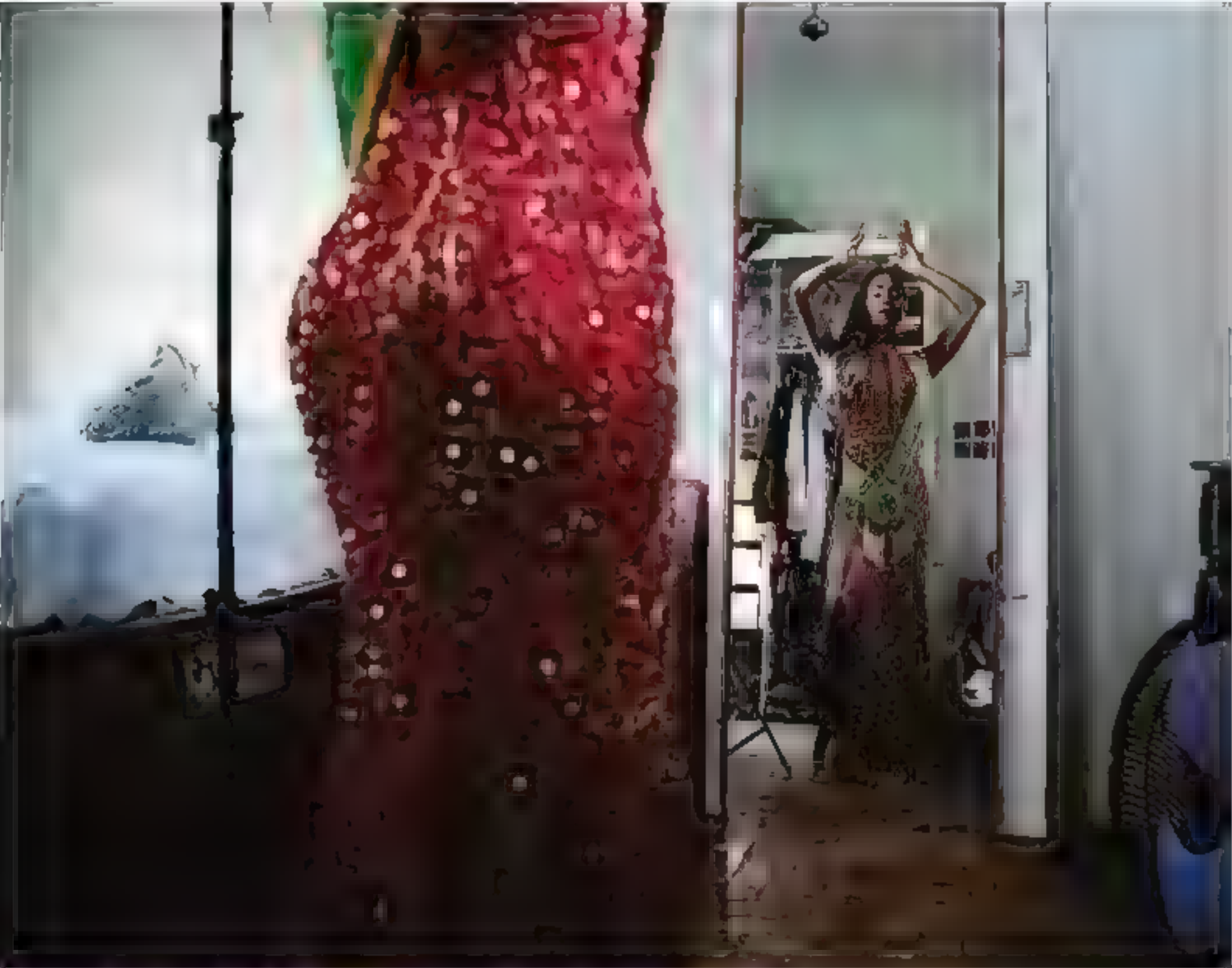
repetida anos depois, quando resolvi deixar o país para trabalhar nos EUA), e contribuir para esvaziar os laboratórios das colegas da mão-de-obra barata que os jovens brasileiros proporcionam. Pois aqueci os câmaras, porque voltei a cargo motivada por reportagem na revista Nature sobre as condições financeiras insuficientes dos alunos de doutorado... nos EUA. Aqui fora, doutorandos recebem salários de 20 a 30 e poucos mil dólares por ano

para trabalhar em pesquisa que é coroada por um diploma necessário para um dia ser contratada como professor — cargo que nos grandes universidades paga “seus direitos” por ano, ou seja, de cem mil dólares para uma mulher brasileira. O salário de um doutorando americano parece invejável. Para a realidade estadunidense, contudo, ele não cobre as contas, sobretudo numa realidade em que os jovens saem de casa ao completar o ensino médio.

E no Brasil... Ah, no Brasil. O “salário” de um doutorando brasileiro se chama “bolsa” porque não vem com direitos (ou deveres) trabalhistas, e significa a miséria de R\$2.300 por mês, valor publicado na Diário Oficial em 2013 e vigente até hoje. São menos de dois salários mínimos para jovens com curso superior completo e competência adquirida ao custo de experiência prévia trabalhando praticamente de graça em laboratório, sem a qual não se entra

para o doutorado no Brasil. Não vou entrar no mer to obvio da impossibilidade de se sustentar sem ajuda da família com uma bolsa de doutorado. Prefiro usar o que me resta neste espaço para renovar meu apelo aos jovens: você quer MESMO ser cientista? A realidade é que a pesquisa no mundo todo é movida por doutorandos, jovens profissionais rebaixados no Brasil ao título de “estudantes”, justificação usada para a miséria que lhes é paga. A grande maioria dos pesquisadores que conseguem ser contratados como professores, o sucesso de dez entre dez doutorandos, é obrigada a atuar como administradores, escrevendo projetos de pesquisa que têm cada um menos de 10% de chance de ser aprovado para conseguir financiamento para pagar o salário

de quem realmente dá duro nas bancadas e faz a ciência acontecer: os jovens idealistas, cheios de vontade, que toparam virar a no te fazendo experimento, que não precisam sair de cinco para buscar os filhos na escola, que tapam a moçar pizza de graça nas seminárias e jantar muito dia sim, dia também. Professores de fato pesquisadores são uma minoria tão infima que, na prática, ser doutorandos não se faz ciência no mundo — o que deveria encher nossos jovens de um senso de poder. Se fossem mais velhos, nossos jovens se recusariam a aceitar a vida miserável nas costas por uma miséria. Eles aceitam porque são jovens, e o que resta da ciência brasileira existe graças a eles. Vergonha deve ter quem é mais velho e não se manifesta contra isso, pois apenas consente



MODELO ELOA RODRIGUES, 19, REPRESENTARÁ BRASIL NO INTERNATIONAL QUEEN
Concurso é versão trans do Miss Universo, e será celebrado no dia 25, último domingo de junho, na Tailândia *Carla de Souza / AFP*

ACERVO FOLHA
Há 100 anos
14.jun.1922
Estudantes da Faculdade de Direito do Rio visitam penitenciária em SP

Os estudantes da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro que vieram a São Paulo visitaram, nesta quarta-feira (14), a Penitenciária do Estado e foram recebidos por uma banda musical formada pelos presos. Em seguida, os alunos assistiram aos exercícios de ginástica feitos pelos sentenciados e aplaudiram com calor o desempenho mostrado. A visita continuou com os estudantes percorrendo detalhadamente todas as dependências daquele presídio. O professor Aureliano Leal e os alunos utilizaram palavras entusiasmadas para demonstrar que tiveram uma impressão magnífica.



LEAL MAIS EM
Arquivo.folha.com.br

SAÚDE MENTAL | **Silvia Haidar**

Neurocientista explica impactos de hábitos e de uso de substâncias no sono

“O sono é um processo necessário para a vida”, afirma o neurocientista Andrei Mayer, professor do Departamento de Ciências Fisiológicas da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e apresentador do podcast A Culpa e o Cérebro. Com o estresse do dia a dia e hábitos que prejudicam o sono, é normal que esse período de descanso seja afetado. O problema é que uma noite mal dormida impacta todas as atividades do dia seguinte. “Um adulto precisa dormir de sete a nove horas por noite. Essa história de que dorme apenas cinco horas é o suficiente é balela”, diz Mayer. Só que esse tempo não basta se a qualidade não for boa. É importante passar por todas as fases do processo, que incluem o sono profundo, quando há liberação de hormônios ligados ao crescimento e a restauração das células, e

o sono REM, que é o período de intensa atividade cerebral quando ocorrem os sonhos e a fixação da nossa memória. Na busca por noites melhores, muitas pessoas procuram remédios para dormir — como benzodiazepínicos (diazepam, alprazolam, midazolam) e zolpidem, bebem uma dose de bebida alcoólica para relaxar ou tomam melatonina. Mas, às vezes, essas substâncias atrapalham mais do que ajudam. O ideal, segundo o neurocientista, é mudar a rotina e incluir algumas práticas conhecidas como higiene do sono que compreendem se expor mais à luz natural durante o dia, evitar beber café após as 15h e jantar duas horas antes de dormir. As noites mal dormidas têm impacto a curto e a longo prazo. Alguns dos sintomas após

uma noite de insônia são dificuldade de se concentrar, humor deprimido, mau humor, ansiedade e desmotivação para qualquer atividade que exija esforço físico ou mental. Mayer diz que o sono de má qualidade a longo prazo pode predispor a pessoa a doenças crônicas como diabetes, transtornos metabólicos, alguns tipos de câncer e Alzheimer. “Talvez essa pessoa esteja dormindo mal por alguma condição de saúde. Pode ser um problema nas vias respiratórias que a impede de respirar adequadamente durante o sono, por exemplo. Também pode ser uma questão de saúde mental, um transtorno de ansiedade. Aí pode ser necessário fazer acompanhamento com um psicólogo”, diz. Para o neurocientista, o uso de qualquer medicamento para dormir deve ser encarado como algo paliativo, apenas para lidar com o problema

pontualmente e, claro, sempre com o acompanhamento de um médico. Ele destaca que atualmente nenhum remédio é capaz de induzir um sono igual ao natural e que, para ser resolvida, a insônia exige mudança de rotina. “É melhor do que não dormir nada? Sim. Mas na verdade ela está dormindo mal todos os dias”, alerta. Uma das substâncias disponíveis no mercado para melhorar o sono é a melatonina, versão sintética do hormônio produzido pelo nosso próprio organismo quando a noite começa a cair e a iluminação natural diminui. Essa substância induz ao sono e pode ser produzida em laboratório, sendo vendida como suplemento alimentar. Segundo Mayer, a melatonina sintética realmente pode ajudar a dormir melhor, mas seu efeito é muito pequeno. Ele cita estudos de 2005 e 2013 indicam que a pessoa pode conseguir adormecer alguns minutos mais cedo, e no estudo de 2005 e 7 no de 2013. A eficiência do sono, no

primeiro estudo, aumentou apenas 2,2%. A duração total foi 13 m menos maior na pesquisa de 2005 e 10 na de 2013. Sobre possíveis efeitos colaterais do uso da melatonina sintética, Mayer diz que não há evidência científica robusta. No entanto, ele revela que relatos de dor de cabeça, náusea, ansiedade e pesadelos são comuns. Outro aspecto importante, resalta, é que a quantidade de melatonina sintética que a pessoa toma é muito maior do que a que o nosso corpo produz. Além disso, nem sempre a posologia descrita na embalagem desses suplementos está correta. Outra aposta dos insoneiros é a bebida alcoólica, que interfere no sistema nervoso e provoca sensação de relaxamento. Porém, apesar de debrar movimentos e fala mais lentos, o que pode facilitar para adormecer, isso não quer dizer que a pessoa vai dormir bem. Pelo contrário. “Muitos estudos mostram que o álcool afeta a estrutura do sono, o que resumida-

mente significa que ele piora a qualidade do sono”, relata. Algumas mudanças de hábito simples podem ser ainda mais garantidas. Dormir em um ambiente mais fresco, com variação de 16°C a 20°C, por exemplo, é o ideal. “[A temperatura do corpo] é maior durante o dia e mais baixa de madrugada. Isso quer dizer que é mais fácil a gente induzir e manter o sono em temperaturas menores”, explica o professor. Por isso, Mayer indica escolher bem a roupa de cama e prestar atenção se o uso de pijamas mais quentes e de meias não está atrapalhando o sono. Dividir a cama pode ser um problema. Afinal, uma pessoa ou mesmo um animal se mexem durante a noite e esquentam lençóis e travesseiros. Como a qualidade do sono afeta o nosso humor e as nossas relações sociais, o neurocientista diz que se um casal está dormindo mal junto, é melhor considerar dormir em camas ou até em quartos separados.



O samba é o seu dom

Disco póstumo de Wilson das Neves sai depois de anos de preparação e soma participações luxuosas, de Chico Buarque a Emicida e Áurea Martins

O cantor e compositor:
Wilson das Neves

Marcos Roberto/Divulgação

Leonardo Lichote

RIO DE JANEIRO Baterista tido por muitos como o maior da música brasileira, compositor de belezas como "O Samba É Meu Dom", cantor com domínio pleno do ritmo e da interpretação, Wilson das Neves era conhecido também por seu talento como frasista. Tinha sempre à mão uma tirada bem-humorada, um afonismo da malandragem como "ô, sorte" que se tornou uma espécie de assinatura. Uma dessas pílulas de sabedoria gingada é lembra

da por Alexandre Segundo, produtor que trabalhou com Neves de 2006 até a morte do baterista, em agosto de 2017, aos 81 anos, vítima de um câncer no pulmão. "Tudo na hora certa, ele sempre me ia-lava" conta Segundo. "Porque sou ansioso, quero sempre resolver as coisas na hora."

"Tudo na hora certa" o produtor vem repetindo para si mesmo nos últimos cinco anos, quando começou a saga de produzir um disco recheado de canções inéditas de Neves. E a hora certa, enfim, chegou. Com produção

de Jorge Helder e Kassín, o álbum duplo "Senzala e Favela" está gravado, em finalização, com previsão de lançamento em agosto pelo selo FundiSom. Nesta terça-feira, será liberado nas redes o primeiro teaser do projeto.

São 18 canções, 13 delas novas, nas vozes de um elenco estelar que mapeia um tanto dos caminhos que o baterista traçou em vida. Entre elas, estão Chico Buarque, Zeca Pagodinho, Maria Rita, Ney Matogrosso, Roberta Sá, Emicida, Fabiana Cozza, Seu Jorge, Marcelo D2, Bluggão, Rodrigo

SENZALA E FAVELA

Morto em 2017, o baterista Wilson das Neves não conseguiu concluir o projeto. Mas os outros astros, de Ney Matogrosso a Maria Rita, ficaram à disposição para concluir os discos que deveriam sair em agosto, com 18 canções, 13 delas novas

Amarante e Pretinho da Serrinha. O próprio Neves aparece cantando em três faixas, duas delas em gravações caseiras.

"Senzala e Favela" começou a nascer pelas mãos do próprio músico. Ele tinha a ideia de fazer um álbum com o nome extraído de uma parceria com Paulo César Pinheiro — a dupla assinava quase todas as composições do projeto. O baterista chegou a montar a lista das canções, divididas entre o disco um ("Senzala") e o disco dois ("Favela"). Em grande medida, o repertório desenhado

pelo artista foi respeitado.

"Wilson tinha a ideia de re-construir a batucada da escola de samba como ele se lembrava, antes de a bateria das escolas virarem o que viraram, com várias caixas dobrando a mesma coisa" lembra Kassín. "Começamos o disco então gravando essa batucada, na qual ele tocava do jeito que era feito antigamente. Isso depois virou a base para a música 'Se Você Não Me Levar'", diz, sobre a canção que abre "Senzala" cantada pelo próprio Neves. *Continua na pag. C2*

ilustrada

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

LEI, GFA A LEI

O vídeo em que Jair Bolsonaro (PL) aparece afirmando que pode descumprir decisões do Supremo Tribunal Federal passou a circular em cortes superiores de Brasília e já causa uma tensão adicional: nele, um conhecido integrante do Poder Judiciário, o ministro Ives Gandra Martins Filho, do Tribunal Superior do Trabalho, aparece aplaudindo o presidente da República justamente no momento em que ele prega a desobediência às ordens judiciais

LEI 2 Bolsonaro fez as declarações na semana passada, num evento no Palácio do Planalto. Segundo ele, caso o STF aprove o marco temporal para a devolução de terras indígenas, “acabou a economia brasileira, nossa garantia alimentar. Acabou o Brasil. O que eu faço? Tem duas opções. Entrego a chave para o ministro do Supremo. Ou digo: Não vou cumprir”

LEI 2 Descumprir decisão judicial é crime. Por isso os aplausos de Ives Gandra Martins Filho à fala foram recebidos com perplexidade por integrantes de outros tribunais.

DESABAFO “O que eu senti é que o presidente fez um desabafo de cidadão comum. Aplaudiu com outros e ficou aplaudindo. Em um momento de grande emoção dele ‘Bolsonaro!’ diz o magistrado. ‘Mas uma coisa e o desabafo. Outra é o que ele vai fazer como presidente’ segue Ives.

RÉGUA “Eu sou o ministro que, no TST, mais cumpre decisões do Supremo. Sou até criticado por isso”, diz o magistrado. “Mas entendo perfeitamente o desabafo do presidente. Como cidadão comum, eu também estou revoltado com tudo o que está acontecendo. Não me sinto confortável com o ativismo judicial, com a forma como o Judiciário está funcionando”, diz o ministro do TSE.

CADA CARRÉUA... O ministro vai além — e diz que “vivemos hoje num sistema em que o Supremo não cumpre a Constituição, os tribunais superiores não respeitam o Supremo, os tribunais regionais e de Justiça não respeitam os tribunais superiores e os juízes não seguem os tribunais regionais e de Justiça. Cada magistrado, em nome de sua independência, faz o que quer”

UMA SENTENÇA Isso leva, segundo ele, “a uma insegurança jurídica” que prejudica o Brasil. “Hoje um neopositivismo, em que o que interessa não é a vontade do constituinte — que elaborou a Carta Magna —, mas sim a vontade do intérprete da Constituição. Ele se opõe ao constitucionalismo clássico — que é baseado em pilares que não podem ser interpretados de forma flexível para atender ao que você gostaria, mas não está na Constituição”, afirma.

NA FILA Ives Gandra Martins Filho sempre aparece em listas para ser indicado ao Supremo. Mas acabou sendo preterido tanto por Michel Temer quanto por Bolsonaro. Caso o presidente consigo se reeleger, ele poderá fazer mais duas indicações para o tribunal.

BCESS



Foto: Harry Santos, Folhapress

O padre Julio Lancellotti **B** abençoou os novos Carlos Bezerra Jr., secretário municipal de Assistência e Desenvolvimento Social de São Paulo, e Bella Alves **B**, que se casaram no sábado (12), em São Paulo. O prefeito da capital paulista, Ricardo Nunes (MDB), e sua mulher, Regina Carnovale **B**, estiveram presentes

INCLUSÃO O Conselho Superior da Defensoria Pública de SP instituiu, pela primeira vez na história do órgão, cotas para pessoas transsexuais em concursos. A decisão vigorará pelo período inicial de dez anos.

PARTILHA A norma estabelece que, do total de vagas em concursos para as carreiras de defensores e servidores, 30% sejam reservadas para negros e indígenas, 5% para pessoas com deficiência e 2% para pessoas trans. As cotas também se aplicarão a concursos e processos de seleção de estágios.

MEGAFONE Um grupo de economistas brasileiros vai divulgar, nesta terça-feira (14), um manifesto em apoio à candidatura do ex-presidente Lula (PT) à Presidência. Intitulado “Movimento dos Economistas pela Democracia e Contra a Barbárie”, o texto recolheu cerca de 1,5 mil assinaturas

LISTA Entre os signatários estão: Leda Paulani, da USP; Celso Campello, ex-ministro da Ciência; Rogério Studart, ex-diretor-executivo do Banco Mundial; e Adirlando Quintela, do Associação Brasileira de Economistas pela Democracia.

DEBATE A cantora Mami Góvessa participou na sexta (12) do Women's Music Event (WME) conferência que aborda o protagonismo feminino na música. Ela vai falar sobre o processo criativo de seu álbum visual “Gracinha” lançado em 2021.

SEM ESPAÇO Para Mami, é importante eventos que discutam a presença das mulheres na indústria fonográfica, mercado que, na visão dela, é “extremamente masculino” especialmente atrás das câmeras. “Quantas diretoras a gente vê de vídeos? Pouquíssimas. Estou começando a ver agora, mas sempre foi super raro. É um meio machista”, analisa.

O samba e o seu dom

Continuação da pag. C1
Originalmente “Senzala e Favela” seria baseado em duas sonoridades bem marcadas. Metade do álbum duplo seria feito com uma big band, arranjos de metais, no formato com que Neves se habituou.

A outra metade teria apenas o violão sete cordas de Thiago Delegado e a caixinha de fósforos do baterista. O projeto acabou não seguindo o padrão, mas Delegado marca presença assinando o arranjo do jongo “Rei de Ovo”, cantado em dueto por Moacyr Luz e Gabriel Cavalcante.

“E a caixinha de fósforo aparece no arranjo que Amaran-te fez para ‘O que É Carnaval’”, nota Segundo. “O curioso é que Amaran-te não sabia dessa história que havia lá atrás, que teria caibonha de fósforo. Wilson é que deve ter soprado, a energia dele esteve presente no processo inteiro de feitura do disco.”

Neves estava prestes a voltar ao estúdio em 2017. Gravaria numa segunda, 28 de agosto — as datas de gravação tinham sido até antecipadas por causa do estado de saúde dele. Não houve tempo. Na sexta anterior ele avisou a Segundo — “vou ter condições de gravar não, chama a Auresa para cantar no meu lugar”, disse, lembrando Auresa Martins, da qual era grande fã — e ela e Clécio Buarque são os únicos cantores que aparecem, cada um, em duas faixas de “Senzala e Favela”.

No mesmo dia, ligou para Kassim e disse que estava indo para o hospital. “O disco vai ficar para a próxima, tenho como fazer não”, insistiu, depois de o produtor ter afirmado que o esperaria para gravar. Na madrugada de sexta para sábado, morreu.

Ainda no velório, Chico, que gravaria com Neves na quarta semana para o disco, esteve à disposição dos produtores para seguir no projeto. Outros artistas, como Ney Matogrosso e Emicida, sinalizaram o desejo de participar também.

Começou então o périplo de Segundo para conseguir recursos para a realização do álbum. Depois de ter o projeto negado em editais e ver vários acenos de patrocínio darem água, em março do ano passado conseguiu o apoio da Associação Cultural Saurá, que incentivou, sem fins lucrativos, projetos culturais e ambientais. Ele se reuniu então com Jorge Helder Kassim, Cláudio Jorge, João Rebouças e Stephanie San Juan e pediu para por a mão na massa.

Além dos já citados, a ficha técnica de “Senzala e Favela” inclui músicos como o baterista André Tandeta, o violoncelista Jaques Morelenbaum, o saxofonista Ze Carlos Bigorna, o trombonista Marlon Sette, o pianista Cristóvão Basti, se e violonistas João Lyra e Paulo Sete Cordas.

Maria Bava, que canta “Traço de Giz”, conta ter ficado nervosa na gravação. “Ainda me sinto muito perto desses gigantes”, diz, sobre os músicos. “É um samba difícil de desentruar melodias tão óbvias. Wilson tinha a coisa de fazer sambas que parecem simples, mas só até você começar a cantar. Ai vem uma pedra rolando lá de cima do morro. Acho isso incrível.”

A cantora não teve a oportunidade de conviver com Neves. Mas teve com ele um encontro marcante. “A gente se trombou, literalmente, num aniversário do Arlindo Cruz, na quadra do Império Serrano. Eu estava sendo empurrada para cá e para lá. Ele veio falar comigo no meio da multidão e disse: ‘toquei com sua mãe’. Mas a onda humana ia me levando para longe dele.”

“Não consegui entender o que ele falava, não consegui responder e fiquei mais com aquilo”, lembra ela. “A ficha do que ele disse só caiu no dia seguinte. Ai eu fiquei pior, porque eu jamais destrataria

um grão, a velha guarda. Gravar nesse projeto para mim é uma forma de pedir perdão para ele. Quem sabe ele aceita?”

O disco tem diferentes arranjos, cada um com sua assinatura própria, mas todos afinados com a atmosfera de Neves — mesmo no tempero rap de “O Dia em que o Morro Desce e Não For Carnaval”, com vozes de BNegão e Marcelo D2, que diz que quando foram gravar ele percebeu que ela tinha na forma e na letra uma intenção e “certa marra do rap”. “Wilson passeava em todos os lugares e gerações”, afirma o rapper.

Durante as gravações, Seu Jorge (que viu Neves pela primeira vez menino, nas festas na casa de sua tia, e anos depois se tornou seu amigo na Orquestra Imperial) lembrou exatamente essa capacidade de Neves de cruzar gerações, conta. O cantor interpreta o samba bulicoso “Que Beleza de Nega”, cuja malícia sedutora conversa com o existencialismo popular de “Café com Leite”, cantado por Moyses Marques, parceiro de Neves na composição — outra amostra de que o baterista dialogava naturalmente com os mais jovens.

“Ele tinha uma visão da vida muito rápida, malandra, muito aguçada. E tratava com leveza as dificuldades. O último verso é, justamente isso — ‘tô mais, qualquer abacaxi já é café com leite’”, diz Marques.

No arranjo de “Café com Leite”, Jorge Helder faz uma citação a “Café com Pão”, de João Donato. O músico lembra uma história que representa bem o humor do baterista.

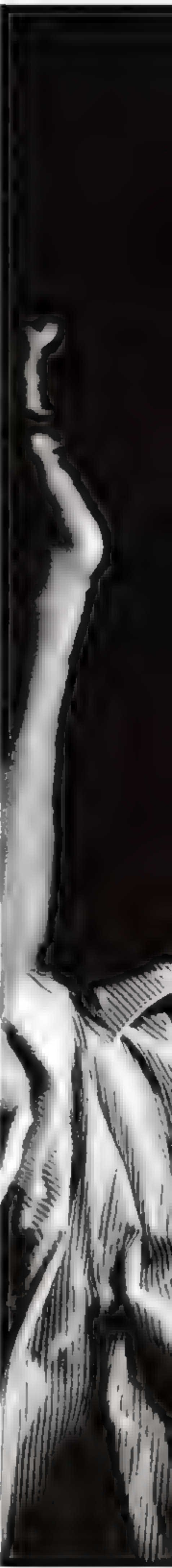
“Ele pediu para eu fazer um arranjo para um choro no disco dele. Liguei para ele e perguntei como queria. ‘Pode ser assim?’, e aí ele respondeu: ‘Faz aí eu fiz uma pergunta, ‘quer uma flauta, um sete cordas?’. Depois de uma série de perguntas, ele me disse não, precisa fazer mais não, que esse arranjo aí eu já dei tanta dica que é meu’. E acabou não fazendo mesmo”, ele recorda, rindo.

Outro arranjo de Helder no disco é de “Chefia”, composição em homenagem a Chico Buarque — era assim, “chefe”, que Neves chamava o autor de “Vai Passar”. A gravação da voz de Neves foi feita no celular de Segundo numa tarde em que Helder esteve na casa do músico, na Ilha do Governador, zona norte do Rio de Janeiro, para aprender algumas músicas do disco. “Neves sempre gostou de coisas clássicas, gostava de violoncelo, cordas. Pensei então em violoncelo e piano. Quería só dois instrumentos, para deixar muito forte o canto dele.”

A voz de Neves aparece ainda em “Transitória”, num dueto com Roberta Sá. “Foi um privilégio e a voz dele me ajudou a achar o tom da interpretação”, afirma a cantora. É uma fala que se repete entre muitos dos que participaram do disco. “Vanguarda demais”, sintetiza Moacyr Luz. “Wilson das Neves é um das melhores coisas que existiram no mundo do samba”, crava Zeca Pagodinho, que tomou como seu o fato de logo antes de sair para as gravações, ter aberto seu armário e ter dado de cara com um disco do baterista.

Em setembro, haverá o show de lançamento do disco na Fundação Progresso, com Auresa Martins, Moyses Marques e Vidal Assis passeando pelo repertório. “A ideia é ter na estreia outros convidados que participaram do disco, e depois circular com o show” adianta Segundo, que já tem planos de fazer um misto de clipe e curta-metragem para cada música com diferentes diretores e de levantar outros álbuns de Wilson das Neves. “Decupel as fitas cassete dele e catalogar 331 melodias inéditas.”

Mas isso é assunto para o futuro. “Tudo na hora certa”, diria Wilson das Neves.



Filho de Rita Lee, Beto toca hits compostos no sofá de sua casa

Grupo CeLeeBratton faz série de shows que contemplam as fases da cantora

Ivan Pinotti

SÃO PAULO Após a boa notícia que divulgou nas redes sociais contando que Rita Lee havia superado um câncer que surgiu na parotídea, o guitarrista Beto Lee parte agora para uma verdadeira releitura do trabalho de sua mãe.

Trata-se do show "CeLeeBratton", cuja banda homônima, liderada por Beto, se debruça sobre os dezenas de sucessos que Rita lançou ao longo da vida. A escolha do repertório, aliás, foi a parte mais complicada desse projeto.

"Como você vai sintetizar 35 anos de carreira, mais de 40 hits, em uma hora e meia de show?" pergunta Beto, 45. De fato, segundo o jornalista André Balsemão, conta no livro "Pivôes Misteriosos - A Explosão da Música Pop no Brasil", Beto é a quarta maior

vendedora de discos do país, tendo alcançado a marca de 55 milhões de álbuns vendidos.

A parte mais difícil foi justamente escolher por que uma música entra e a outra não", diz ele, que após uma seleção inicial de 45 canções, montou a lista para seus pais, Rita e Roberto de Carvalho. "Eles fizeram uns ajustes e pronto".

A CeLeeBratton estreou este ano, no festival Rock Brasil, que reuniu diversos artistas dos anos 1980 em uma série de fins de semana em São Paulo, Rio e outras capitais. Agora, ganha três datas no Teatro Liberdade, em São Paulo, a partir desta quarta (15).

Mas a banda, à esta há uma década na cabeça de Beto. "Há uns 10 anos comecei a pensar nesse projeto e finalmente coloquei de pé antes da pandemia. Arrumamos que parar".

A carreira da artista pode

ser dividida em três partes, e a boa notícia é que todas elas estão cobertas nesse setlist. Beto revelou algumas das escolhidas. Da primeira fase, quando ela estreou com Os Mutantes, há "Paris et Célines", "Top Top" e "Anjo Meu Desligado", entre outras.

Entre 1973 e 1978, Rita lançou com a banda Tutti Frutti quatro discos de rock mais brasileiro, com muita influência dos Rolling Stones. São dessas fases clássicos como "Agora Só Falta Você", "Esse Tal de Rock n' Roll" e "Jardins da Babalônia".

Atualmente, o baixista do Tutti Frutti, Lee Marcucci, está na CeLeeBratton. Os vocais de Rita serão cantados por Debora Reis. A partir de 1979, ela e seu

primeiro parceiro, o cantor Roberto de Carvalho, lançaram uma série de sucessos muito populares, como "Banho de Espuma", "Chega

Mas "Lança Perfume" e "Mama de Você". O último disco de Rita, hoje aposentada, foi lançado uma década atrás. Beto Lee, que nasceu em 1977, acompanhando a criação dessas últimas canções do solo de casa. "Me lembro de tantas músicas sendo feitas", suspira Beto, que promete tocar as músicas com os arranjos originais, o mais próximo possível das versões gravadas. "Como não tocar o solo de 'Ovelha Negra' nota por nota?" questiona.

Quanto à Rita, que hoje mora num sítio no meio do mato na cidade de Cotia, na Grande São Paulo, ela "está bem, está em casa, se recuperando muito bem e está super a fim de ver o show ao vivo".

Será que ela vem?

CeLeeBratton

Qua., às 21h. Até 20/6. Teatro Liberdade, 1. São Joaquim, 19. São Paulo. R\$ 70 a R\$ 220. 3 anos

Retrato do baterista Wilson das Neves, morto em 2017. (Ilustração: Robinson)



O músico Beto Lee em fotografia de Angelo Pastorelli. (Ilustração: Robinson)

Emicida e Djonga elevam voltagem política do festival João Rock com coros contra Bolsonaro

Pedro Martins

RIBEIRÃO PRETO Ribeirão Preto foi tomada por eventos de ataques contra Jair Bolsonaro no último sábado. A 312 quilômetros de São Paulo, a cidade do noroeste paulista é o satélite de uma região que detém uma das maiores programações de país de shows sertanejos, gênero que ficou associado aos eleitores do presidente. Neste fim de semana, porém, as arenas de montaria foram substituídas por pistas de skate, e as violas, por guitarras, com a volta do João Rock.

O festival, considerado o maior do país dedicado ao rock nacional, tem uma trajetória marcada por manifestações políticas. O mesmo público que não poupou a ex-presidente Dilma Rousseff em 2014 e 2015, contudo, agora gritou a plenos pulmões "fora Bolsonaro", "ei, Bolsonaro, vai tomar no cu" e "olê, olê, olê, Lula, Lula" — a mesma tática da Lollapalooza e da Virada Cultural, que ocorreram em março e maio na capital paulista.

Boa parte das manifestações partiram da plateia, composta por 10 mil pessoas. Enquanto alguns cantores preferiram se abster, dizendo apenas que "este ano só está tocando aqui no João Rock" e emendando o coro político a qualquer outra canção — caso da maioria dos representantes do rock e do pop rock, como Pitty e Nando Reis — outros levantaram suas vozes contra o presidente as vésperas do pleito que deve ser marcado pela oposição entre Lula e Bolsonaro.

Entre eles estava Emicida. Ao fim do segundo ato do show-manifesto que lançou no festival "Amor, Ordem e Progresso" em parceria com Criolo e Cêdo, o rapper interrompeu o coro anti-Bolsonaro e fez um pedido ao público.

"Faz um favor para mim? Quando chegar outubro, mandem este lixo de volta para o esgoto de onde ele nunca deveria ter saído", gritou.

As manifestações atravessaram toda a apresentação que tomou o palco com projeções das faces de ícones do movi-

mento negro como a escritora Sueli Carneiro e o ator Milton Gonçalves, que morreu a espera de um presidente negro.

Houve também projeções de fotografias emblemáticas da ditadura militar, como a de Evandro Teixeira, tirada no centro do Rio de Janeiro que retrata um homem indo ao chão ao ser perseguido por dois policiais em 1968 durante a manifestação estudantil que ficou conhecida nos livros como "Sexta-Feira Sangrenta".

É uma lembrança, afirmou Emicida à reportagem, de que mesmo em momento de autoritarismo mais agudo, "a arte brasileira soube se colocar como um bastião da liberdade". Tem uma insegurança pairando no ar porque a gente tem assistido a uma escada antidemocrática nos últimos anos, mas o Brasil tem capacidade de produzir uma resposta à altura.

Antes de Emicida subir ao palco, houve ainda Djonga, que elevou a voltagem política do João Rock à sua máxima potência. Primeiro, o

rapper pediu que o público levantasse as mãos, erguesse bem os dedos do meio e pensasse em alguém que "oderam muito e não respeitam".

Em a deixa para que o recinto fosse dominado por ataques contra Bolsonaro, que se repetiram por pelo menos mais três vezes até que, a 15 minutos de show com duração de uma hora, se encerrado. Djonga pediu que a plateia formasse uma roda para bater as cabeças, prática conhecida como "mosh".

Foi o prelúdio para o ápice de sua apresentação — e também um dos pontos mais catárticos do festival — que se deu quando Djonga improvisou com a boca batidas de funk e pôs os seus bailarinos para dançar em sincronia ao som do coro de "ei, Bolsonaro, vai tomar no cu" que ele alternava cantando "Olho de Tigre", música responsável por ter alçado sua carreira ao estrelato e em que pede nada menos do que "fogo nos racistas", uma "sensação sensacional".

O jornalista chegou ao local do festival

ilustrada

Peter Dinklage vive Cyrano de Bergerac com nanismo na versão de Joe Wright

Filme que leva o nome do personagem fez o ator se lembrar do clima de fantasia de 'Game of Thrones'

Leonardo Sanchez

SÃO PAULO Cyrano de Bergerac foi consagrado como um eterno romântico, um tanto marginalizado na sociedade francesa do século 17 por causa de seu nariz desproporcional — como o dramaturgo Edmund Rostand II sou, em sua peça ficcional a partir da vida do escritor. Foram várias as adaptações para as telas desde então, com José Ferrer e Gérard Depardieu usando uma prótese no rosto. O nariz não era o motivo de o personagem achar que seus amores jamais seriam correspondidos. Ao adaptar o clássico francês no entanto, Eric Schmidt queria que o solamento do protagonista fosse mais realista, extrapolando as fan-

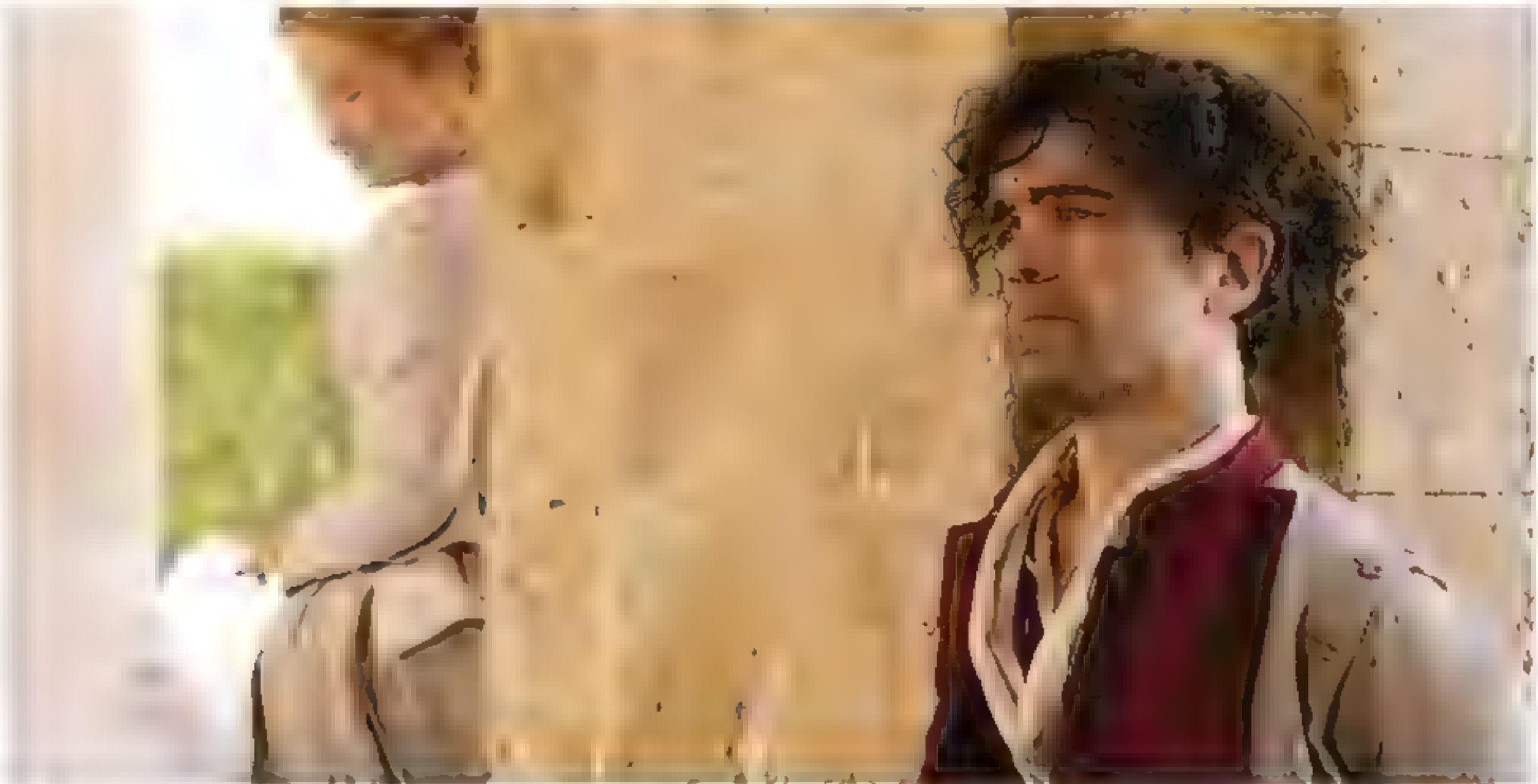
tasias de um nariz claramente feito de borracha. Ao assistir à nova montagem teatral, Joe Wright comprou a ideia e resolveu levá-la também ao cinema, preservando o Cyrano dos países — Peter Dinklage, astro da série "Game of Thrones", que tem nanismo. "Eu gostei de pensar que esse personagem poderia ser interpretado por qualquer um, independentemente de altura. O importante para mim era me livrar daquele nariz", diz Wright, acostumado aos dramas de época após realizar filmes como "Desejo e Reparação" e "Orgulho e Preconceito". "Eu queria que pudessemos nos relacionar com ele de outra forma, que a história tivesse mais complexidade do que um nariz grande."

"Cyrano" chega agora ao streaming depois de ser exibido diversas vezes, pular os cinemas brasileiros e torcer por uma indicação ao Oscar de melhor ator que não veio. Além de Dinklage, o filme também preserva a protagonista feminina da peça apresentada no circuito off Broadway há três anos, Haley Bennett. Ela vive o alvo do amor não correspondido do personagem-título, Roxanne. Intelectualizada e romântica, se derrete quando começa a receber cartas de um soldado recém-chegado à sua cidade. Mas a verdade é que Cyrano, também músico e poeta, escreve as correspondências. Por achar que seu amor jamais será correspondido é que ele decide ajudar o

jovem Christian, que também se interessa por ela. "Desde o nascimento do cinema, histórias românticas, pelo menos nos Estados Unidos, foram monopolizadas por pessoas brancas e bonitas. Agora nós estamos vivendo em tempos muito interessantes, porque esse não é mais o caso, o mundo está muito mais complexo e nós precisamos ouvir todas as histórias de amor", diz Dinklage, que diz sempre ter se incomodado com o fato de atores com uma beleza padrão serem chamados para usar uma prótese e viver o protagonista. "As pessoas bonitas não monopolizaram o amor em si. O amor é universal. Eu sei que gostamos de ir ao cinema para ver gente bonita,

mas há muitas outras histórias por aí e elas precisam ser contadas. Eu acho que 'Cyrano' é uma delas." Mas o novo filme não foi pensado para ser um reflexo direto da nossa sociedade e de seus dilemas. A ideia era que "Cyrano" parecesse uma fantasia e, para isso, foi traído em musical, com canções criadas pela banda americana de indie rock The National. Com frequência, os diálogos sérios da trama são subvertidos em canções perdidamente românticas e coreografias híbridas e complexas. "A peça original de Rostand tem vários monólogos longos que falam sobre sentimentos, o nariz ou qualquer outra coisa. Eu sentia que isso jamais funcionaria num fi-

lme contemporâneo, então a que fizemos foi substituir esses monólogos por números musicais", afirma Wright. "O The National tem uma tradição de fazer canções sobre desejo e romance, então isso casou com a intimidade que queríamos dar para a história." Foi uma novidade interessante para um cineasta que tantas vezes filmou histórias de até séculos atrás. Dinklage, por outro lado, já está acostumado com a fantasia, graças aos anos de "Game of Thrones", que ele acredita ter feito tanto sucesso por uma semelhança com "Cyrano" — ambos tem questões mundanas muito bem fundamentadas, o que torna dragões e roupas de época, por exemplo, menos detalhes em meio a disputas familiares, romances intensos ou buscas por vingança. "Mas no geral filmes de época são quase como fantasias, porque você tem que vestir roupas estranhas, andar a cavalo e lutar com espadas. É um trabalho que te transporta." Cyrano EUA, Reino Unido/Canadá, 2021. Dir.: Joe Wright. Com: Peter Dinklage, Haley Bennett e Ben Mendelsohn. 14 anos. Na Apple TV+ e Microsoft



Haley Bennett e Peter Dinklage em cena do filme "Cyrano", de Joe Wright. Peter Mountford/Disney+do

‘Ilusões Perdidas’ cutuca Macron e dramas da política francesa

CINEMA Ilusões Perdidas *** França, 2021. Dir.: Xavier Giannoli. Com: Cécile de France, Vincent Lacoste, Xavier Dolan. 16 anos. Em cartaz

Mathias Alencastro

Em 2017, os cronistas que tentaram escrever o romance da vida de Emmanuel Macron, na altura um ilustre desconhecido que se elegeu presidente da França do nada, rapidamente se viraram para Lucien de Rubempré, o célebre personagem de Honoré de Balzac. Protagonista de "Ilusões Perdidas", o maior romance da "Comédia Humana" ele personifica o desejo intemporal do francês comum de triunfar em Paris, a capital transformada em fortaleza inacessível pela França jacobina. Agora, sua nova adaptação ao cinema chega ao Brasil. Se a era do sacrifício dos longos no altar das séries televisivas e da globalização dos conteúdos acentuou o declínio intelectual do cinema americano, ela provocou uma euforia criativa na produção francesa. Apoiados por Gerard Depardieu, os protagonistas Vincent Lacoste e Xavier Dolan fazem parte da nova geração de atores francófonos que cresceu no esteio de Omar Sy, Léa

Draymond e Louis Leterrier responsáveis por renovar a presença francesa em Hollywood. O sucesso de séries como "Dix Pour Cent" abriu as portas das superproduções aos diretores franceses. Com o orçamento quatro vezes superior à média de um filme local, "Ilusões Perdidas" combina a sofisticação do detalhe de um Lucien Visconti e a exuberância de um musical com Anne Hathaway, sem abdicar da crítica social que caracteriza o cinema francês. Cenas festivas que flutuam como intervalos publicitários em um filme qualquer são complementadas por poderosas narrativas literárias que desmontam as relações de poder das personagens. A vontade de tudo explicar, que no limite pode ficar cansativa, parte do desejo do diretor Xavier Giannoli de cutucar a atualidade com um romance histórico. Impossível não ver a sua tentativa de traçar um paralelo entre as tramas dos jornalistas, diretores artísticos e magnatas dos negócios dos mundos da França da Segunda Restauração (1815-1830) e do governo "jupiteriano" de Macron, ambos verticalizados por uma elite conservadora do seu vanguardismo. O efeito de espelho entre passado e presente coloca a



Xavier Dolan em cena do filme 'Ilusões Perdidas' dirigido por Xavier Giannoli. Imagem

suas personagens. É um trabalho clássico de Andrzej Wajda, que em 1983, nas vésperas da celebração do bicentenário da revolução, produziu "Danton" para denunciar a idealização do mundo soviético pela esquerda ocidental. Conta o New York Times que na estreia, François Mitterrand deixou a sala antes do final para fugir das perguntas sobre a mensagem política do filme. Emmanuel Macron ainda não se manifestou sobre "Ilusões", um filme à imagem da França trancante e global que ele exalta, mas que não deixa de ser uma das críticas mais sofisticadas ao seu reinado. Em todo caso, o nativo da adormecida Touquet, já pode dizer que superou Rubempré. A sua professora de juventude virou a mulher da sua vida, e o regresso à província, a humilhação suprema para todos os arrivistas, foi indefinidamente postergado pela sua reeleição. Porém, os coletes amarelos e os caras pálidos da nova colisão da esquerda arquiteta por Jean-Luc Mélenchon estão aí para lembrar que o sucesso nas arcadas do poder ainda se paga com o ódio das massas. "Ilusões Perdidas" é um filme de época sobre a eternidade dos dramas da vida política francesa.

Bom elenco não salva ‘Jesus Kid’ da monotonia

Filme de Aly Muritiba narra, em tom de paródia chanchadesca, a história de um pistoleiro protagonista de um western

CINEMA
Jesus Kid
★★
Brasil, 2021. Direção: Aly Muritiba. Com Paulo Mikias, Sérgio Marone, Maureen Miranda. Em cartaz.

Indício Araújo

“Jesus Kid” começa quando se retiram, num vasto salão de restaurante, um escritor de livros de fantasia, um produtor de cinema e um diretor de filmes publicitários que pretendem passar ao longa-metragem. O tímido escritor contrasta com os dois outros exuberantes personagens, construídos como óbvias caricaturas dos tipos que representam. Embora tente cair fora, algumas circunstâncias forçam

o escritor a tomar a proposta dos cineastas — passar alguns meses de confinamento num hotel a fim de criar um roteiro que envolva o sofrimento da criação, mas com pegada pop e muita ação. Alguns bons elementos para um filme cômico estão lançados aí, inclusive menções à boçalidade própria da era Bolsonaro. O confinamento do escritor nos lançará a dois territórios cinematográficos conhecidos — o “Barton Fink” dos irmãos Coen, com a trágica evolução do personagem do roteirista, fechado num hotel, e o de Wes Anderson, sobretudo o de “Grande Hotel Budapeste”. Algum curto-circuito se manifesta aqui, pois é pos-

sível pensar numa paródia à maneira chanchadesca — ou seja, de apropriação — de “Barton Fink”. É um pouco mais complicado quando se trata de Wes Anderson, que já é um cineasta paródico. A evolução se dá no sentido do nonsense. O personagem central da obra do escritor, o pistoleiro Jesus Kid, salta das letras para a imagem, trazendo a carga previsível de clichês do Velho Oeste. Surge também Nurse, a enfermeira, com quem o desajetado escritor deseja transar. Sem falar de Chet — ou Arlindo —, recepcionista do hotel pedante a mais não poder. São elementos para um filme que busca ser popular, pelo lado comédia e pelo hístrio-

nismo de alguns personagens, cujo interesse se perde um tanto desde que os personagens começam a intervir na trama que se desenvolve. Podemos chamar a isso de metalinguagem, mas, a medida que essas intervenções se tornam o próprio fundamento da ficção e a comandam, elas remetem mais à ideia de certa facilidade — basta um personagem tomar do computador que todos os problemas desaparecem. Não se resolvem, mas se aceitam. O simpático nonsense esmorece um tanto. Situações se desenvolvem sem nenhum interesse para a trama — a desaparecida tampinha do banheiro, por exemplo — ao mesmo tempo em que as soluções “ad hoc” se acumulam.

A isso se acrescenta um problema de mise-en-scène, que o diretor Aly Muritiba não conseguiu contornar. Um filme que se passa basicamente em um ambiente só — o interior de um hotel — exige um tratamento particular para que as imagens não se tornem repetitivas e essa monotonia não se torne o conjunto do filme. Esses problemas serão corrigidos e tudo deles parece corrigido, assim invente as facilidades que o filme assume consigam elevar a obra à categoria de fenômeno popular, isto é, de eventual sucesso. Talvez contribua para isso uma distribuição de elenco feliz, especialmente pelo personagem do escritor Paulo Mikias, no século passado

marcante como integrante da banda Os Titãs, se tornou ator marcante desde que lançado por Beto Brant em “O Invasor”, em 2001. Mas não é só. Há também Chet, interpretado por Leandro Damiao, que se sai bem. O aspirante a produtor e seu diretor sofrem de ter sua ação sublinhada todo o tempo, mas também não se saem mal e a composição caricatural do diretor não prejudica o filme. Esses aspectos positivos contrabalançam, ao menos em parte, o hábito de sublinhar cada gesto, de preencher tudo de significação, quando toda a ação se apoia, justamente, nos significados prévios da maior parte dos personagens e dispenham esse tratamento.



Sérgio Marone em cena do filme ‘Jesus Kid’, de Aly Muritiba. Ilustração

Documentário projeta enigma de carta no decorrer do tempo

CINEMA
Espero que Esta te Encontre e que Estejas Bem
★★★
Brasil, 2020. Dir. Natara Ney. Em cartaz.

“Espero que Esta te Encontre e que Estejas Bem” se faz em dois movimentos. Um deles diz respeito à memória: o encontro de cartas achadas em uma feira de antiguidades, o fascínio por algumas delas e a busca do sentido do que ali está escrito. Desse primeiro encontro derivam viagens que remetem ao passado: como era Campo Grande, por exemplo, há 50 ou 60 anos atrás. E daí deriva uma pesquisa iconográfica que talvez seja o centro de interesse do filme, na medida em que não abarca apenas o aspecto físico da cidade, ou das pessoas, sua transformação, mas o próprio

modo de vida e, sobretudo, o tipo de sentimentos envolvidos e a forma de expressá-los. A documentarista Natara Ney se espanta ou, talvez, espantase com o fato de as pessoas escreverem com tanta fluência e com tão boa letra. Com efeito, numa época em que o ensino público tinha qualidade, quem tinha acesso a ele (a classe média urbana da época) sabia ler e interpretar textos. E cultivava o hábito de escrever, inclusive cartas. O que mais fascina a documentarista é a distância entre a época em que as relações se davam por carta e o presente. Parece fantástico, mas as pessoas podiam esperar uma semana ou mais por notícias dos namorados, noivos ou parentes. Como conviver com a ansiedade, se pensamos que hoje as trocas de correspondência se dão por WhatsApp ou, na pior das hipóteses,

email. São instantâneas, em todo caso. Isso quando a distância não é suprida por conversas com imagens e ao vivo. Impossível, para o documentário não se espantar com a existência de um modo de viver e sentir o mundo totalmente diverso do nosso, mas que se encontra ali mesmo, com pessoas ainda vivas para testemunharem. “Espero que Esta te Encontre e que Estejas Bem” detém-se em relacionamentos amorosos, como suportar a ausência do ser amado sem receber notícias por tanto tempo? Nisso, é preciso lembrar que as comunicações telefônicas a distância eram caras e demoradas. Em princípio trata-se de uma viagem um pouco do tipo “hora da saudade” por um mundo extinto. Do tipo, também, já não se faz amor como antigamente. A pro-

va: o casal que trocava cartas há 70 anos e agora se encontra em uma casa de repouso no Rio de Janeiro. Seriam os sentimentos hoje menos profundos? Eis a questão que o documentário rebate. Pois ele é, ao mesmo tempo, uma carta de amor (nesse sentido parece derivar diretamente do “Viajo Porque Preciso, Volto Porque Te Amo”, de 2009, filme por excelência epistolar), endereçada pela voz feminina que percorre o longa, a um suposto ser amado ausente (e aparentemente perdido). Ao mesmo tempo que projeta o espectador no enigma do correr do tempo (seja uma semana, seja 70 anos) o filme se pergunta sobre o enigma do fato amoroso: terá ele sido mais intenso e profundo no passado? E a pessoa amada visada pelo discurso do filme (que tanto pode ser

como não ser de sua autora) como verá as coisas? Os dois registros não se encavalam, mas o segundo remete a essa outra instigação da língua: a saudade. O sentimento da ausência do ser amado, a insegurança quanto à hipótese de ser amado, a ansiedade por uma resposta, a dor da perda. Ou seja, do ponto de vista do documentário — e esse ponto de vista é francamente romântico — o tempo é sempre interminável, quando se espera por uma resposta a essas questões. Interessante pela pesquisa iconográfica, pela maneira como ora confronta, ora aproxima eras de sensibilidade e de sociabilidade diferentes, menos interessante por um cultivo de nostalgia do nunca vivida, esse documentário se afirma bem por onde se perde o sentimento amoroso.

“Espero que Esta...” parece festejar, por exemplo, o casal casado há 70 anos como uma espécie de triunfo do sentimento amoroso. Pode ser mas ao mesmo tempo ignora (embora mostre) o precário da existência humana e de sua trajetória terrena. Não se pode esquecer, por fim, que a versão mais recente da psicanálise (a de Jacques Lacan) relança o enigma do sentimento amoroso de forma menos otimista, e infinitamente menos romântica, quando pretende que amor não é senão “dar o que não se tem a quem não o pede”. A busca desse ser ideal, insubstituível, seria a busca por um fantasma — em qualquer era e por qualquer meio de comunicação. Bem menos romântico do que o filme sugere. E algo com que o documentário (e talvez a documentarista) parece não concordar. IA

ilustrada



Ar pelo Alex

O bebê e a água do banho

Liberalismo não se confunde com abusos que foram cometidos em seu nome

João Pereira Coutinho

Escritor, doutor em ciência política pela Universidade Católica Portuguesa

Todas as profissões têm as suas piadas privadas. Entre as cientistas políticas, “Francis Fukuyama” e “o fim da história” é uma delas. Sempre que alguém junta essas duas frases, há sempre risos inteligentes e a frase fatal: “A história terminou com a queda do Muro de Berlim e depois veio o 11 de Setembro”. As gargalhadas aumentam de volume. Sua insuspeita, várias vezes participou de buche. Mas, aqui

entre nós, a paródia assenta num equívoco: Fukuyama não disse que a história terminara com o fim da Guerra Fria. Ele apenas declarou que o modelo democrático liberal era superior aos restantes. E não é? Não discuto abstrações. Discuto nuances. As democracias liberais têm os seus competidores — em Cuba, Rússia, Turquia, China. Mas não vejo muita gente querendo emigrar para lá. Pelo contrário: o desejo a

inverso. Fugir de lá e vir para cá. Será que uma parte da humanidade está seriamente equivocada? Escutando as nossas extremistas de direita e de esquerda, não existe nada de vazio por estas bandas. O liberalismo é uma fraude — gera desigualdade, relativismo moral e apenas mascara relações de submissão e poder, em que as elites dominam o povo (versão da direita) ou em que o povo

reacionário é um freio ao progresso (versão da esquerda). Livro de abandonar o barco? Um pouco de calma, aconselha o injustiçado Francis Fukuyama no seu livro mais recente: “Liberalism and its Discontents”. É um dos melhores livros de Fukuyama. Começamos pela básica: liberalismo é uma doutrina política que emergiu na segunda metade do século 17 com a ambição meritória de limitar

o poder dos governos e proteger os direitos dos indivíduos. Mas, antes de ser uma doutrina, é também uma descoberta: os indivíduos não são definidos pelo grupo a que pertencem, mas pela autonomia de que são capazes para fazerem as suas escolhas e viverem suas vidas. É um pensamento nobre, nem sempre respeitado ao longo da história, mas que foi sendo realizado, a duras penas, na defesa da tolerância perante a diversidade, na proteção da economia de mercado e na luta por iguais direitos para todos. Acontece que, no último meio século, direita e esquerda radicalizaram a própria noção de autonomia — e, com isso, desfiguraram as virtudes do liberalismo. Para Fukuyama, a direita neoliberal pôs o mercado acima de qualquer outro valor social, ao mesmo tempo que demonizou o papel do Estado. Esse fanatismo pagou-se com desigualdade, desemprego maciço nas indústrias tradicionais do Ocidente — e, claro, crises financeiras destrutivas que abrimos as portas aos populismos do momento. A esquerda identitária também se entregou a uma nova interpretação das “políticas de identidade”. Originalmente, a ideia era completar o liberalismo pela integração de grupos marginalizados no mesmo contrato social. A luta pelos direitos civis nos Estados Unidos é um dos melhores exemplos. Mas a radicalização de conceitos de autonomia por uma parte da esquerda teve dois efeitos só aparentemente contritórios, escreve o autor

por um lado, levou os indivíduos a procurarem o seu ser autêntico, livre das amarras sociais; por outro, levou esses mesmos indivíduos a concluir que as amarras eram mais fortes do que a essência prometida e nunca encontrada. A dimensão universalista do liberalismo, em que todos somos iguais em direitos e deveres, deu lugar a uma nova tribalização da sociedade, em que os grupos, e não mais os indivíduos, rejeitam os próprios pressupostos do modelo liberal. É assim que estamos, diz Fukuyama. A direita é a esquerda rejeitando liberalismo pelas suas afeições patológicas econômicas e sociais sem entenderem que a maior patologia de todas é a forma drástica como o liberalismo foi sendo aplicado. Essa confusão conceitual gerou seus monstros: entre outros, um nacionalismo que parece importado do século 19, como se fosse possível regressar no tempo e restaurar uma uniformidade moral, étnica ou religiosa. Entre a esquerda, a mesma atitude reacionária que procura aprisionar os indivíduos em identidades estancas, essencialistas e pré-modernas. Em ambos os casos, os mesmos instintos censórios e puritanos. Quem nos salva, des-se manicômio? Ler Fukuyama é um princípio de salvação: no diagnóstico do problema está já contida a esboço de uma terapia. Quem mesmo e dizer defender as democracias liberais significa não jogar fora o bebê com a água do banho. O liberalismo não se confunde com os abusos que foram cometidos em seu nome.

SENA, 14/06/2022 | FOLHA DE S.PAULO | TERÇA-FEIRA, 14 DE JUNHO DE 2022 | JUA, MARCELO COELHO | FOLHA DE S.PAULO | FOLHA DE S.PAULO | FOLHA DE S.PAULO

‘Está Tudo Bem’ passa ileso por indústria da morte

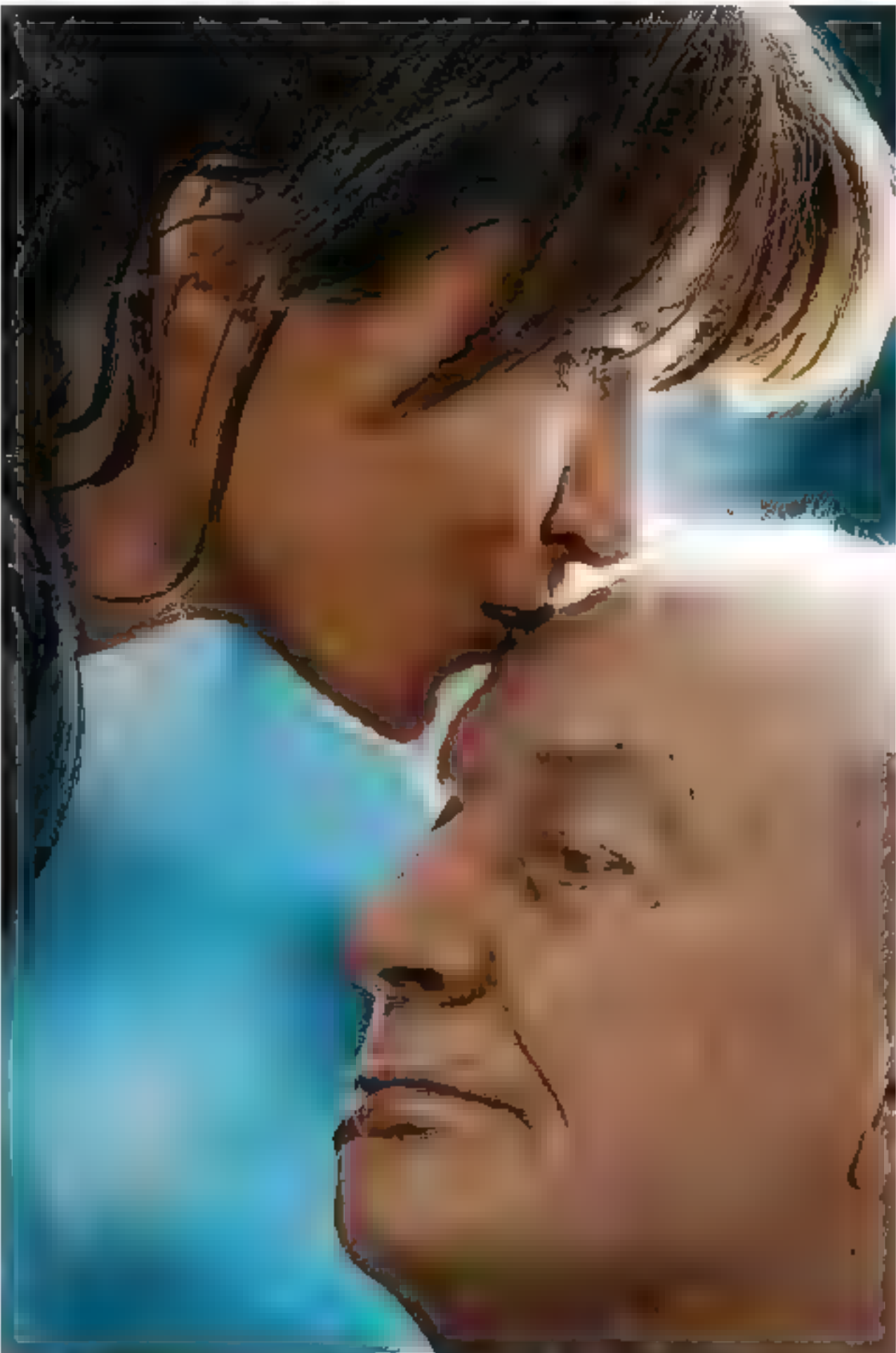
Filme de François Ozon sobre um homem que insiste em morrer se concentra na família para não incomodar ninguém

CINEMA
Está Tudo Bem
★★★★
Bélgica/França 2021 | Dir. François Ozon | Com. André Dussollier, Geraldine Pailhas e Sophie Marceau | Em cartaz: 4 anos

Indício Araújo

É verdade que François Ozon tem a ilusão de mais diversidade de repertório do cinema atual. É certo que sua carreira se faz de altos e baixos abissais. Porém, boa parte de seus filmes dedica-se a situações ou atos des extremos, e é esse também o caso de “Está Tudo Bem”. Aqui a pergunta que propõe o cineasta é: o que pode fazer um homem quando já não tem controle algum sobre seu corpo? A pessoa em questão é André Bernheim, 85 anos, industrial que acaba de sofrer um AVC que imobiliza parte de seu corpo e desfigura seu rosto. André se vê como um homem poderoso, poderoso de dizer. Para suas filhas, Emmanuelle e Pascale, seria antes de tudo “cabeça dura”. De todo modo, trata-se de alguém que não admite ser contestado — o que piora a situação de alguém que sofreu um AVC. Para completar o quadro familiar, trata-se de um homossexual que vive separado da mulher, uma amargurada escultora, embora não divorciado. Música e literatura parecem unir a família. Emmanuelle Bernheim, a filha mais velha, é escritora e a ela caberá, no mais, escrever o romance que serve de inspiração a este filme. O mais essencial nesse quadro é a determinação de André em fazer as filhas buscarem uma morte assistida. A instituição é proibida na França, mas permitida na Suíça. É ali que Emmanuelle, re-

lutante, buscará ajuda para satisfazer o desejo do pai. A situação é rara, porém clara. A única coisa intrigante é a presença de um homem, Gérard, que ronda o hospital e procura ver o paciente a todo custo. As filhas de André o chamam de “o casulha” ou algo por aí. Gérard terá o que fazer na história, mas ela se passa muito mais em torno do luto previsto das filhas: sofrem por alguém que insiste em morrer quando os sinais são de que poderia se recuperar, talvez não de todo, mas, enfim. E ali se iniciam as indagações subsequentes do filme: o que é a vida, seu valor, quando deve ou não ser vivida; qual o direito de um pai impor às filhas um pesado sofrimento adicional — a culpa de estar colaborando para sua morte. Embora o caso seja particular (e extremo), as perguntas lançadas são menos originais, embora sempre pertinentes. Para chegar a lançá-las convenientemente, Ozon serve-se menos de recursos como enquadramento e luz e bem mais de uma direção de atores muito eficientes. No mais, trata-se de um grupo forte de atores, em que se destacam André Dussollier (André), Sophie Marceau (Emmanuelle) e Hanna Schygulla (uma suave mensageira da morte; uma mulher forte, porém muito diferente das mulheres fortes que ela se acostumou a interpretar). É esse conjunto que conduz a uma narrativa fluente (proporcionada também pelo roteiro competente escrito pelo próprio Ozon), em que não falta consistência, embora, ao final, possamos bem perguntar a que vem tudo isso. Começam então a aparecer os limites do filme. Se a questão central é afinal o



Sophie Marceau e André Dussollier em cartaz do filme ‘Está Tudo Bem’ | Ilustração

que é a vida? É mais: qual a real importância da ideia de bem viver a vida e depois “bem morrer” como quer André fazendo da morte uma determinação pessoal? Estamos em uma classe social burguesa, e aliás o próprio André lamenta o destino dos pobres, que devem necessariamente existir até que a morte os coíha (pois a morte assistida é coisa cara). É impossível esquecer, quando ele elabora essa classe de ideias, que não é apenas a morte que aflige a existência dos pobres; o viver cotidiano também é sacrificado. Ao menos no filme não é abordada a questão do preço do longo tratamento a que André se submete. Uma parte terá sido paga pelo sistema de saúde (no início, quando, inclusive, ele divide o quarto com outro paciente), a segunda, provavelmente, não. De todo modo, em momento algum a questão econômica é levantada, bem como a do custo da medicina contemporânea. Ozon passa ileso pela indústria da morte, patrocinada por tratamentos sempre mais sofisticados e caros. É possível que ela fosse irrelevante para a bem-posta família Bernheim. Porém é ela (aliás, levantada no Brasil por Jean-Claude Bernardet) que poderia dar a este filme uma dimensão maior, que a expandiria para além dos limites do sofrimento familiar. Não fazê-lo ajuda bastante seu filme a não ser incômodo para ninguém — apesar do assunto indigesto — e a se inserir na duvidosa tradição da “qualidade francesa”. A mesma, talvez, que justifique o fato de “Está Tudo Bem” ter sido um dos representantes da França no Festival de Cannes de 2021.

comida



A chef Bel Coelho, na sua cozinha, durante a pandemia, quando fechou seu restaurante e passou a trabalhar de casa. Helmy Andrade - 12 ago. 21 / Folhapress

Gastronomia vai parar no tribunal em ação do blogueiro JB contra Bel Coelho

Depois de acordo com Alex Atala, ele processa a chef em discussão que envolve ódio e misoginia

Alexa Salomão e
Marília Miraglia

SÃO PAULO E BRASÍLIA. O blogueiro Julio Bernardo, conhecido como JB, se define um "cronista de comida". No entanto, utilizando a ascensão das redes sociais na última década conseguiu com os seguidores e admiradores do seu blog Boteco do JB um poder comparado ao dos críticos gastronômicos — seus comentários aos pratos já abastaram o ânimo dos mais conceituados chefs. Ucorre que as discussões, antes virtuais, migraram para outra esfera bem mais real: a dos tribunais.

No momento, o embate colou em campo o exposto JB e a chef Bel Coelho, do Cuiá Café e Restaurante, em São Paulo. O cronista decidiu processar o chef, pedindo indenização por danos morais, e apresentou na ação postagens de Bel que lhe atribuem agenda de ódio, misoginia e machismo e até assédio moral e sexual. A chef, por sua vez, apresentou ao Judiciário, na sua defesa, vários relatos de pessoas, buscando demonstrar que JB extrapolaria a liberdade de expressão quando darão entrada na nova ação.

A primeira audiência do caso foi marcada para sexta-feira (3), no Juizado de Pequenas Causas em São Paulo, procedimento escolhido por JB. Nem ele nem seu advogado compareceram, e a defesa de Bel pediu a extinção do processo, o que foi concedido pelo juiz. JB e seu advogado afirmaram preparar um embate na Justiça Civil, não aceitaram, no entanto, especificar a reportagem quando darão entrada na nova ação.

"A gente entendeu que, como virar esse fogo pesado do outro lado, a justiça comum é o foro mais adequado", diz o advogado Humberto Depoite. "Não é uma linha de defesa. É uma linha de atacar o Júlio."

Para entender como a temperatura subiu assim na gastronomia paulistana, é preciso voltar no tempo. O ponto de partida dessa ação judicial é o desfecho de outro proces-

so, de injúria e difamação, este movido contra JB por Alex Atala, do restaurante D.O.M. JB publicou em seu blog, em 2020, um texto supostamente de autoria de uma ex-funcionária de um chef não identificado, e que detalhava assédios sexuais do patrão. Não havia nome, mas muitas insinuações.

"Ele não só não assumiu a autoria como não escrevia meu nome, mas fazia as referências mais óbvias que deixavam claro que o texto falava de mim", afirma o chef Atala. "Durante muitos anos eu acertei quieto os absurdos dele, mas quando ele se escondia atrás do anonimato, se encorajava em uma causa importantíssima, que é o feminismo, e usa mentiras para atacar minha honra e da minha família, eu não poderia me calar."

Atala contratou o advogado criminalista Roberto Podval e pediu explicações na Justiça. "Eu lembro que a primeira vez que ouvi falar dele foi quando ele escreveu uma crítica sobre o D.O.M. alegando ter sido maltratado pela equipe porque não estaria vestido como um cliente normal", conta. "A partir daí, diz Atala, as críticas deixaram a esfera profissional. Ele passou a me atacar pessoalmente. Difícil chamar de crítica, porque raramente era sobre a comida, sobre o trabalho, mas muito mais sobre minha pessoa."

JB chegou a ter negócios com alimentação. O mais conhecido foi o Restaurante Sinhá, em Pinheiros, onde foi sócio e comandou a feitura dos alimentos. Ao ingressar em seu boteco virtual e adotar a alcunha JB, criticou do sucesso televisivo "Master Chef Brasil" ao Mr. Donald's. Como o blogueiro não conseguiu comprovar suas acusações, aceitou acordo do Ministério Público e pagou R\$ 1.000 para encerrar o processo.

A chef Bel Coelho entra na história quando esse acordo vem a público, em agosto de 2021. Bel, que já passou pelo D.O.M., comandou as cozinhas dos extintos Madellene, Sabuji e Din, e atualmente



Julio Bernardo em apresentação de Major, na Casa de Francisco. Mathilde Mussacane - 15 jan. 20 / Folhapress

te cuida do projeto solo Clam destino, conta que há anos se sentia agredida por comentários de JB.

"Alguém até falou que estava passando pano para o Alex, mas respondi que se mulheres denunciarem qualquer homem, eu uso meu próprio perfil para denunciar junto, mas não será um texto anônimo", diz. "Simplesmente respondi que estava comemorando por não ter como aliado da luta feminista um assediador moral e sexual que me persegue há 12 anos digitalmente."

JB registrou todos os posts e foi para a justiça com um pedido de indenização. "Me senti injuriado e ofendido por fake news divulgadas por ela numa rede social", explica.

Em uma das postagens de JB sobre Bel Coelho, que consta dos documentos anexados à defesa da chef, ele a compara a uma "aspirante de modelo".

"Não sei se sou muito careta, mas acho um tanto desrespeitoso com a profissão alguém que posa devidamente uniformizada na cozinha com uma maquiagem fortíssima.

Cozinha não é lugar para aspirante de modelo e só por isso não terho a menor vontade de conhecer o seu Dia. Vou que caia uma sombra no amarelo de batom no range."

Na entrevista à Folha, JB disse que sua relação com a chef era "distante", e que tinha pouco contato com seu trabalho. "Que me lembre fui apenas uma vez a um projeto seu, atendendo a pedido da própria chef, após muita insistência. Não existe 'visita profissional' não sou pago para escrever. Eu saio, como e bebo. Se achar relevante, escrevo sobre a experiência", argumenta.

Para tratar da alegada misoginia, a defesa de Bel Coelho também reuniu depoimentos de outras mulheres, caso da carta assinada pela historiadora Adriana Oliveira.

Em uma postagem publicada por JB, em 2016, era simulado um "obituário culnário" de seu marido, o chef Rodrigo Oliveira, do restaurante Mocotó. Um trecho foi interpretado como menção a Adriana, afirmando que "dunhei

Que me lembre, fui apenas uma vez a um projeto seu [de Bel Coelho], atendendo a pedido da própria chef, após muita insistência

Julio Bernardo
blogueiro

Alguém até falou que estava passando pano para o Alex, mas respondi que se mulheres denunciarem qualquer homem, eu uso meu próprio perfil para denunciar junto, mas não será um texto anônimo

Bel Coelho
chef

ro na mão, calcinha no chão". Outra testemunha no processo Bel Coelho x JB é a jornalista de gastronomia Alin Aleixo — a "Alin Desleixo", em postagens do cronista. Alin afirma que JB a teria desqualificado ao longo de dez anos. "quase que diariamente, ultrapassando limites do compreensível".

Um mulher que relata ter sofrido assédio sexual de JB e que teve depoimento anexado por Bel Coelho ao processo, preferiu não dar entrevista à Folha. Nas autos, ela conta que conheceu o cronista no bar Fel, onde ele foi consultor e ela, bartender.

Segundo o texto da mulher, teria havido dois momentos em que JB "passou a mão" em seu corpo, em seus "glúteos". Ela afirma que, em um destes supostos momentos, o blogueiro teria sido alertado por um amigo que não tocasse mais nela.

JB diz conhecer a vítima, mas nega as acusações de assédio. "Não aconteceu isso."

Em retrospecto, JB diz que a internet mudou muito nos últimos anos, e que sua postura vem mudando. "Escrevo desde 2017, tenho um canal no YouTube desde 2014. Estamos em 2022. É natural para mim a busca por um movimento mais elegante" analisa.

"Se você acompanhar meu trabalho, vai ver que existe um processo, uma responsabilidade, e hoje eu tomo muito mais cuidado com tudo. A meta é que eu seja um exemplo a ser seguido. E acho que podemos e devemos criticar com mais inteligência em vez de deboche, ironia."

Segundo Daniela Osvald da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP em meados dos anos 2000 começaram a surgir na internet ferramentas que automatizam a publicação.

"Na popularização delas, foram se criando estratégias discursivas de como ter audiência, entre elas a de ser polêmico", diz Daniela, que também é coordenadora do Observatório de Comunicação, Censura e Liberdade de Expressão (Obcom), da USP.

"Muitas vezes, trata-se de um conteúdo que beira a linguagem ofensiva", completa.

"Essa discussão global se volta a grupos politicamente e economicamente desfavorecidos ou vulneráveis. Mas vai migrando para outras esferas. Ela chega na gastronomia, no jornalismo, que buscam um parâmetro para isso".

Colaboração: Marcela Franco

Estudo de câncer retal surpreende com remissão em todos os pacientes

Doença tornou-se indetectável nos 18 membros do estudo, que usaram o medicamento dostarlimab

Gina Kolata

THE NEW YORK TIMES. Foi um pequeno teste, com apenas 18 pacientes com câncer retal, e todos obtiveram o mesmo medicamento. Mas os resultados foram surpreendentes: O câncer desapareceu em todos os pacientes, ficando indetectável em exames físicos, endoscopia, tomografia por emissão de positrons (PET scans) e ressonância magnética.

Julia A. Diaz Jr. do Centro de Câncer Memorial Sloan Kettering, autor de artigo publicado no domingo (5) no New England Journal of Medicine descrevendo os resultados do estudo, que foi patrocinado pela empresa farmacêutica GlaxoSmithKline, disse que não conhecia nenhum outro estudo no qual um tratamento obtivesse completamente o câncer em todos os pacientes.

"Acredito que esta será a primeira vez que isso aconteceu na história do câncer", disse Diaz.

Alan B. Venook, especialista em câncer colorretal na Universidade da Califórnia em San Francisco, que não participou do estudo, disse que também acha que este foi o primeiro caso da história.

A remissão completa em todos os pacientes é "inédita", disse ele.

Esses pacientes de câncer retal enfrentam um tratamento extenuante — quimioterapia, radiação e, muito provavelmente, cirurgias que podem resultar em disfunção intestinal, urinária e sexual. Alguns precisam de bolsas de colostomia.

Eles entraram no estudo pensando que, quando terminasse, teriam que passar por esses procedimentos, porque ninguém esperava realmente que seus tumores desaparecessem. Mas tiveram uma surpresa: nenhum tratamento adicional foi necessário.

"Houve muitas lágrimas de felicidade", disse Andrea Cercek, oncologista no Memorial Sloan Kettering e coautora do artigo, que foi apresentado no domingo na reunião anual da Sociedade Americana de Oncologia Clínica.

Outra surpresa: a pesquisadora Venook, lo que muitos dos pacientes teve complicações clinicamente significativas. Em média, um em cada cinco pacientes tem algum tipo de reação adversa a medicamentos como o que os pacientes tomaram, o dostarlimab, conhecidos como inibidores de checkpoint.

A medicação foi dada a cada três semanas por cerca de 15 meses e custou cerca de US\$ 11 mil (cerca de R\$ 52 mil) por dose. Ele desmascara as células cancerosas, permitindo que o sistema imunológico as identifique e destrua.

Embora a maioria das reações adversas seja facilmente controlada, aproximadamente 3% a 5% dos pacientes que tomam inibidores de checkpoint apresentam complicações mais graves que, em alguns casos, resultam em fraqueza muscular e dificuldade para engolir e mastigar.

A ausência de efeitos colaterais significativos, disse Venook, significa que "ou eles não



Sascha Roth, corredora de Bethesda, no estado americano de Maryland, primeira paciente do estudo

trataram pacientes suficientes ou, de alguma forma, esses cânceres são simplesmente diferentes".

Em um editorial que acompanha o artigo, Hanna K. Sinnott, do Centro Abravim de Câncer da Universidade da Carolina do Norte, que não participou do estudo, o chamou de "pequeno, mas interessante". Ela acrescentou, porém, que não está claro se os pacientes estão curados.

A inspiração para o estudo

do câncer retal veio de um ensaio clínico que Diaz liderou em 2017, financiado pela companhia farmacêutica Merck. Envolveu 86 pessoas com câncer metastático que se originou em várias partes de seus corpos. Mas todos os cânceres compartilhavam uma mutação genética que impedia as células de reparar danos ao DNA. Essas mutações ocorrem em 4% de todos os pacientes de câncer.

Os pacientes desse estudo tomaram um inibidor de

checkpoint da Merck, pembrolizumab, durante até dois anos. Os tumores encolheram ou estabilizaram em cerca de um terço a metade dos pacientes, e eles viveram mais. Os tumores desapareceram em 10% dos participantes do estudo.

Isso levou Cercek e Diaz a se perguntarem: o que aconteceria se a droga fosse usada muito mais cedo no curso da doença, antes que o câncer tivesse a chance de se espalhar?

Eles se decidiram por um estudo de pacientes com cân-

Acredito que esta seja a primeira vez que isso aconteceu na história do câncer

Julia A. Diaz Jr. pesquisador do Centro de Câncer Memorial Sloan Kettering

Houve muitas lágrimas de felicidade

Andrea Cercek oncologista do Memorial Sloan Kettering sobre o resultado do estudo

Eu derreti completamente [ao receber o diagnóstico de câncer]. "Contei à minha família [que a doença havia sumido], eles não acreditavam"

Sascha Roth 38 anos, de Bethesda, Maryland, diagnosticada com câncer colorretal em 2019 e tratada com o remédio

cer retal localmente avançado — tumores que se espalharam no reto e às vezes para os ganglios linfáticos, mas não para outros órgãos.

Cercek havia notado que a quimioterapia não estava ajudando uma parte dos pacientes que tinham as mesmas mutações que afetaram os pacientes do estudo de 2017. Em vez de encolher durante o tratamento, seus tumores retais cresceram.

Talvez, Cercek e Diaz raciocinaram, a imunoterapia com um inibidor de checkpoint permitisse a esses pacientes evitar quimioterapia, radiação e cirurgia.

Diaz começou a perguntar às empresas que fabricavam inibidores de checkpoint se patrocinariam um pequeno teste. Elas recusaram, dizendo que era muito arriscado. E ela e Cercek queriam dar a droga a pacientes que poderiam ser curados com tratamentos padrão. O que os pesquisadores estavam propondo poderia permitir que os cânceres crescessem além do ponto em que podem ser curados.

"É muito difícil alterar o padrão de atendimento", disse Diaz. "O tratamento padrão é fazer a cirurgia".

Finalmente, uma pequena empresa de biotecnologia, a Tesaro, concordou em patrocinar o estudo. A Tesaro foi comprada pela GlaxoSmithKline e Diaz disse que precisa lembrar a empresa maior que eles estavam fazendo o estudo — os executivos tinham se esquecido do pequeno teste.

Seu primeiro paciente foi Sascha Roth, então com 38 anos. Ela notou algum sangramento retal pela primeira vez em 2019, mas se sentia bem — ela é corredora e ajuda a administrar uma loja de móveis da família em Bethesda, Maryland.

Durante uma sigmoidoscopia, ela lembrou, seu gastroenterologista disse: "Ah, não. Eu não esperava por isso".

No dia seguinte, o médico ligou para Roth. Ela estava leito uma biópsia do tumor. "É definitivamente câncer", disse.

"Eu derreti completamente", contou ela.

Logo ela estava pronta para começar a quimioterapia na Universidade de Georgetown, mas uma amiga insistiu que ela procurasse primeiro o médico Philip Paty no Memorial Sloan Kettering.

Paty disse a ela que tinha quase certeza de que seu câncer incluía a mutação que tornava improvável uma boa resposta à quimioterapia. Descobriu-se, porém, que Roth era elegível para entrar no ensaio clínico. Se ela tivesse começado a quimioterapia não poderia.

Não esperando uma resposta completa ao dostarlimab, Roth havia planejado se mudar para Nova York para fazer radioterapia, quimioterapia e possivelmente cirurgia após o término do teste. Para preparar-se para a radiação esperada, ela teve seus ovários removidos e colocados de volta sob as costelas.

Após o teste, Cercek lhe deu a notícia.

"Não analisamos seus exames", disse ela. "Não há absolutamente nenhum câncer". Ela não precisou de mais nenhum tratamento.

"Eu contei à minha família", disse Roth. "Eles não acreditavam".

Dois anos depois, ela não tem qualquer vestígio da doença.

Tradução LUIZ ROBERTO M. GONÇALVES

LEIA TAMBÉM

opinião

➤ Mesmo vivendo longe, afetamos a Amazônia p. 2

ambiente

➤ Atlântico Norte dá pistas sobre secas no Nordeste p. 3

mercado

➤ Por bem estar da equipe, TikTok afasta executivo p. 4

latinidades

➤ Suposta melhora na Venezuela omite realidade local p. 5

f5

➤ Nova personagem leva questão racial a 'Pantanal' p. 6

folhamais



Fazenda de gado às margens da rodovia Transamazônica, na zona rural de Apuí, no sul do estado do Amazonas. Foto: M. Almeida - 20. ago. 20 / F. M. Aguiar

Mesmo vivendo longe, afetamos a Amazônia

Cabe a cada um de nós reexaminar os hábitos de consumo que prejudicam os biomas e ajudam a desmatar a floresta

OPINIÃO

Jorge Abreuhão

Coordenador geral do Instituto Cidades Sustentáveis e o pesquisador visitante da Fapesp, da Fênix Nova, do Paulo e do Programa de Estudos em Políticas Públicas

Pesquisa nacional do Iper Inteligência para o Instituto Cidades Sustentáveis do Iper Inteligência sobre sua responsabilidade comparada em relação ao desmatamento da floresta.

Quando questionada sobre os maiores problemas ambientais em sua cidade, há um empate entre coleta e tratamento de esgoto e poluição do ar, com 27% das respostas. Logo a seguir vêm poluição dos rios (26%) e enchentes e alagamentos (15%).

Em boa parte das pesquisas, impressiona o nível de consciência, confirmando a ideia de que ampliar a escuta e a participação da sociedade na tomada de decisões ante os desafios é um importan-

te caminho para seu enfrentamento. Contribui também para o aprimoramento da democracia, que precisa ir além da escolha de representantes a cada quatro anos.

Ao eleger coleta e tratamento de esgoto como principal problema, os brasileiros reafirmam a realidade dos 100 milhões (quase a metade da população) que vivem sem coleta de esgoto, o que dá a dimensão de nosso subdesenvolvimento, isso se quisermos fugir do eufemismo "em desenvolvimento".

Esse, que é um dos mais graves problemas do país, não foi enfrentado pelo governo federal, evidenciando o descompasso com os mais vulneráveis.

Além disso, 15 milhões de pessoas no Brasil vivem sem água tratada, segundo dados do Tietê Brasil. Outro estudo da entidade mostra que, para cada real investido em saneamento, economizam-se quatro reais em saúde pública.

Especialmente nos centros urbanos onde vive 85% da população brasileira, as doenças respiratórias surgem com números alarmantes. Pesquisa feita em São Paulo aponta que mais de 50% da população tem ou convive com alguém que sofre de algum tipo de doença respiratória.

A origem é a poluição, sobretudo das partículas finas do diesel que entram na corrente sanguínea, gerando doenças pulmonares e cardiovasculares, entre outras. Políticas públicas que lidam com transporte coletivo poderiam mudar essa situação. Prefeitos e vereadores são atores-chave nesse processo.

Quando se pergunta se as atividades econômicas de cidades distantes influenciam muito o desmatamento, a pesquisa ficou dividida: 55% dos entrevistados disseram que influenciam muito e 43% que influenciam pouco ou nada.

Aqui, metade da população

tem a percepção do impacto da sua cidade — o que pode ser determinante nos dias de hoje. Mas, quando a pergunta é se seus hábitos de consumo tem relação com o desmatamento da Amazônia, é mais difícil a associação entre causa e efeito. Só 25% responderam que o consumo de carne tem relação com a derrubada da floresta.

É importante observar que a média de consumo de carne por pessoa no Brasil é de 42 kg por ano. É que 40% do rebanho bovino do país (90 milhões de cabeças de gado) está na Amazônia. O número estava na casa dos 10% na década de 1980, o que dá a dimensão do alargamento da fronteira pecuária rumo à Amazônia.

Interessante observar que desenvolvemos mais a consciência coletiva do que a individual. Quanto mais a gente se aproxima de nós, saindo da grande angular para o foco individual, menos respos-

tas temos a oferecer.

Reconhecemos que há impacto na cidade, mas não resumimos a responsabilidade pelos efeitos de nossos hábitos de consumo. Todos criamos mecanismos de defesa em relação a inúmeros problemas da vida, e aqui aparece mais um caso que precisa ser enfrentado, sob risco de retornar com graves consequências para todos nós.

O enfrentamento do aquecimento global passa pela ação de muitos atores. Cabe a cada um de nós repensar hábitos de consumo que geram impactos nos biomas: repensar a relação com os alimentos (carne, derivados de soja) e produtos do cotidiano, como madeira e aço. Isso significa que não podemos consumi-los? Não, mas que devem envolver participação e autocuidado.

As empresas têm enorme importância nesse processo, passando por seu modelo de produção, o impacto em

sua cadeia de valor, a influência no segmento em que atua e nas políticas públicas que defende. E também o poder público, que surge como regulador na defesa do interesse comum, zelando pelo meio ambiente.

É grande o desafio de reduzir emissões e evitar o aquecimento global de 2 graus Celsius até o fim do século, o que pode gerar consequências dramáticas para a maioria. O caminho necessariamente integra iniciativa privada e políticas públicas e inclui, também, cada um de nós.

A pesquisa mostra os desafios e sinaliza o déficit de consciência de nossa responsabilidade individual em relação aos hábitos de consumo. Como consumidores, escolhemos produtos de empresas sustentáveis, e, como cidadãos, votamos em políticos que defendam a Amazônia e a preservação da biodiversidade de que necessitamos.

Nova tecnologia da captura direta do ar promete ajudar na obtenção da neutralidade de carbono

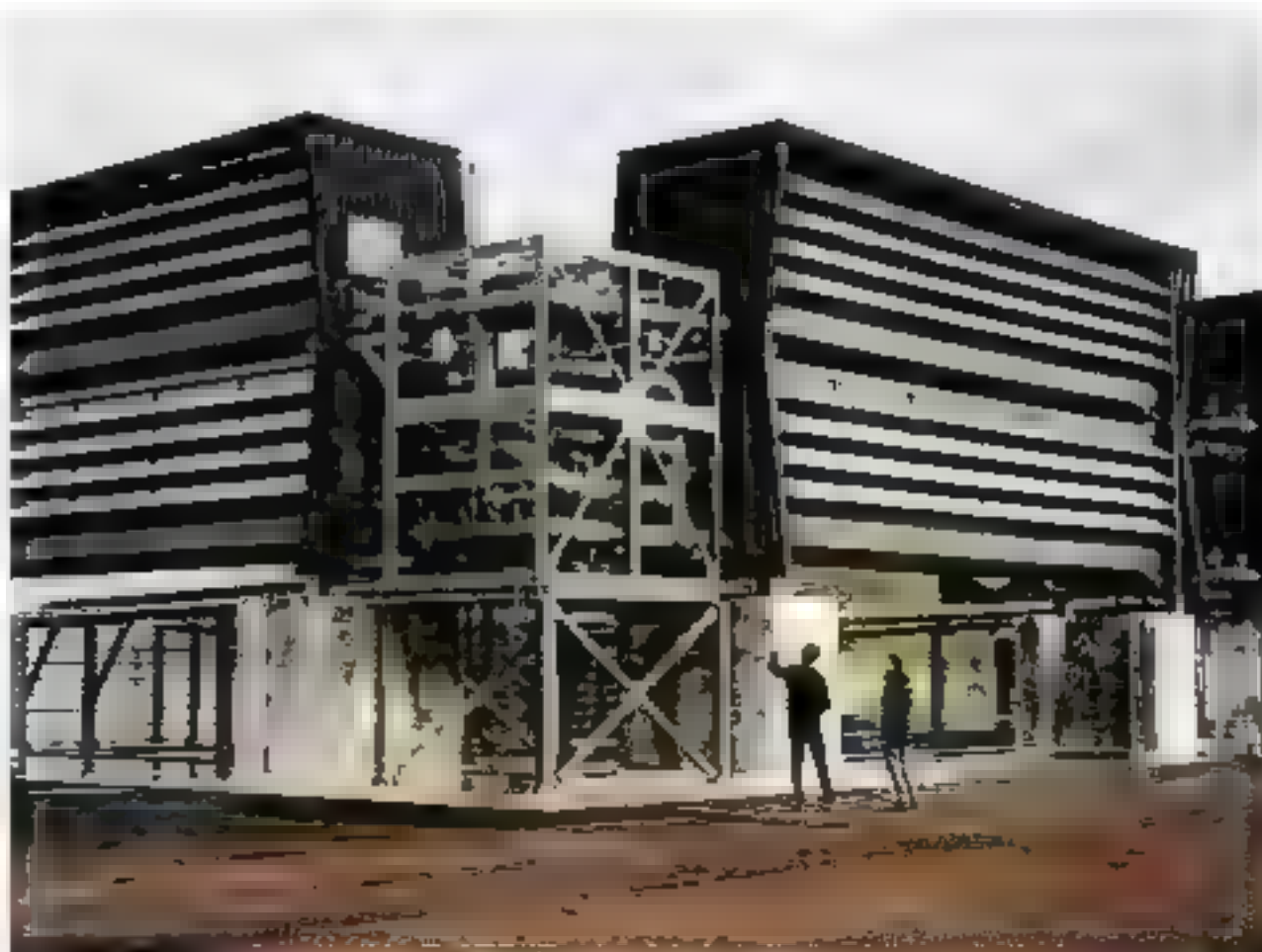
AMBIENTE

FINANCIAL TIMES COSTAR AS emissões não é suficiente para estabilizar o clima também requer a remoção de carbono do ar, alertou recentemente a ONU. Por enquanto, a tecnologia é muito limitada e cara. Mas algumas das maiores empresas do mundo querem acelerar o desenvolvimento.

Em abril, Stripe, Alphabet, Shopify, Meta e McKinsey se comprometeram a gastar quase US\$ 1 bilhão (R\$ 4,79 bilhões) fazendo isso nos próximos nove anos.

Seu compromisso antecipado com o mercado visa a promover tecnologias inovadoras, garantindo a demanda futura por elas. O dinheiro será gasto em projetos de captura direta de ar (DAC, na sigla em inglês), que têm potencial para ser de baixo custo — menos de US\$ 100 (R\$ 479) por tonelada — e alto volume no futuro.

O objetivo é armazenar



Fachada da usina de captura de gás carbônico da Climeworks na Islândia; método ainda caro ganha impulso com investimento de grandes empresas, como Alphabet e Meta. Divulgação

carbono permanentemente, ou pelo menos por mais de mil anos. Isso evita os riscos de projetos naturais de sequestro de carbono, como o plantio de árvores, que são vulneráveis ao fogo e à decomposição.

Os custos do DAC são atualmente de pelo menos US\$ 150 (R\$ 1.199) por tonelada de CO₂ removido, diz o Instituto de Recursos Mundiais.

O CO₂ representa apenas 0,04% do ar. Portanto, prender uma tonelada do gás significaria processar tanto ar quanto caberia em cerca de 35 piscinas olímpicas. Isso o torna muito mais caro do que capturar carbono ou usinas de energia, onde as emissões são mais concentradas.

Portanto, a energia renovável barata desempenha um papel importante no DAC. A startup suíça Climeworks que arrecadou US\$ 650 milhões em abril (R\$ 3,1 bilhões), e a islandesa Carbfix estão usando energia geotérmica para alimentar os ventiladores da maior usina de DAC do mundo, na Islândia. Uma vez que o ar é sugado, o

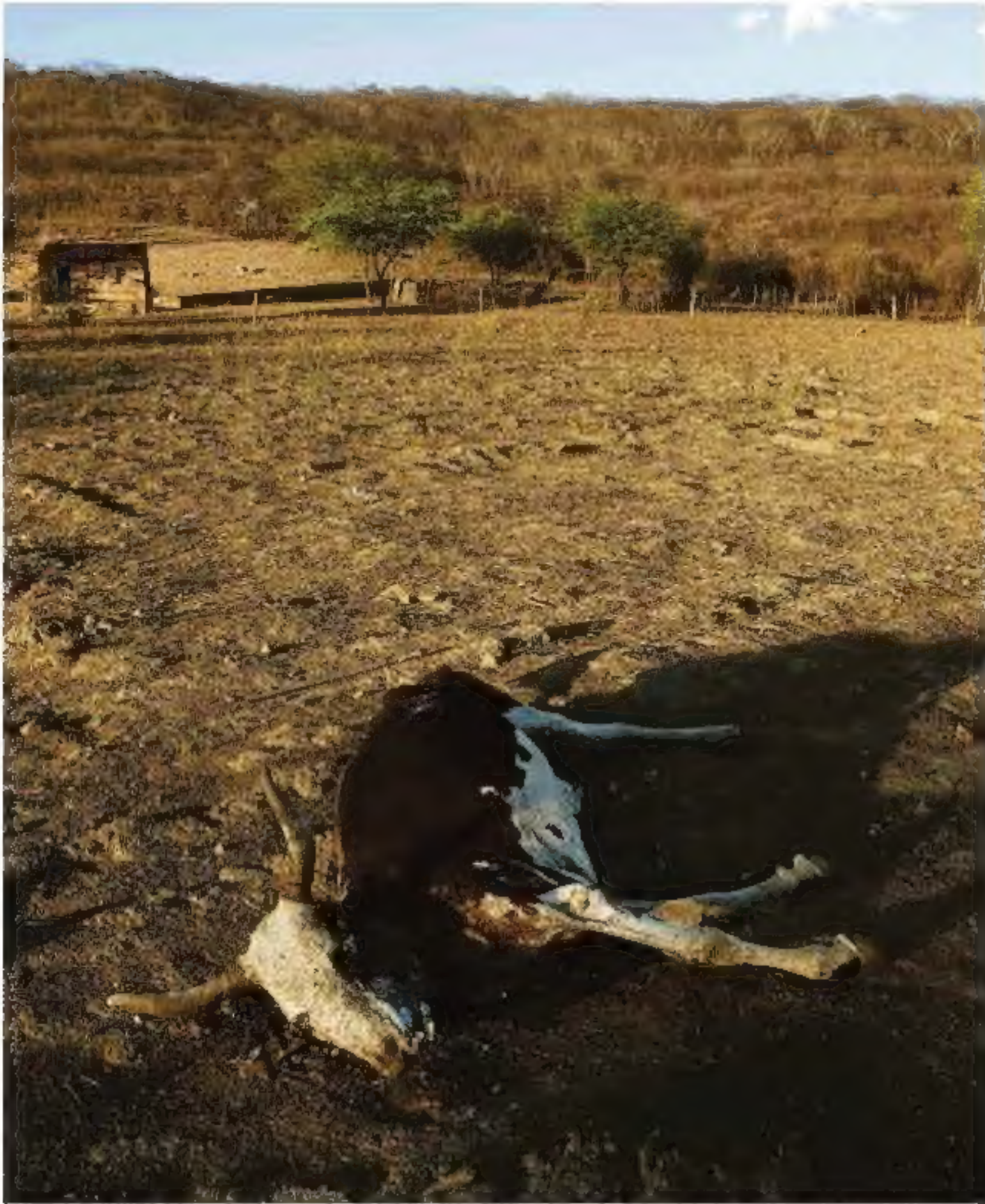
díóxido de carbono é capturado em um filtro químico. Em seguida, é injetado no subsolo, onde é transformado em rocha por mineralização, um processo natural.

A capacidade de uma planta planejada pela Occidental Petroleum na Bacia do Permian (Texas) será 350 vezes maior, capaz de remover 1 milhão de toneladas de CO₂ por ano. Vai custar até US\$ 1 bilhão. A meta é construir "até 2035, disse a empresa americana em março.

É improvável que os investidores atribuam valor à oportunidade ainda. Há muita incerteza: financiamento excessivo, apoio governamental, redução de custos e o tamanho do mercado voluntário de compensação.

Há muito o que fazer antes que a tecnologia atinja a maturidade. A proporção de emissões de carbono atualmente sendo capturada foi comparada com o resgate do Titanic usando-se um conta-gotas. O DAC não é uma alternativa para reduzir as emissões. Mas, ampliado, poderia dar uma contribuição crucial.

Tradução Luiz Roberto de Campos



Boi morto pela seca em fazenda abandonada na região rural de Custódia, sertão pernambucano. Foto de Almeida - 12 dez.12/Folhapress

Atlântico Norte dá pistas de clima extremo no Nordeste

Temperatura do oceano pode ajudar a prever secas com meses de antecedência

AMBIENTE
Luciana Constantino

AGÊNCIA FAPESP A temperatura das águas do oceano Atlântico Norte pode ser usada como um indicador climático para prever com antecedência de até três meses períodos de eventos extremos ligados à redução de chuvas e secas intensas na região Nordeste do Brasil. Essa é uma das principais conclusões de um estudo

publicado na revista científica Geophysical Research Letters, que envolveu pesquisadores do Brasil, China, Austrália e Alemanha. O grupo aplicou uma nova abordagem metodológica, com foco no déficit de precipitação, e mostrou que, nos últimos anos, a influência do Atlântico Norte se tornou mais persistente do que a atuação do Pacífico tropical, até então apontada como um dos fatores de impacto na intensi-

dade das secas no Nordeste. Ao mesmo tempo, a conexão entre Pacífico e Atlântico Norte ficou mais frequente, sugerindo que essas interações entre as bacias oceânicas tropicais reforçaram as estiagens na região nas últimas décadas. "O trabalho foi motivado pela grande seca registrada entre 2012 e 2015. Esse longo período nos fez refletir, do ponto de vista meteorológico, como as temperaturas dos oce-

anos tropicais influenciam essas condições climáticas. O diferencial agora é a metodologia inovadora, que explora a questão das diferentes áreas do Pacífico e do Atlântico e o padrão de seca no Nordeste. Esses resultados servem como ferramenta de gestão para que centros meteorológicos façam a previsão com antecedência de eventos com esse potencial", diz à Agência Fapesp Lincoln Muniz Alves, cientista do Instituto Nacional de Pesqui-

sas Espaciais (Inpe) e um dos autores do artigo. O estudo teve o apoio da Fapesp por meio de um Projeto Temático ligado ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas e cujo pesquisador responsável é o professor Elbert Einstein Nehrer, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). A seca que atingiu o semiárido do Nordeste entre 2012 e 2015 teve intensidade e impacto recordes, destruindo áreas agrícolas, levando à falta de água e afetando cidades e pequenas localidades. Outros trabalhos já apontaram como causas dessa situação as alterações na circulação atmosférica, sugerindo um papel ativo das águas superficiais mais quentes do que o normal no oceano Atlântico. O El Niño, fenômeno climático que envolve um aquecimento incomum do Pacífico, também contribuiu com o agravamento do quadro. A época, o El Niño foi considerado um dos que tiveram maior impacto (depois dos registrados em 1982-1983 e 1997-1998), provocando perdas em diferentes regiões do mundo. No Brasil, houve seca intensa no Nordeste e na Amazônia, estiagem prolongada no Norte, no centro-norte de Minas, de Goiás e no Distrito Federal, além de inundações no Sul. "Esse tipo de El Niño, chamado 'canônico', ou seja, com o padrão de aquecimento na mesma região do oceano Pacífico, tem mudado tanto de posicionamento como de intensidade. Paralelamente a isso, temos visto nas últimas décadas um aquecimento anômalo no Atlântico tropical. A partir do mix de análises feitas, o artigo dá subsídio para que quem trabalha com previsão possa olhar, meses antes, os sinais vindos do Atlântico tropical. O Pacífico influencia, mas o Atlântico tem peso maior", completa Alves. A proposta do estudo consiste em usar métodos não lineares de coerência de fase e análise generalizada de sincronização de eventos para entender os mecanismos de causa e efeito. Para isso, os cientistas interpretaram as relações entre a variabilidade da temperatura da superfície do mar (TSM) e o índice de precipitação-padrão como interações diretas, enquanto as relações entre oceanos foram avaliadas como efeitos indiretos sobre chuvas. Os pesquisadores usaram dados de precipitação do Climate Prediction Center, agência federal dos EUA integrante do serviço nacional de meteorologia da Administração Nacional Oceânica e Atmosférica (NOAA, na sigla em inglês). Foram selecionadas quatro regiões: o Nordeste brasileiro, centro da seca nas últimas décadas; a área chamada Niño 3, onde houve intensa atividade do fenômeno EN-

SO (El Niño - Oscilação Sul); o Atlântico Norte e o Atlântico Sul, ambas áreas semelhantes utilizadas em trabalhos anteriores. Os resultados foram comparados com a chamada região Niño 4, que inclui o Pacífico Central e o Atlântico Sul estendido. Para cada domínio, foram calculadas a média espacial da variável de interesse e as anomalias diárias relativas a uma base do período de 1981-2010, sendo as estações chuvosas definidas de janeiro a abril, e as secas, de maio a agosto. Os resultados revelaram um papel dominante do Atlântico Norte para o déficit de precipitação e secas, particularmente nas últimas décadas. Além disso, as frequências de precipitação e de temperatura da superfície do mar mudaram após eventos de El Niño e La Niña muito fortes, resultando em uma maior probabilidade de coerência de fase. "Não existe mais um padrão normal ou de linearidade, como se observava havia três décadas. Vários outros trabalhos têm corroborado com o resultado que obtivemos. Essa metodologia revela que não existe um padrão linear para montar as previsões. A pesquisa mostra que é preciso sair do convencional e destaca a importância de olhar para outras áreas dos oceanos, não focando somente no Pacífico", afirma Alves. O grupo aponta ainda que outros fatores, como mudanças no uso da terra, podem levar a alterações no ciclo hidrológico, como já demonstrado em estudos de modelagem, particularmente sobre a bacia amazônica. Por isso, os cientistas sugerem que novos trabalhos com a metodologia desenvolvida podem focar em como essas mudanças no uso da terra alteram as características e interações climáticas. "Quando discutimos variações climáticas estamos falando também em impactos socioeconômicos e na biodiversidade. Por isso, centros meteorológicos podem usar o modelo para trabalhar em prevenção, focando em políticas públicas ou na tomada de decisão sobre ações de mitigação de eventos extremos", completa Alves.

Sistema de inteligência artificial 'ouve' saúde de recife de coral

REUTERS Quando uma equipe de cientistas ouviu um áudio gravado debaixo d'água ao largo de ilhas na Indonésia central, escutou um som que parecia o de uma fogueira crepitando. Era um recife de coral cheio de vida, de acordo com um estudo publicado no mês passado por cientistas de universidades britânicas e indonésias. Eles utilizaram centenas de áudios desse tipo para treinar um programa de computador para monitorar a saúde de um recife de corais, ouvindo-o. Um recife saudável emite um som complexo "crepitante, como o de uma fogueira de acampamento", devido a todas as criaturas que vivem nele, disse o pesquisador-chefe do estudo, Ben Williams. Um recife degradado é mais silencioso. O sistema de inteligência ar-



Vida marinha na Grande Barreira de Corais em Cairns, Austrália. Fotos: Jackson - 25 out.19/Reuters

tificial (IA) analisa dados como a frequência e o volume do som dos áudios e consegue determinar com pelo menos 93% de precisão se o recife está saudável ou degradado. A informação consta do estudo da equipe, publicado no periódico Ecological Indicators. Os cientistas esperam que esse novo sistema de inteligência artificial ajude grupos conservacionistas em todo o mundo a monitorar mais eficientemente a saúde dos recifes. Os recifes de corais estão sob pressão das emissões de carbono provocadas pelo homem, que vêm elevando a temperatura da superfície oceânica em 0,13 grau a cada década e elevaram sua acidez em 30% desde a era industrial. De acordo com a Rede Global de Monitoramento de Recifes de Corais, cerca de 14% dos recifes do mundo foram

perdidos entre 2009 e 2018 — uma área 2,5 vezes maior que o parque Nacional Grand Canyon, nos Estados Unidos. Apesar de cobrirem menos de 1% do leito oceânico, os recifes de corais alimentam mais de 25% da biodiversidade marinha, incluindo tartarugas, peixes e lagostas, razão pela qual são fortemente visados pela indústria pesqueira global. O conservacionista indonês Syafyudin Yusuf, professor na faculdade de ciências marinhas da Universidade Hasanudin, disse que a pesquisa vai ajudar na monitoração da saúde de recifes na Indonésia. Os cientistas também esperam colher gravações submarinas de recifes na Austrália, no México e nas ilhas Virgens, para ajudá-los a avaliar o progresso de projetos de restauração de recifes.

Em nome do bem-estar, TikTok afasta chefe

Joshua Ma foi intimado a 'tirar uma folga' depois de falar que 'não acreditava' em licença-maternidade na empresa

MERCADO
Cristina Criddle

LONDRES | FINANCIAL TIMES O executivo do TikTok que está no centro de um confronto cultural com funcionários da empresa no Reino Unido foi substituído depois de afirmar que “não acreditava” em licença-maternidade. Joshua Ma, executivo sênior da companhia chinesa ByteDance —proprietária do aplicativo de vídeo viral—vai “tirar uma folga” e “recuar” de seu papel de líder da equipe de comércio eletrônico no Reino Unido, segundo um email visto pelo Financial Times e enviado na última quarta (8). A medida se segue a uma investigação do FT, que revelou os comentários de Ma num jantar com funcionários da equipe de comércio eletrônico

do TikTok em Londres. No email para a equipe, a empresa disse que está conduzindo uma investigação sobre as denúncias. “Como vocês devem saber, o Financial Times publicou hoje uma reportagem com algumas afirmações desanimadoras sobre nossas operações da TikTok Shop no Reino Unido”, dizia o email para a equipe, sob o título “Mantendo uma cultura de trabalho positiva”. “Esperamos que essa experiência dolorosa nos torne uma equipe mais forte, mais unida e melhor em longo prazo”, dizia o email. A reportagem do Financial Times, baseada no testemunho de dez funcionários atuais e ex-funcionários, revelou que o lançamento do recurso de compras ao vivo no TikTok no Reino Unido provocou um êxodo de funcionários da

“Embora recebamos e encorajemos ideias independentes dos membros da equipe, nem todas as ideias são implementadas e esta [censurar comentários] nunca foi considerada

TikTok em comunicado oficial

equipe de comércio eletrônico em Londres. Alguns funcionários se queixaram de uma cultura empresarial agressiva, com metas e expectativas irreais que contrariam as práticas de trabalho britânicas. Os funcionários disseram que tinham de trabalhar mais de 12 horas por dia, começando cedo para atender chamadas com a China e terminando tarde, pois as transmissões ao vivo eram mais bem-sucedidas à noite, com horas extras celebradas nas comunicações internas. Alguns membros da equipe de e-commerce foram removidos das contas dos clientes depois de sair em férias anuais. “O bem-estar de nossa equipe é nossa principal prioridade... [e] a liderança apota 100% o uso de férias anuais para recarregar totalmente e passar tempo com amigos e família-

res”, dizia o email à equipe. O TikTok disse que está investindo fortemente na expansão dos recursos para oferecer uma experiência positiva aos funcionários. O email também instou a equipe a relatar quaisquer violações do código de conduta da ByteDance por meio de uma linha direta anônima. Patrick Normmensen foi anunciado como sucessor interino de Ma. De acordo com o email, Normmensen liderou o lançamento do comércio eletrônico no Reino Unido e era responsável pelas operações de criadores, além de beleza e outras categorias. De acordo com seu perfil no LinkedIn, Normmensen trabalha para a ByteDance desde 2016, quando o TikTok foi lançado, e também para o Musical.ly, aplicativo de música viral que a ByteDance adquiriu em 2017. “Ele conhece muito bem o negócio e será uma forte liderança interina”, dizia o email. O TikTok se recusou a comentar o email. Na última quarta-feira, um documento compartilhado internamente por um dos funcionários do TikTok sugeriu que as palavras-chave relacionadas à investigação do FT fossem censuradas dos comentários nas transmissões ao vivo do TikTok Shop. A lista incluía as palavras: “Financial Times”, “reportagem”, “cultura”, “tóxico”, “Joshua Ma”, “capitalista” e “maternidade”. Referindo-se ao documento, o TikTok disse: “Embora recebamos e encorajemos ideias independentes dos membros da equipe, nem todas as ideias são implementadas e esta nunca foi considerada”.

Tradução Luis Roberto M. Gonçalves



Linn da Quebrada, ou Lina, como também é conhecida, no camarote da Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro. Mariana Bergami - 22 abr. 22/Folhapress

Lina será nova consultora de diversidade na Ambev

INTELIGÊNCIA DE MERCADO
Amon Borges

Linn da Quebrada foi anunciada na última sexta-feira (10) como nova consultora de diversidade e inclusão da Ambev. Segundo a empresa, ela atuará em projetos internos e externos voltados a pessoas LGBTQIA+, especialmente trans e travestis. A atriz, cantora e compositora travesti terá entre as atividades encontros com os cerca de 130 colaboradores trans da companhia —em um universo de quase 30 mil colaboradores— para identificar os principais problemas, as experiências e as conquistas desses profissionais. Lina, como também ficou conhecida ao participar do Big Brother Brasil 22, também vai discutir práticas de represen-

tatividade com outros parceiros e profissionais da Ambev. “Essa é uma dívida, mas também uma grande responsabilidade de pensar ações que de fato permitam que estejamos vivas e atuantes em nosso momento presente. Isso muda não o futuro, mas o aqui e agora, o presente”, afirma Linn da Quebrada à Folha. De acordo com a empresa, a proposta é que ela tenha total abertura para a construção de caminhos e iniciativas que levem a uma atuação mais inclusiva para a comunidade trans e travesti na sociedade. “Estou muito feliz, muito honrada e quero conseguir ocupar esse cargo dentro da empresa da melhor maneira possível e poder mostrar não apenas nossas cicatrizes, mas o quanto somos excelentes enquanto profissionais. E que o mínimo que é preciso é que haja uma oportunidade pa-

“Estou muito feliz, muito honrada e quero conseguir ocupar esse cargo dentro da empresa da melhor maneira possível e poder mostrar não apenas nossas cicatrizes, mas o quanto somos excelentes enquanto profissionais

Linn da Quebrada cantora

ra que a gente possa mostrar muito mais e possa ser muito mais”, diz a artista. No BBB, ela, que tem tatuado “Ela” na testa, teve de explicar algumas vezes por que não deveria ser tratada com o pronome masculino, como ocorreu algumas vezes dentro do programa da Globo. “Eu fiz essa tatuagem por causa da minha mãe. No começo da minha transição, a minha mãe ainda errava e me tratava no pronome masculino. Eu falei: ‘Vou tatuar na minha testa’. Por isso ficou na dúvida, lê e aí vocês lembram que eu quero ser tratada com pronome feminino”, disse Linn da Quebrada na casa a pedido do apresentador Tadeu Schmidt. A artista será ainda uma das embaixadoras do Lager, grupo de afinidade que discute ações voltadas para o público LGBTQIA+ na empresa.

“Acreditamos no poder da união e do diálogo para transformar a vida e a realidade de pessoas trans ou LGBTQIA+ e é motivo de muito orgulho contarmos com uma mulher negra e trans com tanta representatividade como a Lina atuando como consultora em nossa área de D&I”, destaca a Ambev em nota. A empresa ainda ressalta o papel fundamental de pessoas cis no processo de mudança. “Só vamos conseguir construir um futuro em que todas as pessoas tenham mais razões para brincar se a mudança começar em cada um de nós.” Desde 2016, a Ambev tem apresentado ações em relação a diversidade. Uma delas é um suporte a retificação civil dos nomes de todos os colaboradores trans/travestis que desejarem, projeto intitulado “Me chame pelo meu nome (e pronome também!)”.

EUA anunciam capacitação em saúde para 500 mil

LOS ANGELES | AP O governo dos Estados Unidos anunciou na semana passada um novo Corpo de Saúde das Américas para capacitar a 500 mil profissionais da saúde na região em parceria com a Opas (Organização Pan-Americana da Saúde), após a pandemia de Covid-19. A capacitação em saúde custará US\$ 100 milhões (R\$ 510 milhões), dos quais Washington pagará uma parte. Trata-se de “fornecer habilidades mais avançadas aos profissionais de saúde existentes [...] no âmbito da pesquisa, da prestação de serviços e, até certo ponto, da administração da saúde pública”, disse uma fonte do governo que solicitou anonimato durante uma teleconferência. O Corpo de Saúde funcionará como um consórcio e será associado a instituições acadêmicas nos EUA e em toda a região para aproveitar e ampliar os programas de capacitação existentes do governo e da Opas, o escritório regional para as Américas da OMS (Organização Mundial da Saúde). A Covid-19 teve um efeito devastador na América Latina e Caribe, com mais de 3,7 milhões de mortos, o que representa mais de 40% das vítimas fatais registradas no planeta —a OMS acredita que o número real é ainda maior.

A pandemia “nos mostrou as muitas rachaduras em nossos sistemas de saúde globais e destacou a importância de sistemas de saúde fortes e resilientes”, afirma um comunicado da Casa Branca. A China aproveitou o contexto da pandemia para ganhar influência em uma região onde se tornou o primeiro ou segundo parceiro comercial de muitos países. Pequim também distribuiu vacinas anti-Covid. Cuba também enviou médicos para trabalhar no exterior, o que irritou o governo do ex-presidente americano Donald Trump, que reagiu com a suspensão do financiamento do Opas por supostos vínculos com esta prática. A Casa Branca fez o anúncio no dia 8, algumas horas depois de o presidente Joe Biden pronunciar um discurso na Cúpula das Américas, em Los Angeles, uma reunião marcada por polêmicas devido à ausência de vários chefes de Estado em protesto contra a exclusão dos governantes da Venezuela, Nicarágua e Cuba.

Suposta melhora na economia da Venezuela omite realidade do país

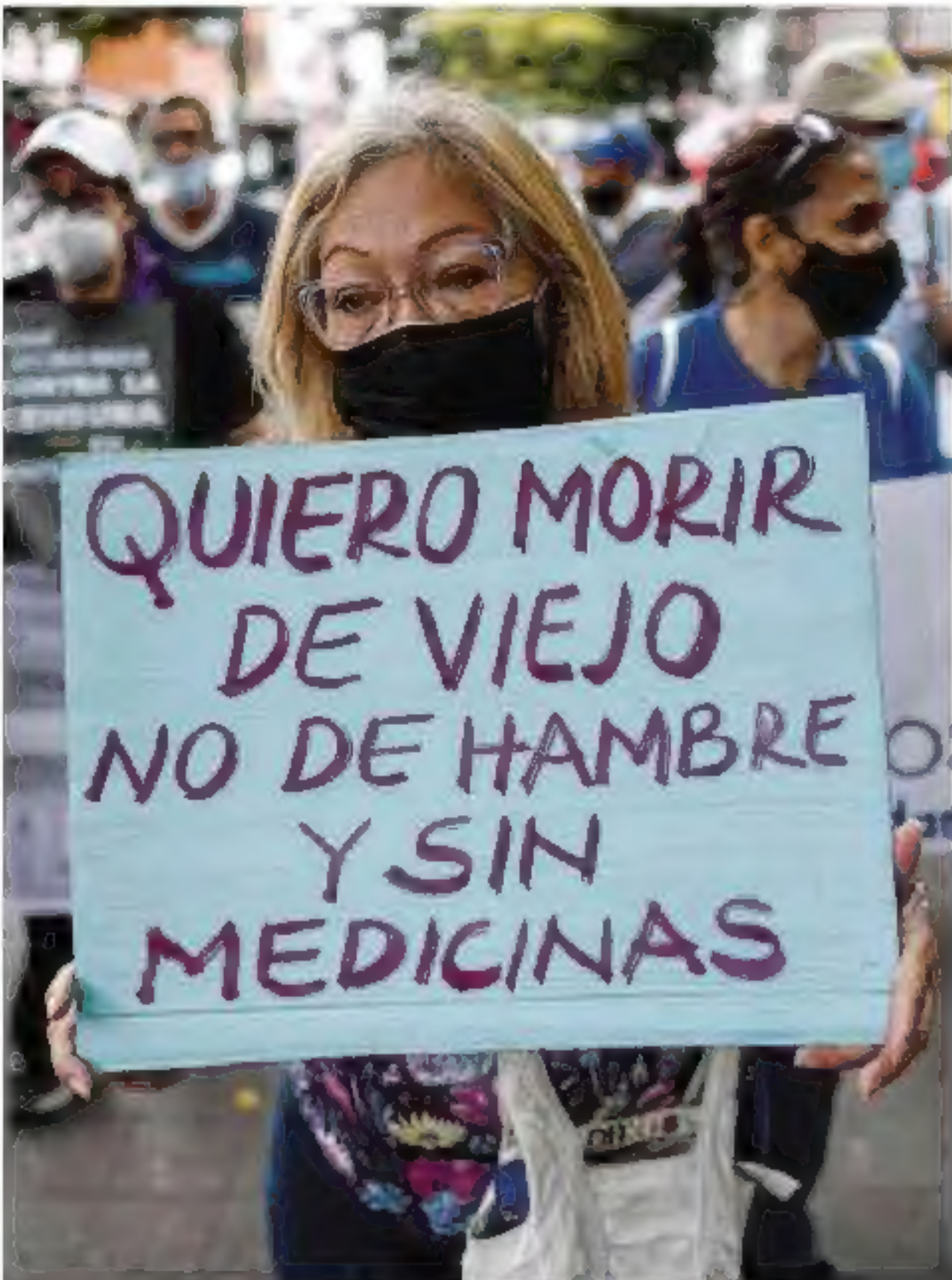
Após aceitação do dólar como moeda informal, governo vende discurso que tenta maquiar vida dos cidadãos

LATINIDADES

Sylvia Colombo

BUENOS AIRES "A Venezuela se arrumou", repetem por aí os líderes chavistas. Parte da classe média e os poucos visitantes que vão a Caracas aceitam essa frase, propagandeada pelo regime, como normal. Desde a aceitação do dólar como moeda "informal" do país, voltaram a abrir restaurantes, lojas de roupa e de carros de luxo, enquanto torres começaram a subir no leste da cidade. Há até mesmo os chamados "cassinos socialistas", que funcionam também em dólares. O mais badalado funciona no recém-reformado e mítico hotel Humboldt, no alto do emblemático Ávila. O discurso de que a "a Venezuela se arrumou" ("Venezuela se arregló", em espanhol), é obviamente mentiroso. Seria possível enumerar vários fatos que desmontam a frase. Segundo a Provea (Programa Venezuelano de Educação e Ação em Direitos Humanos), no ano passado 1.414 pessoas foram vítimas de execuções extrajudiciais, a maioria delas pelo Fies (Forças de Apêndices Especiais, um grupo de elite da polícia) e pelo Conas (Comando Nacional Antiterrorismo e Sequestro, vinculado à Guarda Nacional Bolivariana). Falta comida e remédios para a maioria da população, já saíram do país quase 7 milhões de venezuelanos, segundo dados da Acnur (Alto-comissariado das Nações Unidas para os refugiados), enquanto a natureza e o homem padecem a dilapidação do chamado "Arco Mineiro", explorado sem lei nem regulamentação que garanta a saúde das que apontam a vida aí. Mesmo assim, o bordão vem sendo usado com frequência como parte de uma diplomacia que tem como intenção maquiar a situação em que vivem os venezuelanos, criando um discurso em que se vê uma espécie de melhora: as últimas eleições, cheias de irregularidades, mas, enfim, eleições com participação da oposição, o fato de o

dólar ter criado bolhas de riqueza e de ostentação, como a do bairro de Las Mercedes, em Caracas, num momento em que há uma perspectiva de flexibilização das sanções impostas pelos EUA ao país, em troca de petróleo. Esta última por ora é apenas uma hipótese, mas já animou a ditadura. Afinal, os EUA, que reconhecem, ainda, oficialmente, o líder opositor Juan Guaidó como presidente, deram sinais de desejar uma reaproximação econômica com o ditador do país, depois de iniciada a invasão da Ucrânia e a possibilidade de os norte-americanos precisarem do petróleo venezuelano. Compram esse discurso países como Argentina e México, cujos líderes, Alberto Fernández e Andrés Manuel López Obrador, assumiram certa defesa do regime, e outros aliados da esquerda regional, que preferiam, por exemplo,



Manifestante segura cartaz que diz 'Quero morrer de velhice, e não de fome e sem medicamentos', em protesto em Caracas

Federica Porto - 14 de jun 22/ABF



Homem passa por concessionária da Ferrari na capital da Venezuela

Leonardo Fernandez Vitoria - 15 de jun 22/Reuters

a retomada da Unasul, em vez de fóruns como a Cúpula das Américas, esvaziada neste ano pela recusa dos EUA em convidar países considerados ditaduras (Venezuela, Cuba e Nicarágua), assim como os da América Central (El Salvador, Honduras e Guatemala), com quem o país do norte vive fricções por conta da imigração ilegal. Em uma conversa com o podcast da Americas Quarterly, o editor do Caracas Chronicles, Raúl Stolk afirmou que a capital venezuelana está muito mais bonita e que deixaram de ocorrer apagões e tantos sequestros na cidade. "Mas as coisas estão melhores? Claro que não. Há muito mais desigualdade. Se há alguns que podem comer nesses restaurantes caros e comprar Ferraris, a imensa maioria está ainda mais pobre. Mas é certo que desde 2019, quando o regime liberou o uso de dólares na economia popular, um certo entusiasmo tomou conta da classe média, cuja vida parece ter normalizado, embora seja uma normalização superficial", afirmou. "Por outro lado, as pessoas se cansaram de tanta manifestação, tanto ato, que se mostraram intensos em 2014, 2017 e 2019, com a sugestão de mudança que Guaidó representou. Agora a desconexão com a política é total para os que não estão na bolha consumista. A preocupação é sobreviver", acrescenta. A chuva de dólares no país vem de distintas formas. Com a saída de tanta gente, principalmente depois de 2014, aumentaram as remessas. Cheios de sanções para viajar, funcionários e empresários chavistas resolveram gastar e até investir dentro do próprio país. O comércio ilegal de diversos produtos também favorece a um número significativo de gente. Os que podem sair do país e trazer produtos e moedas também o fazem. O regime também se aproveita, de certo modo, do abandono midiático do país. Enquanto havia protestos, Guaidó levando gente às ruas, a comunidade internacional parecia mais preocupada do que hoje. Mesmo os grandes meios de comunicação mostram um cansaço com a questão venezuelana. De certa forma, isso reforça a tese de que "a Venezuela se arrumou". Para a maioria dos venezuelanos não há arrumação nenhuma. A maior parte da população vive de subsídios, bolsas assistenciais de, no máximo, US\$ 4, salários mínimos de US\$ 3 e caixas Clap (comida distribuída seletivamente pelo governo). A economia encolheu mais de 80% desde que Maduro assumiu, em 2013. O caminho para uma real recuperação econômica, política e institucional levará mais tempo e não bastará dolarizar o país. ou-se um ciclo de governos de esquerda. No Brasil, o PT. No Uruguai, a Frente Ampla, com três mandatos consecutivos: Tabaré Vázquez, José Mujica e, de novo, Tabaré Vázquez. Em 15 anos, a Frente Ampla promoveu importantes conquistas. O Parlamento legalizou o aborto, aprovou uma lei legalizando o casamento gay e também regulamentou o comércio de maconha. A taxa de pobreza caiu de 30% para 8%, e a indigência praticamente desapareceu. Na vanguarda dos direitos civis, o Uruguai parecia ter se tornado o oásis do Cone Sul. Nas eleições de 2019, porém, "se acabou el recreo". Não por acaso, Jair Bolsonaro festejou a posse de Lacalle Pou. Este não chega a ser da laia do brasileiro, vem de uma linhagem do tradicional Partido Branco. Todavia, se a história ensinou algo aos intelectuais uruguaios, é a prestar atenção em Brasília. Na noite que saiu o Datafolha, prenunciando uma possível vitória de Lula, houve brinde no parque Rodó.

Lutas políticas aproximam história de Brasil e Uruguai

OPINIÃO

Karla Monteiro

Journalista e escritora, publicou os livros "Karinatopas: Uma viagem à Índia", "Sub Presidência: A Rotina de Guerra de um Médico Brasileiro" (com Marcio Maranhão) e "Samuel Wainer: O Homem que Estava Lá". "Se acabou el recreo", repete em tom jocoso a minha anfitriã, Virginia Martínez, historiadora, escritora, produtora e diretora de importantes documentários retratando a ditadura uruguaia. A primeira vez que pronunciou o bordão do chamado Partido Militar foi quando lhe perguntei como estava o Uruguai de Luis Lacalle Pou, eleito em 2019 por uma coalizão conservadora, após 15 anos da progressista Frente Ampla. A casa de Virginia, uma construção antiga e elegante, herança espanhola, fica no parque Rodó, a poucas quadras da sede do Mercosul, um

prédio histórico defronte do Prata. Nunca havia me sentido assim: sul-americano, inserida num contexto que vai além das nossas fronteiras. No Brasil, vivemos de costas para o sul do continente, olhando para uma miragem: os EUA. Já os uruguaios são atentos às glórias e derrotas que nos une. Em "La Vida Es Tempestad", livro que lançou em 2017, pela Banda Oriental, Virginia nos propõe exatamente uma travessia pelas lutas políticas e sociais que entrelaçam a América do Sul. A obra percorre a saga da família de Rafael Barrett, escritor espanhol radicado no Paraguai. Celebrado por Jorge Luis Borges, Barrett é considerado o fundador da cultura paraguaia contemporânea e o inventor da crônica social latino-americana. Na obra de Virginia, três gerações: Rafael Barrett, seu filho, Alejandro, e a neta, Soledad. Em comum, um caminho pontilhado por golpes de Estado e ditaduras, lutas sociais e resistência, derrotas políticas e exílios, além das traições. Entre o desembarque de Rafael Barrett no Paraguai, em 1904, e o assassinato de Soledad pela ditadura brasileira, em 1973, desenrola-se nas páginas a nossa história, a história sangrenta do século 20 na América do Sul. A saga termina em Recife, numa emboscada armada pelo delegado Fleury, o chefe do Dops de São Paulo. Seguindo as mudanças e exílios que as tormentas políticas impuseram à sua família, Soledad se tornara, aos 15 anos, um símbolo da luta contra o avanço nazifascista no Uruguai do começo da década de 1960. Filiada à União de Juventudes Comunistas, fora sequestrada por um comando de extrema direita e teve as pernas tatuadas com suásticas.

Nos anos que se seguiram, empreenderia um périplo. Primeiro, viveria em Moscou. Depois, radicaria-se em Cuba, onde se casou e teve uma filha com um marinheiro brasileiro, José Maria Ferreira de Araújo, integrante da Vanguarda Popular Revolucionária, a VPR de Carlos Lamarca. Naquele tempo, Havana era o destino para o treinamento de guerrilheiros dispostos a lutar contra as ditaduras militares que pipocavam na América Latina. O casamento não durou. De regresso ao Brasil para integrar uma ação da VPR, José Maria desapareceu numa rua da capital paulista. Em dezembro de 1970, chegou a vez de Soledad de participar de uma ação contra a ditadura brasileira. Desembarcou em Recife para trabalhar na organização do retorno de um grupo de combatentes da VPR treinados em Cuba. Acabou traída pelo coração,

ao se apaixonar pelo famoso Cabo Anselmo, infiltrado no grupo pelo delegado Fleury que a entregou para a morte, aos 28 anos. A olho nu, o Uruguai e o Brasil de hoje parecem distantes. Andando pelas arborizadas ruas de Montevideo, o que se vê é uma sociedade sóbria, igualitária, que não se rende ao modelo norte-americano de consumo. O comércio é tímido, o casário, preservado, e tudo remete a outro tempo, um tempo mais lento e mais generoso. Inevitável como os uruguaios se mantêm à parte da orgia capitalista. Aliás, agora entendido José Mujica e o seu Fusca. Nas questões de política, porém, aqui sabe-se bem: as coisas desgracadamente se emparelham. As ditaduras terminaram em meados da década de 1980. Depois vieram os anos de redemocratização. No começo dos 2000, inici-

ou-se um ciclo de governos de esquerda. No Brasil, o PT. No Uruguai, a Frente Ampla, com três mandatos consecutivos: Tabaré Vázquez, José Mujica e, de novo, Tabaré Vázquez. Em 15 anos, a Frente Ampla promoveu importantes conquistas. O Parlamento legalizou o aborto, aprovou uma lei legalizando o casamento gay e também regulamentou o comércio de maconha. A taxa de pobreza caiu de 30% para 8%, e a indigência praticamente desapareceu. Na vanguarda dos direitos civis, o Uruguai parecia ter se tornado o oásis do Cone Sul. Nas eleições de 2019, porém, "se acabou el recreo". Não por acaso, Jair Bolsonaro festejou a posse de Lacalle Pou. Este não chega a ser da laia do brasileiro, vem de uma linhagem do tradicional Partido Branco. Todavia, se a história ensinou algo aos intelectuais uruguaios, é a prestar atenção em Brasília. Na noite que saiu o Datafolha, prenunciando uma possível vitória de Lula, houve brinde no parque Rodó.

folhamais

Marcelo (Lucas Leto), Tenório (Murilo Benício), Zuleica (Aline Borges), Roberto (Cauê Campos) e Renato (Gabriel Santana) em 'Pantanal' Índice: Mônica J. Lima / JF Imagem

Aline Borges diz que busca por raízes a ajudou em 'Pantanal'

Zuleica, segunda mulher de Tenório, traz questão racial para trama da novela

■
Vitor Moreno

SÃO PAULO Apesar de já ser citada há bastante tempo na trama, foi só no último sábado (11) que os telespectadores de "Pantanal" (Globo) foram apresentados a Zuleica, a segunda mulher de Tenório (Murilo Benício). Bigamo, ele já era casado com Maria Branca (Isabel Teixeira) quando começou a manter a outra família.

Na pele da personagem está a atriz Aline Borges, 47, que tem no remake da trama de Benedito Ruy Barbosa sua maior oportunidade na televisão. Apesar de já ter feito papéis secundários em outras novelas da Globo, ela foi es-

calada para o papel, vivido na versão original por Rosamaria Murtinho, após ser vista nas redes sociais pelo neto do autor, Bruno Luperi, responsável por atualizar a trama.

A atriz havia acabado de assistir a uma live do grupo Potências Negras no Dia da África de 2020, na qual a assessora jurídica baiana Francine Cardoso ensinava amarrações de turbantes. Ela decidiu fazer uma nela também, no que foi acompanhada pela filha, Ninoca, e publicou um vídeo das duas na internet.

"O Bruno Luperi viu um vídeo meu no Instagram e, nesse vídeo, eu falava sobre a importância do turbante", lembra a atriz à Folha. "Eu tinha acabado de fazer uma oficina sobre turbante. Fiz junto com

minha filha, falando sobre a importância da gente entender nossa história e todo esse processo de apagamento que a gente sofre."

Esse contato com a própria ancestralidade era importante porque, na nova versão da trama, Zuleica vai ganhar uma camada a mais — originalmente a personagem era branca. Aline comemora o fato de estar reinterpretando o papel já vivido por "um grande ícone da teledramaturgia", mas também que este tenha lhe ajudado a se reconectar com suas origens.

Mas ela diz que esse processo não foi sempre tranquilo dentro de casa. "Minha mãe e meu pai não reconhecem suas origens", lamenta. "Eu fui criada entendendo que eu não

“

Essa personagem chega para me ensinar, me fortalecer enquanto mulher preta, e também para que minha história sirva de exemplo para que todos entendam a importância de resgatar suas conexões

Aline Borges
atriz

era uma mulher preta, fugindo das minhas raízes."

"Minha mãe, quando eu era pequena, colocava pregador no meu nariz para que ele ficasse mais fino, alisava meu cabelo, tudo que ela pudesse fazer para fugir dessa identidade racial, dessa negritude, ela fazia", lembra. "Não por mal, ela queria me proteger do mundo. A gente vive num mundo racista, num país racista."

Aline diz que ela própria já se pegou praticando o racismo estrutural, antes mesmo de saber do que se tratava. "Eu tenho um irmão gêmeo que é negro retinto, o meu irmão bem preto e eu mais clara", conta. "Eu vi meu irmão passar por situações dentro de casa que me fizeram ao longo da vida não querer ser preta. Porque eu não queria sofrer."

Ela dá um exemplo, que aconteceu quando ela tinha 17 anos. Foi morar numa outra cidade (Juiz de Fora, no interior de MG) e estudar num colégio particular, diz. "E lá, nesse colégio particular, não tinha nenhuma pessoa preta. Era um bairro de classe média alta. Quando as meninas vieram conversar comigo na ho-

ra do recreio, fiquei com vergonha de dizer que eu tinha um irmão preto."

"Eu inventei um outro irmão", lembra. "Disse que ele tinha olhos claros, pele parecida com a minha e cabelo liso jogado para trás. E eu seguí com aquela mentira e um dia meu irmão foi a Juiz de Fora e queria me encontrar na porta da escola para matar a saudade. Eu não tive coragem de dar o endereço a ele porque fiquei com vergonha. Que loucura que é isso, que crueldade."

"Meu irmão ficou me esperando a quatro quarteirões da escola", comenta. "Eu me despedi das minhas amigas, sem entender porque eu tinha feito aquilo, com uma vergonha... Pela primeira vez eu entendi um pouco o que o racismo era capaz de fazer."

Foi só recentemente, aos 42 anos, que ela se aproximou com mais profundidade da pauta racial, ao participar do espetáculo "Contos Negreiros do Brasil". "A partir daí, quando eu me reconheci naquele espetáculo, tudo mudou na minha vida", afirma. "Eu comecei a me conectar com minhas raízes de mulher preta. Comecei a entender minha missão como artista, como mulher preta que reconhece sua identidade."

Ela avalia que, enquanto fugia de sua ancestralidade, acabava fechando portas. "Eu não era nem branca, porque eu não me encaixava no perfil de mulher branca; nem era preta. Eu ficava ali no meio do caminho", diz. "Eu entendi que esse personagem só me chegou porque eu tinha me reconhecido como mulher preta."

E a notícia de que entraria em "Pantanal" não poderia ter chegado em melhor hora. "Estou há 17 anos nessa profissão e nunca tive ninguém que me desse a mão para me puxar", conta. "Fui muito na resistência, venho de uma família simples, de Parada de Lucas [zona norte do Rio]. Lembro que quando meu pai e minha mãe entenderam que eu queria fazer teatro, todo mundo foi muito contra, falaram: 'pelo amor de Deus, vai estudar'. Como se não fosse preciso estudar para ser atriz."

Agora, ela não esconde o orgulho de sua trajetória. "Essa personagem que chega nessa trama, onde tem poucas pessoas pretas para discutir questões raciais, tem um papel importantíssimo, que me faz entender toda a minha história, que dá sentido à minha profissão, à minha missão como ser humano", celebra. "Eu me emociono muito de entender a responsabilidade e como está tudo conectado."

"Essa personagem chega para me ensinar, me fortalecer enquanto mulher preta, e também para que minha história — que atravessa milhares de mulheres pretas — sirva de exemplo para que todos entendam a importância de resgatar suas conexões."

Televisão não dá conta de oferecer o volume de humor que consumimos hoje

OPINIÃO

Rosana Hermann

Escritora, roteirista e blogueira pelo Boninho desde que cobria o primeiro BBB há 20 anos

Todos os programas infantis em um dia povoaram as manhas da TV brasileira desaperceberam depois que a internet se popularizou. Aparelmente as crianças trocaram os shows com apresentadoras bonitonas pelo canal da Galinha Pintadinha.

Mas e os programas de humor que dominaram a cena por tantas décadas, acabaram? Morreram? Foram esquecidos pelo público?

Para responder a essa última pergunta fiz uma enquete

nas minhas redes sociais perguntando quais os três programas de humor mais lembrados da TV brasileira. Poucos mais de 500 pessoas responderam. Montei uma lista com as respostas e selecionei os dez mais votados.

O resultado foi bem curioso porque os dois programas mais mencionados foram "Casseta e Planeta", que saiu do ar há mais de uma década, e o "TV Pirata", que acabou há nada menos que 30 anos. Ou seja, o brasileiro está bem de memória. Em terceiro lugar ficou "A Praça é Nossa", único da lista que ainda está no ar, aliás, desde os anos 1980.

Outro ponto interessante: tirando a Praça do SBT e o Pânico que saiu da Rede TV

em 2012 e acabou depois de uma temporada na Band em 2017, todos os programas de humor da lista dos mais lembrados eram da Rede Globo. "Escolinha do Professor Raimundo", "Os Normais", "Chico City", "Zorra Total", "Sai de Baixo", "Trapalhões", "Viva o Gordo". Também teve muitos votos para "Lady Night", que ocupa uma categoria especial de talk show de humor com Tatá Werneck.

Curiosamente apenas uma pessoa lembrou do "CQC", embora alguém tenha mencionado um "Cé Que Sabe", que eu imagino, seja um engano em relação à "Custe o Que Custar", o CQC.

Mas, se tanta gente gostava e ainda lembra de tantos hu-

morísticos, por que eles não estão mais no ar? Por que não se produzem sitcoms como "Sai de Baixo" nas emissoras abertas? Foi a onda de stand-up comedy que tirou o humor da TV e levou a comédia para os palcos?

[...]

Com esse poderio humorístico das redes e das plataformas, a TV ficou insegura para produzir programas caros de humor

Uma provável resposta é que "a internet matou o humor na televisão". Se antes tínhamos programas com dia e hora nas grades das emissoras, agora o humor é uma linguagem do dia a dia das redes, presente em todos os memes, vídeos, mensagens de textos, emojis, gifs e figurinhas.

É como se o público tivesse se apropriado da produção de humor. A TV não dá conta de oferecer o volume de humor que a gente consome. Outra resposta é que a TV não consegue concorrer com o streaming. Se você quer rir você escolhe uma série de humor e se esbalda na hora que quiser.

Com esse poderio humorístico das redes e das plataformas, a TV ficou insegura para produzir programas caros de humor e passou a usar os canais a cabo como "teste". Quando programas dão muito certo no GNT ou no Multishow, como no caso de "Lady Night" e "Que História É Essa, Porchat?", eles ganham o di-

reito de ir para a Rede Globo. Ou quando um talento aparece, como é o caso do genial Paulo Vieira, a Globo abre alguns espaços, cria quadros em programas de linha como o Fantástico, dá um espaço dentro de um reality como o "Big Brother Brasil".

Mas a TV não desistiu de tentar. A Band, por exemplo, anunciou para junho a estreia da sitcom de humor "Nóis na Firma", com o grupo Café com Bobagem e um elenco com Moacyr Franco, Marcelo Medici, Gorette Milagres, Rôciê, entre outros. Faustão continua com seu quadro de cassetas. De vez em quando voltam os quadros de pegadinhas no SBT. Ainda assim são coisas muito tímidas perto dos micos que dominavam.

O que eu sei é que o humor não morreu. Nem foi para o concorrente. Deve estar apenas hibernando na memória afetiva da gente, esperando tempos melhores para poder voltar. Dias melhores virão.